

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

ANDERSON DE MEDEIROS LIMA

**O MOVIMENTO PASSIONAL NO DISCURSO RELIGIOSO
NEOPENTECOSTAL DA IGREJA BOLA DE NEVE**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**SÃO PAULO
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANDERSON DE MEDEIROS LIMA

**O MOVIMENTO PASSIONAL NO DISCURSO RELIGIOSO
NEOPENTECOSTAL DA IGREJA BOLA DE NEVE**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua Portuguesa, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira.

**SÃO PAULO
2010**

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai e Criador de tudo e todos, por ter me dado a oportunidade de reconstruir minha vida, de recomeçar como uma criança que precisa aprender a andar. Por ter poupado minha vida e me dado a Graça de, hoje, andar em Seu caminho. Todas as palavras seriam poucas para expressar minha gratidão. Obrigado, Papai. A Ti seja toda honra e toda Glória, para todo o sempre.

A Jesus, Mestre e Senhor, por ter me alcançado com Sua Graça, Seu Amor. Por ter me ensinado, não só no passado, mas no presente, tudo que me faz progredir na fé. Por me estender a mão nos momentos de maior dificuldade e me sustentar nas horas de maior agonia. Obrigado, Amigo. A Ti seja toda honra e toda Glória para todo o sempre.

Ao Divino Espírito Santo, Consolador e Companheiro, por me guiar nas decisões mais importantes da minha vida, por me repreender e “puxar minha orelha” nas horas em que preciso foi, por me selar e estar sempre comigo me ajudando e dando-me a direção necessária neste trabalho. Obrigado, Doce Espírito. A Ti seja toda honra e toda Glória para todo o sempre.

Aos meus heróis, meu pai e minha mãe, João e Geralda, e meus irmãos, Eduardo e Maria Aparecida, e minha cunhada, Carolina, por, literalmente, terem me carregado no colo nos momentos em que mais precisei. Louvo a Deus pelas vossas vidas. Eu amo vocês com todas as forças que um homem pode amar os seus.

Aos meus tios e tias, primos e primas, que choraram muito no dia 27 de Outubro de 2001, mas que hoje riem e compartilham dos meus muitos momentos de alegria. A força, que muitas vezes me faz progredir e não desanimar, tem seu nascimento no amor que tenho por vocês e na vontade de fazer com que a minha vida seja o agradecimento por tudo o que fizeram por mim. Eu amo vocês.

Aos amigos que também choraram, mas que me deram força para prosseguir na caminhada. São tantos que seus nomes preencheriam folhas e mais folhas, mas seria injusto de minha parte se não citasse uma amiga em especial, Simone de Fátima, por ter me dado de presente o manual de vestibular da PUC. Si, sintá-se especial por ter sido usada por Deus para que eu começasse a traçar o caminho que hoje amo. Sinto-me rico por possuir tantos amigos verdadeiros. Obrigado

Ao Professor Doutor Luiz Antonio Ferreira, por embarcar em um sonho de um menino ainda na Graduação, por ter me ensinado não só tudo o que sei sobre Retórica, mas também a ser um professor apaixonado. Suas lições não servem apenas para a realização de uma

Monografia ou de uma Tese, mas para a formação de pessoas de bem que levarão seus ensinamentos por toda a vida.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC, em especial: Dr. João Hilton Sayeg Siqueira, Dra. Sueli Cristina Marquesi, Dr. Jarbas Vargas Nascimento, Dra. Mercedes Crescitelli, Dra. Vanda Maria da Silva Elias. Ainda na PUC, à Lourdes, secretária do Programa, mas, primeiramente, amiga de Graduação, pelas horas de estudo na caminhada em busca de uma formação primorosa, por sua paciência e por nos ajudar a resolver os problemas burocráticos nos momentos de maior tensão. Obrigado.

Aos professores, que ainda na Graduação, despertaram em mim o amor pela docência e pelas pesquisas: Dr. Luiz Antonio Ferreira, Dr. João Hilton Sayeg Siqueira, Dr. Jarbas Vargas Nascimento, Dr. Mercedes de Fátima Crescitelli, Dra. Nancy dos Santos Casagrande, Dr. José Everaldo Nogueira Júnior, Dr. Dino Preti. Obrigado.

Aos professores da banca, Professora Dra. Luciana Bracarense Costa Fernandez, por sua leitura apurada e carinhosa, Professor Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira, pela compreensão e pelos apontamentos tão ricos e cheios de sabedoria. Obrigado.

Aos meus amigos do Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos – ERA – por me proporcionarem a agradabilíssima presença de vocês no descobrir o que há de retórico no mundo. Obrigado.

À Marcia Lois e à Débora Rosalem Cardoso, por suas correções e sugestões. Obrigado.

À CAPES pelo apoio financeiro.

Senhor, Eu Te louvo por usar a vida de todas essas pessoas para me abençoar. Obrigado.

Dedico este trabalho:

A Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, por Vossa Graça, Amor e Misericórdia.

*As minhas pedras preciosas, meus sobrinhos, Carlos Eduardo Medeiros Viveiros Lima,
Rebeca Medeiros Viveiros Lima e Maria Luiza Medeiros Lima Sanches.*

- ¹ Há minas de onde se extrai a prata, e um lugar onde se refina o ouro.
- ² O ferro é tirado da terra, e da pedra se funde o cobre.
- ³ O homem põe fim às trevas: até nos últimos confins procura pedras na mais densa escuridão.
- ⁴ Longe da habitação dos homens, em lugares esquecidos dos pés do homem, abre um poço de mina;
longe dos homens fica pendente e oscila.
- ⁵ A terra, de onde procede o pão, é revolvida como por fogo;
- ⁶ safiras procedem das suas rochas, e seu pó contém pepitas de ouro.
- ⁷ Essa verdade, a ave de rapina a ignora, e os olhos do falcão jamais a viram.
- ⁸ Nunca a pisaram feras altivas, nem o feroz leão passou por ela.
- ⁹ O homem estende a mão contra a pederneira, e revolve os montes desde as suas raízes.
- ¹⁰ Abre túneis através da rocha; seus olhos vêem todos os seus tesouros.
- ¹¹ Procura as fontes dos rios, e traz para a luz o que estava escondido.
- ¹² Mas onde se achará a sabedoria? Onde habita o entendimento?
- ¹³ O homem não lhe compreende o valor; não se pode encontrar na terra dos viventes.
- ¹⁴ O abismo diz: Não está em mim; o mar diz: Ela não está comigo.
- ¹⁵ Não pode ser comparada com o ouro fino, nem a peso de prata se trocará.
- ¹⁶ Não pode ser comprada com o ouro de Ofir, nem com o precioso ônix, nem com a safira.
- ¹⁷ Com ela não se pode comparar o ouro ou o cristal, nem pode ser trocada por jóias de ouro.
- ¹⁸ Não se fará menção do coral nem do cristal; o preço da sabedoria está além dos rubis.
- ¹⁹ Não se lhe igualará o topázio da Etiópia; nem se pode comprar por ouro puro.
- ²⁰ De onde, pois, vem a sabedoria? Onde habita o entendimento?
- ²¹ Está encoberta aos olhos de todo vivente, oculta até das aves do céu.
- ²² A destruição e a morte dizem: Ouvimos com os nossos ouvidos um rumor dela.
- ²³ Deus entende o seu caminho, e sabe o seu lugar,
- ²⁴ pois ele vê as extremidades da terra, e vê tudo o que há debaixo dos céus.
- ²⁵ Quando estabeleceu a força do vento e tomou a medida das águas,
- ²⁶ quando decretou uma lei para a chuva e um caminho para a tempestade
acompanhada de relâmpago e trovões,
- ²⁷ então a viu e a manifestou; confirmou-a e também a testou.
- ²⁸ E disse ao homem: O temor do Senhor é a sabedoria, e apartar-se do mal é o entendimento.

RESUMO

Esta dissertação, presente na área de Língua Portuguesa, insere-se na linha de pesquisa: Texto e discurso nas modalidades oral e escrita. Objetiva desvendar as estratégias retóricas que constituem as três provas retóricas: ethos, pathos e logos, que acentuam o movimento passional no interior do discurso religioso da Igreja Bola de Neve. Como teoria de análise, este trabalho faz uso da Retórica desde a Retórica Clássica, de Aristóteles, a Nova Retórica, de Perelman & Tyteca, e as novas tendências da Retórica. Como teoria de apoio, faz uso da Análise Crítica do Discurso desenvolvida por Norman Fairclough. Apresentamos um percurso histórico no Cristianismo: Católico Romano e o Protestante.

Palavras chave: Retórica; Argumentação; Análise Crítica do Discurso; Discurso Religioso; Neopentecostalismo.

ABSTRACT

The present dissertation focuses on the research field of Text and Discourse in the Oral and Written Modalities. Its goal is to investigate the constitution of the rhetorical proof: ethos, pathos and logos in the religious discourse, which accentuates the passionate movement within the religious discourse of Bola de Neve Church . We present a panoramic view of the history of Christianity, Roman Catholic and Protestant. To achieve the established objective, we used the theories of Classic Rhetoric, The New Rhetoric and the Critical Discourses Analysis.

Key words: Rhetoric, Argumentation, Critical Discourse Analysis, Religious Discourse, Pentecostal movement in Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: DE CRISTO A NÓS: A HISTÓRIA DA IGREJA NEOPENTECOSTAL.....	17
1.1 O advento do Cristianismo	18
1.2 A Reforma da Igreja: o Protestantismo	22
1.3 O Protestantismo no Mundo	23
1.4 A Contra-Reforma	25
1.5 O Cristianismo no Brasil	25
1.6 O Pentecostalismo	28
1.6.1 O Pentecostalismo no Brasil	29
CAPÍTULO II: Neopentecostalismo	32
2.1 Neopentecostalismo	33
2.1.1 Exacerbação da guerra espiritual	34
2.1.2 A Teologia da Prosperidade	35
2.1.3 Liberalização dos esteriótipos	36
2.2 Neopentecostalização	37
2.3 A Igreja Bola de Neve Church	38
2.3.1 A história da Igreja Bola de Neve	38
CAPÍTULO III: Retórica e Análise Crítica do Discurso.....	42
3.1 História da Retórica.....	43
3.2 As divisões da Retórica	48
3.2.1 A Disposição	48
3.3 As provas retóricas.....	49
3.3.1 Ethos	49
3.3.2 Pathos.....	51
3.3.3 Logos	54
3.3.3.1 A busca pelos argumentos.....	54
3.3.3.2 Gêneros Oratórios	54
3.3.3.3 Adaptação do orador, contato dos espíritos, auditório e acordo prévio	56
3.4 Os Argumentos	61
3.4.1 Os argumentos baseados na estrutura do real.....	64
3.4.2 Os argumentos que fundamentam a estrutura do real	65
3.5 Análise Crítica do Discurso	66
3.5.1 Prática discursiva	68
3.5.2 Hegemonia	69

CAPÍTULO IV: DISCURSO NEOPENTECOSTAL: EVANGELIZAÇÃO OU SEDUÇÃO.....	71
4.1 Contato entre orador e auditório e adaptação do orador ao auditório	72
4.2 Ethos	76
4.3 Logos.....	80
4.3.1 Argumento Pragmático	81
4.3.2 Argumento de Autoridade.....	83
4.3.3 O Exemplo	86
4.3.4 A Ilustração	89
4.3.5 O Modelo	90
4.3.6 O Anti-modelo	91
4.4 Pathos	92
4.5 Ideologia e hegemonia.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
BIBLIOGRAFIA	109
ANEXOS	113

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O ato de tomar a palavra implica escolhas. Escolhas lexicais, sintáticas e argumentativas, entre outras, para construção do discurso. Discurso que é subjetivo, que tem uma intenção e um público alvo, um auditório e um fim proposto. Discurso que louva ou censura, absolve ou condena, aconselha ou desaconselha. Discurso que leva a uma ação e que comporta estratégias retóricas.

Estratégias que visam convencer e/ou persuadir um auditório, que pode ser composto por todo ser racional, auditório universal, ou por grupos definidos, auditório particular.

Nos dias atuais, o discurso religioso tem feito parte do cotidiano das pessoas. Basta, simplesmente, ligar o rádio, a televisão, o computador, abrir o jornal, para que ele salte aos nossos olhos. Discurso que busca angariar adeptos; fiéis; consumidores, que é eficaz e objetiva a adesão.

Tomaremos como base para nosso trabalho a definição de discurso de Fairclough (2001) que consiste no uso da linguagem como forma de prática social. Apreende-se, dessa forma, que o discurso, segundo o autor, é um modo de ação em que as pessoas podem agir sobre outras pessoas e sobre o mundo, como também um modo de representação. Ou seja, “o discurso é socialmente constitutivo” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91)

Há uma visível preocupação das igrejas com a juventude e, por isso, o comportamento discursivo da instituição Igreja, seja qual for sua denominação, revela que a construção de sentidos objetiva a persuasão por meio de temas ligados aos interesses de adolescentes e jovens adultos contemporâneos. Afirmar, categoricamente, que o uso do discurso se dá para a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação da instituição sobre o auditório nos coloca diante de uma questão delicada, pois entramos no universo da *doxa*, lugar retórico em que se excitam os mecanismos indecifráveis da fé. Como a retórica é amoral, não está preocupada com o verdadeiro ou o falso, mas com os meios de convencimento e/ou persuasão, os objetivos podem ser ou não nobres ou altruístas: importa a construção discursiva e sua eficácia.

Na perspectiva da retórica, as formas de divulgação do discurso religioso não mais se voltam para um auditório universal. Agora – como ocorre no mercado publicitário – dirigem-se a auditórios bastante específicos (jovens, empresários, ricos, pobres) e pretendem a doutrinação a partir dos valores, anseios e paixões de seus

componentes. Nessa perspectiva, há especificidade na elaboração do ato retórico, uma vez que essas fontes discursivas conjugam esforços muito nítidos para a consolidação do *ethos* institucional da igreja e do *ethos* do seu representante (pastor, padre) – o detentor do discurso autorizado pela instituição. Nesse esforço para disseminar os princípios institucionais, o movimentar das paixões é, seguramente, uma arma muito poderosa para a consecução dos objetivos: conseguir a adesão e levar à persuasão.

O discurso do senso comum sempre atribuiu ao Brasil a condição de um país católico. Não é difícil entender o porquê, uma vez que, durante o período colonial, os jesuítas implantaram a fé católica e correram o país para consolidá-la. O país cresceu, o mundo se globalizou, novas concepções de vida se infiltraram em nosso meio social e, nos dias atuais, há sensível crescimento das igrejas evangélicas neopentecostais no Brasil e não é difícil perceber que exercem um profundo poder de atrair cada vez mais pessoas.

Todos os dias, estamos expostos aos discursos dessas igrejas, seja na televisão, no rádio, na internet, nos jornais das próprias igrejas espalhados pela cidade, nos folhetos. Talvez estivéssemos, do período colonial até nossos dias, divulgando uma verdade construída, sobre a égide de “catolicismo”, uma certa postura cômoda do povo brasileiro de caminhar com a suposta maioria e, assim, revelar para as estatísticas a profissão da fé católica, sem que necessariamente essa afirmação representasse o estrito cumprimento dos mandamentos e crença irrestrita nos dogmas do catolicismo. De qualquer modo, esse é um país místico e convivemos, harmonicamente, com a diversidade quase incontável de igrejas e de orientações religiosas. As neopentecostais, ao que tudo indica, encontraram uma forma de, pela modernização do discurso, congregar muitos jovens para seus templos. Constituíram, assim, um auditório, estudaram suas características e movem a fé por meio do incitar das paixões.

Com base nessas reflexões, nascem as questões que sustentam a pesquisa:

- Quais são as estratégias retóricas, empregadas no discurso da igreja neopentecostal “Bola de Neve”, capazes de suscitar o movimento passional?
- De que forma tais estratégias suscitam ou acentuam o movimento passional?

Evidentemente, são questões amplas que só poderão ser parcialmente respondidas a partir das revelações encontradas no recorte analítico contido no corpus escolhido. De qualquer modo, cremos ser possível acrescer, aos estudos da argumentação em língua portuguesa, algumas conclusões capazes de ampliar nossos conhecimentos sobre a natureza e eficácia do discurso religioso, visto na perspectiva da retórica.

O presente trabalho pretende a realização de uma pesquisa com os objetivos de:

- a) examinar, no discurso religioso da Igreja Bola de Neve, o emprego das estratégias retórico-discursivas capazes de provocar ou acentuar as paixões no auditório;
- b) verificar, no movimento passional do discurso dessa instituição religiosa, como o discurso contribui para a formação de características identitárias (constituição do *ethos*) da juventude que frequenta a Igreja "Bola de Neve".

Limitada à análise da constituição retórica do discurso religioso da igreja "Bola de Neve", impõe-se uma estratégia metodológica para alcançar nossos objetivos:

- a) Como a instituição "Bola de Neve" é recente no cenário evangélico, faz-se necessário situá-la historicamente para entender como se consolidou no desenvolvimento do Movimento Pentecostal.

Para bem entender o movimento passional do discurso, será necessário analisar, na amostra selecionada, os mecanismos de argumentação, de interpretação e de persuasão que constituem o discurso religioso neopentecostal veiculados pela Igreja Bola de Neve. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), com as contribuições da Nova Retórica, serão a base para essa realização analítica.

Por hipótese inicial, o discurso religioso neopentecostal é carregado de uma intenção explícita: a de levar as pessoas a uma mudança comportamental. Para isso, constrói-se por meio de estratégias retórico-argumentativas e, sobretudo, por exploração das paixões como recurso persuasivo.

Se olharmos a religião, não como objeto de fé, mas sim como produtora de discurso, é possível, por meio da análise de textos veiculados pela Igreja Bola de Neve, desvendar as estratégias retóricas que consolidam suas crenças, propósitos e valores. Tendo, pois, o discurso religioso como objeto de estudo, é possível verificar, pelos princípios da Retórica, como se dá a constituição do ethos institucional e dos pastores, a força do pathos e suas implicações com a persuasão e o processo de construção e de organização do discurso.

Embora o discurso religioso suscite, por si só, as paixões dos mais diversos auditórios e possa se valer de estratégias externas para espalhar-se, é na língua que se estrutura e se consolida. É na língua que revela as questões de autoria, as estratégias argumentativas, os apelos interdiscursivos e a intencionalidade. Por isso, uma análise retórica sobre o processo de construção desse discurso pode contribuir para ampliar os conhecimentos dos analistas do discurso em língua portuguesa, sobre a eficácia dos recursos retóricos no discurso dos neopentecostais. Se, por sua natureza mística, centrada em princípios dogmáticos seculares, a religião estabelece natural polêmica nos auditórios, vê-la não em sua essência divinizada, mas, sim como produto lingüístico-discursivo, cremos, pode ser um caminho, ainda que modesto, para desvendar as artimanhas da argumentação pelo uso da própria língua portuguesa.

O discurso religioso, além de estratégias retóricas para alcançar adeptos, ainda comporta em si outras funções: manter a hegemonia da instituição e sua ideologia, que conservarão o poder e a dominação entre a instituição e seus fiéis. Para entender como essa dominação se dá, adotamos, como disciplina de apoio à análise retórica, a *Análise Crítica do Discurso*, de Norman Fairclough (2001).

O estudo do discurso religioso requer, ainda, outro cuidado, que muito tem afligido os estudiosos que buscam enveredar-se por esse caminho: a distinção entre discurso bíblico, discurso teológico e discurso religioso. Para esse trabalho, adotaremos o estudo de Nascimento (2009). Segundo o autor, o discurso teológico:

Defini-se como aquele em que há uma compreensão ampla de Deus. Sem negar outras concepções, podemos dizer, ainda que o discurso teológico está articulado, metodologicamente, com a fé, sua propriedade fundamental e com a amplitude da noção de inspiração a que se submeteu o hagiógrafo no processo de escrita dos enunciados e com as possíveis relações que se

instituem autoria, a realidade do enunciador e dos co-enunciadores, a cenografia e as possibilidades de leitura e interpretação dos acontecimentos narrados. (NASCIMENTO, 2009, p.25)

Compreendemos, assim, o discurso bíblico e o discurso teológico como um mesmo tipo de discurso, posto que ambos buscam a compreensão ampla de Deus e têm como propriedade fundamental a fé. O discurso religioso é, então, o discurso institucional, em que se articula o discurso teológico como estratégia retórica.

Outra distinção nos parece importante para didatização de nosso trabalho. Sempre usarmos o termo Igreja, com letra maiúscula, referir-nos-emos a instituição Igreja como um todo, Igreja Católica Apostólica Romana ou Igreja Protestante; e sempre que usarmos o termo igreja, com letra minúscula, referir-nos-emos à Igreja Bola de Neve, salvo quando acompanhado do nome da igreja.

Para que esses objetivos possam ser expostos de maneira clara, nosso trabalho será composto por quatro capítulos:

- No primeiro capítulo faremos um breve panorama histórico da Igreja Cristã, seu crescimento, sua evangelização, sua reforma, sua ramificação;
- No segundo capítulo descreveremos o fenômeno neopentecostal, seu surgimento, suas principais bases; e, também, descreveremos a Igreja Bola de Neve, por ser produto desse fenômeno;
- No terceiro capítulo descreveremos as teorias que respaldarão a análise de nosso trabalho. A Arte Retórica de Aristóteles, a Nova Retórica de Perelman & Olbrechts-Tyteca e a Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough;
- No quarto capítulo faremos a análise de nosso *corpus* à luz das teorias descritas no capítulo anterior.

Por fim, retomaremos o problema de pesquisa e comentaremos nossos resultados para encerrar este trabalho.

CAPÍTULO I

DE CRISTO A NÓS: A HISTÓRIA DA IGREJA NEOPENTECOSTAL

Para bem conhecermos e entendermos a realidade da Igreja Bola de Neve, importamos, aqui, situá-la no plano religioso brasileiro. Para tanto, parece-nos sobremaneira importante refazer um percurso histórico do Cristianismo.

Tarefa difícil é a de descrever em algumas páginas uma Instituição que se formou há quase dois mil anos, que sofreu perseguições e passou de perseguida à perseguidora, que deixou de ser considerada seita e passou a ser religião oficial de um Império, que sofreu reformas, ramificou-se, alcançou e transpôs barreiras culturais e sociais.

1.1 O advento do Cristianismo

Para constituição deste capítulo, pautar-nos-emos nos estudos de Earle E. Cairns (2008), Menzies & Menzies (2002), Hurlbut (2007) e César (2000).

O Império Romano e os Sacerdotes judeus jamais poderiam pensar que a morte de um único homem, considerado blasfemador e mentiroso, pudesse influenciar tantos povos e se espalhar pelo mundo da forma como o Cristianismo se espalhou. Seu surgimento, sua difusão, sua expansão e seu crescimento se deram, principalmente, com a contribuição de três povos: gregos, romanos e judeus.

Os gregos contribuíram para o surgimento do Cristianismo com a escrita do Novo Testamento. Com as conquistas de Alexandre o Grande, era imprescindível a escrita de uma versão dos manuscritos bíblicos em grego e a pedido de Demétrio Falário, bibliotecário do rei Ptolomeu Filadelfo, no ano de 285 a.C., setenta e dois anciãos judeus fizeram a tradução grega do Antigo Testamento, que é chamada de *Septuaginta*. Essa era a versão do Antigo Testamento que foi usada pela igreja primitiva.

Após o domínio grego, outro povo conquistou o “mundo”. O império Romano, nascido aproximadamente em 800 a.C., conquistou outros povos e expandiu-se politicamente. No ano de 63 a.C., o Império Romano conquistou o povo judeu. A contribuição do povo romano foi a unificação dos povos pelas suas conquistas, pois possibilitou as viagens sem risco de se entrar em terra estrangeira e as estradas construídas, que também facilitaram as viagens missionárias que tanto contribuíram para expansão do Cristianismo.

Desde o surgimento do povo hebreu, com o chamado de Deus a Abrão e sua organização como sociedade a partir da Lei dada a Moises, o povo judeu espera por um Rei que restaurará Israel como Estado Eterno e que reinará para sempre. Desde os primeiros

capítulos do Antigo Testamento, em Gênesis, e no decorrer de todos os seus livros, podemos ler profecias sobre o nascimento do Messias. Jesus veio como esse Messias, porém o povo judeu não o aceitou como tal. O Cristianismo tem suas bases no Judaísmo, nos Dez Mandamentos. Todos os escritores do Novo Testamento eram judeus, entre eles, o principal, Paulo, era Doutor da Lei. O judaísmo é, portanto, o berço do Cristianismo.

Como já dissemos anteriormente, Jesus não foi aceito pelo povo judeu como o Messias. O resultado dessa repulsa por Jesus foi sua prisão, condenação e morte por crucificação. Cinquenta dias após a morte de Jesus, seus apóstolos e mais alguns discípulos estavam reunidos em Jerusalém, na festa de Pentecostes, e desceu sobre eles o Espírito Santo. Tem-se esse relato como marco fundador da Igreja Cristã Primitiva.

A Igreja teve seu início na cidade de Jerusalém e, nessa época, todos os seus membros eram judeus. A Igreja expandiu-se passando pela província setentrional da Galiléia, Samaria, Gaza, Jope, Cesaréia, Antioquia etc, regiões próximas de Jerusalém, mas não ganhou expansões afora desse limite, pois, até então, somente os judeus eram alcançados pelo Evangelho de Cristo. Essa expansão limitada mudou a partir do Concílio de Jerusalém em 48 d.C.

No Concílio de Jerusalém estavam representados os apóstolos, os anciãos e todos os membros da Igreja, além de Paulo e Barnabé. Chegou-se à conclusão de que somente os judeus eram alcançados pelo Evangelho e não os gentios crentes em Cristo. A partir dessa conclusão e da tomada de decisão de expansão da Igreja aos gentios, as viagens missionárias tomaram outras proporções.

Nessa nova fase de expansão da Igreja, têm-se como líderes Paulo, Pedro e Tiago, que, em um futuro não distante daquele tempo, foram martirizados, respectivamente, em 68 d.C., 67 d.C. e 62d.C., por causa da fé que abraçavam. Os relatos das viagens missionárias de Paulo mostram-nos que a Igreja expandiu-se até a província da Macedônia, Grécia, Roma, alcançando toda a Ásia Menor e a Europa.

Após o Concílio de Jerusalém, a Igreja ganhou proporções afora dos limites de Jerusalém e, com isso, ganhou não só adeptos, mas perseguidores. O primeiro grande perseguidor não-judeu da igreja foi o Imperador Romano Nero. No ano de 64 d.C., grande parte de Roma foi destruída por um incêndio. Nero, a fim de escapar de acusações, atribuiu o incêndio aos cristãos e começou uma grande perseguição. Inúmeros cristãos foram mortos, queimados como tochas vivas; crucificados, como Pedro em 67 d.C.; decapitados, como Paulo em 68 d.C., e entregues aos ursos e leões no grande anfiteatro romano, o Coliseu.

Não há ruína do mundo antigo tão interessante como o grande anfiteatro de Roma. Ele resiste em estupenda magnificência, em meio às sete colinas da antiga capital do mundo, como um monumento a tudo o que foi grande e terrível no passado. A imensidão e majestade de sua estrutura falam da perfeição da arte; as suas reminiscências evocam os horrores da perseguição aos santos, e os triunfos do cristianismo. Ele foi o campo de batalha onde a Igreja lutou pela conversão do mundo pagão; o sangue dos heróis martirizados, que tombaram em combate, ainda se mistura ao pó da arena. (O'REILLY, 2008, p.17)

O Coliseu de Roma não é o único monumento a ser um marco na história da Igreja. Os jardins onde Nero passeava, enquanto cristãos eram mortos, deram lugar à residência do sumo pontífice da Igreja Católica Romana, a Praça de São Pedro, o Vaticano.

Após o martírio¹ dos apóstolos e inúmeras perseguições, a Igreja deixou de ser perseguida com o Edito de Milão em 313 d.C., oficializado pelo Imperador Romano Constantino e tornou-se a religião do Império. Constantino também mudou a capital do Império Romano para Constantinopla, levou consigo o patriarca de Constantinopla, título atribuído aos bispos da Igreja. Com a semelhança entre a Igreja e o Império, surgiu a necessidade de um governador sobre os bispos da Igreja. Roma reclamava para si a autoridade apostólica por associar a si os nomes de Paulo e Pedro como fundadores da Igreja em Roma e, assim, surgiu a tradição de que Pedro foi o primeiro bispo de Roma. O título “bispo” tinha no século IV o mesmo significado que no século I, o de chefe do clero e da Igreja, por isso, Pedro foi considerado o primeiro papa² da Igreja.

Durante séculos, o poder papal teve um desenvolvimento substancial e obteve seu apogeu com o papa Gregório VII, mais conhecido como Hildebrando, que impôs a supremacia da Igreja sobre o Estado. Porém, esse domínio papal perdeu forças quando a França, governada por Filipe, apoderou-se do papa e o encarcerou, subordinando, dessa forma, a escolha dos novos papas à França por setenta anos. Nessa época, a sede do papado foi transferida de Roma para Avignon. Somente em 1377, o então papa Gregório XI retornou a Roma.

A Igreja ainda utilizou outros meios diferentes das viagens missionárias para sua expansão, as cruzadas. Elas foram comandadas pela Igreja, a partir do impulso de libertar a

¹ Não temos certeza quanto ao martírio do apóstolo João. Sabe-se que morreu, provavelmente, em Patmos, por volta do ano 100 d.C.

² O título papa é a palavra latina que foi atribuída ao bispo de Roma que era chamado de “pai”.

Terra Santa das mãos dos muçulmanos e duraram, em sua totalidade, quase trezentos anos. As principais e maiores cruzadas são:

- Primeira, 1095-1099;
- Segunda, 1147-1149;
- Terceira, 1188-1192;
- Quarta, 1201-1204;
- Quinta, 1228-1229;
- Sexta, 1248-1254;
- Sétima, 1270-1272.

As cruzadas não obtiveram êxito no seu objetivo. As principais causas de seu fracasso foram a inveja e o desacordo entre os reis que chefiavam as diferentes cruzadas. O povo da Terra Santa foi escravizado em vez de libertado e quando os governantes muçulmanos retornaram, o povo da Terra Santa acolheu com satisfação o seu jugo, pois ainda que fosse pesado, era mais leve que dos cristãos.

Outra forma de expansão e afirmação da Igreja Católica Romana foi a fundação de Ordens Monásticas, que se desenvolveram e ganharam força durante a Idade Média. Temos, nesse período, quatro grandes ordens:

- Beneditinos, fundada em 529, por São Bento, entre Roma e Nápoles, tornou-se a maior de todas as ordens na Europa. Ensinava ao povo muitos ofícios úteis;
- Cistercienses, fundada em 1098, por São Roberto, foi em 1112 reformulada e fortalecida por São Bernardo, surgiu com o objetivo de fortalecer a disciplina e a doutrina dos beneditinos;
- Franciscanos, fundada em 1209, por São Francisco de Assis, conhecida como a ordem dos “frades cinzentos” por causa da cor de seus hábitos, espalhou-se rapidamente pela Europa, tornando-se, mais tarde, a maior das ordens;
- Dominicanos, fundada em 1215, por São Domingos, conhecida a ordem dos “frades negros” por causa da cor de seus hábitos, era a ordem que ia por toda a parte para pregar o Evangelho e fortalecer a fé dos crentes. Mais tarde, tornaram-se os maiores perseguidores dos “hereges”.

Muitos acontecimentos mudavam o quadro da Europa e contribuiriam para a mudança da Igreja na Idade Média como: o surgimento das grandes universidades – fundadas por

eclesiásticos; as grandes catedrais da Europa; e o despertar para a literatura. Diferentemente da Idade Média, que tinha como uma de suas características o interesse pela vida religiosa, a Renascença surgiria para quebrar esse paradigma.

1.2. A Reforma da Igreja: o Protestantismo

Durante a Idade Média, os estudiosos focaram seus interesses na vida religiosa. Diferentemente, o período da Renascença, na Europa, trouxe um interesse voltado às artes, à ciência e à literatura. Entre os principais escritores da época, encontramos homens pertencentes à igreja, mas isso não impediu o interesse pela literatura clássica, pelo grego, pelo latim, separados inteiramente da religião. A renascença surge como um movimento cético e investigador.

Em 1456, Gutenberg inventa a imprensa. A imprensa imprimia livros de forma móvel para que, dessa forma, os eles pudessem circular aos milhares. O primeiro livro que Gutenberg imprimiu aos milhares foi a Bíblia. A imprensa incentivou e possibilitou o uso e as traduções da Bíblia para toda a Europa e não só a Bíblia, mas também os ensinamentos dos reformadores eram impressos e espalhados por toda a Europa. A Imprensa teve um papel de grande importância para a propagação da Reforma.

A Basílica de São Pedro, em Roma, estava em fase de construção, mas faltavam fundos ao papa Leão X para o término de tal obra majestosa que afirmaria a soberania papal. Para angariar fundos para o término de tal construção, o papa enviou Johann Tetzel, pela Alemanha, com a esperança de conceder perdão a todos os pecados daqueles que comprassem as bulas papais. As bulas papais, assinadas pelo papa, abdicavam a necessidade de confissão dos pecados e de absolvição pelo sacerdote não só aos possuidores da bula, mas também aos amigos e parentes, mortos ou vivos, em nome de quem fossem compradas as bulas. A venda das indulgências, talvez, tenha sido a “gota d’água” para a reforma protestante.

Diante de tais abusos, um monge e professor da Universidade de Wittenberg começou a pregar contra Tetzel, contra o papa e contra a venda das indulgências. Seu nome ficou gravado na história da Igreja, Martinho Lutero (1483-1546).

Na manhã de 31 de Outubro de 1517, Martinho Lutero pregou nas portas da Catedral de Wittenberg um pergaminho contendo 95 teses relacionadas, quase todas, às indulgências. As teses de Lutero atacavam, sobremaneira, não só à venda das indulgências, mas também a autoridade do papa e dos sacerdotes.

A igreja Católica tentou de todas as formas impedir Lutero de prosseguir em sua empreitada. Esse movimento teve um efeito contrário, Lutero mostrou-se mais disposto a lutar contra as doutrinas não ratificadas pelas Sagradas Escrituras. Em julho de 1520, Lutero foi excomungado da Igreja por uma bula assinada pelo papa Leão X. Essa bula foi queimada em reunião pública na presença de estudantes, professores e do povo de Wittenberg. Juntamente com a bula, Lutero também queimou cópias de cânones ou leis estabelecidas por autoridades romanas, tem-se esse evento como o rompimento definitivo de Lutero com a Igreja Católica Romana.

Após comparecer ante a Dieta³ e sair de Worms em paz, em 1521, Lutero foi cercado por soldados de um simpatizante, eleitor Frederico, e foi levado para o castelo de Wartburg, na Turíngia, onde permaneceu em segurança por um ano. Nesse período, Lutero traduziu o Novo Testamento para o alemão, obra que é considerada o fundamento do idioma alemão escrito.

Em 1521, a Dieta reuniu-se na cidade de Espira, a fim de reconciliar as partes e unificar a Alemanha, que era dividida em Estados romanos e reformados. Porém isso não aconteceu. Os governadores católicos, que eram maioria, condenaram os ensinamentos de Lutero e os príncipes resolveram impedir qualquer ensino luterano nos Estados de dominação católica. Também determinaram que nos Estados de dominação reformada, os ensinamentos católicos não poderiam ser proibidos. Os príncipes da reforma luterana protestaram contra essa determinação. Desde então, ficaram conhecidos como Protestantes e sua doutrina como Religião Protestante.

1.3. O Protestantismo no Mundo

Enquanto o Protestantismo iniciava-se na Alemanha e os escritos de Lutero percorriam a Europa, o mesmo espírito de luta para libertação da dominação católica despontou em outros países.

³ A Dieta de Worms (em Alemão: Wormser Reichstag) foi, como qualquer Reichstag (sessão do governo imperial), uma cimeira oficial, governamental e religiosa. Chefiada pelo imperador Carlos V, teve lugar em Worms, na Alemanha, uma pequena cidade no rio Reno, tendo lugar entre 28 de Janeiro e 25 de Maio de 1521. Apesar de outros assuntos terem sido discutidos, a Dieta de Worms é sobretudo conhecida pelas decisões respeitantes a Martinho Lutero e os efeitos subsequentes na Reforma Protestante. Lutero foi convocado para desmentir as suas teses, no entanto ele defendeu-as e pediu a reforma, entre 16 e 18 de Abril de 1521. Célebres tornaram-se as suas palavras: "Hier stehe ich. Ich kann nicht anders". (Aqui estou. Não posso renunciar). Ele foi obrigado a deixar Worms em 25 ou 26 de Abril. A 25 de Maio, o Édito de Worms declarava Lutero um fora-da-lei o que significava que ninguém o podia ajudar ou abrigar. Para além disso, não podiam possuir os livros e escritos de Lutero. Caso o fizessem eram também considerados fora-da-lei. Contudo, se alguém o assassinasse não seria culpado

Na suíça, liderada por Ulrico Zwinglio, apesar de ser independente do movimento da Alemanha, surgiu na mesma época a luta contra a dominação católica e em 1522, Zwinglio rompeu com Roma. O movimento ganhou força em Zurique, mas a morte de Zwinglio, em 1531, em uma guerra ente cantões católicos e protestantes, prejudicou o avanço do movimento que mais tarde foi liderado por Calvino, que é considerado, depois de St. Agostinho, o maior teólogo da Igreja. A Obra de Calvino (1509-1564), *As institutas da religião cristã*, publicada em 1536, tornou-se regra da doutrina protestante de todas as igrejas, menos da luterana.

O reino da Escandinava composto por Dinamarca, Suécia e Noruega, recebeu os escritos de Lutero. O rei Cristiano II aceitou de bom grado esses escritos e a reforma não teve maiores problemas.

A França era um dos países onde a Igreja Católica mais tinha força. Em 1512, Jacques Lefèvre escreveu sobre a “justificação pela fé”. Com isso, repartiu a França, porém a reforma sofreu um grande golpe com a noite de São Bartolomeu. O terrível massacre da noite de São Bartolomeu ocorreu em 24 de Agosto de 1572. Líderes protestantes e milhares de adeptos foram mortos.

Os países baixos, Holanda e Bélgica, estavam sob o domínio espanhol. Por isso, a reforma encontrou grandes dificuldades nesses países. Sob a liderança de Guilherme, o Taciturno, eles desligaram-se do governo espanhol, mas só foram reconhecidos como livres em 1648, quarenta anos após a morte de Guilherme. Com o rompimento com o governo espanhol, a reforma pode, então, tomar força, porém só a Holanda tornou-se protestante. A Bélgica, em sua maioria, continuou católica.

A reforma na Inglaterra teve vários momentos. Entre esses momentos podemos destacar algumas pessoas que contribuíram para a expansão da reforma. John Tyndale traduziu o Novo Testamento para o inglês, foi a primeira versão depois da invenção da imprensa. Tyndale foi martirizado em Antuérpia, em 1536. Thomas Cranmer (1489-1556), arcebispo de Cantuária, ajudou, sobremaneira, a transformar a Inglaterra em um país protestante. Para tentar salvar sua vida, retratou-se no reinado de Maria Tudor, porém ao ser condenado à morte na fogueira, revogou a retratação. Com Maria Tudor, que reinou apenas cinco anos, cerca de trezentos protestantes foram martirizados. Somente quando Elizabeth tomou posse do trono, os protestantes ficaram livres para novamente pregar a sua Religião.

A Escócia era governada pelo cardeal Beaton e pela rainha Maria de Guise, que governavam com mão de ferro e, por isso, a Reforma encontrou grandes dificuldades. Após a morte dos dois governadores da Escócia, John Knox (1505-1572), em 1559, assumiu a

liderança da reforma. Logo toda a Escócia estava convertida ao protestantismo e a Igreja Presbiteriana tornou-se a Igreja da Escócia.

1.4. A Contra-Reforma

A Contra-Reforma foi um movimento da Igreja Católica para tentar parar ou diminuir o movimento protestante da Reforma. Começou como uma renovação interna e uma renovação da igreja. Três grandes instrumentos foram criados para esse objetivo: Companhia de Jesus (1534), que só obteve a aprovação papal em 1540; Inquisição Romana (1542) e o Concílio de Trento (1545).

A Companhia de Jesus foi fundada em 1534 por Inácio de Loyola e mais seis amigos, mas só obteve a aprovação papal em 1540. Em 1541, Loyola tornou-se o principal da ordem que em 1566 contava com cerca de mil monges, número que chegaria a trinta e seis mil em 1964. A Companhia de Jesus era caracterizada por ter uma severa disciplina; intensa lealdade à Igreja e ao papa; profunda devoção religiosa; e demasiado esforço para arrebanhar prosélitos. A Companhia de Jesus teve papel importantíssimo na evangelização do Brasil. Construiu colégios e enviou missionários, dentre eles José de Anchieta.

A Inquisição Romana nasceu na Espanha. Em busca de hereges contrários às doutrinas da Igreja Católica. Os acusados de heresias eram presos e torturados até confessarem seus pecados, até testemunharem contra si mesmos. Ao ser condenado, o réu era condenado à morte de fogueira e seus bens eram confiscados.

O papa Paulo III convocou o Concílio de Trento que durou quase vinte anos e passou pelo pontificado de quatro papas. O concílio foi, inicialmente, convocado para investigar e tentar pôr fim aos abusos que causaram a reforma. Todos pensavam que após o Concílio, a Igreja Católica e a Igreja Protestante pudessem novamente ser uma só Igreja, mas aconteceu o contrário. O Concílio acabou com qualquer esperança de conciliação entre as duas igrejas.

1.5. O Cristianismo no Brasil

Não há como falar do cristianismo no Brasil sem falar da descoberta do Brasil. Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, era cavaleiro de uma ordem religiosa católica que financiou a expedição que chegou às terras brasileiras, a Ordem de Cristo. A Ordem de Cristo era uma ordem militar e religiosa fundada pelo Papa João XXII, em Avignon, França. A

Ordem de Cristo financiou, com os tesouros da Ordem dos Templários, a expansão marítima portuguesa do século XV.

Os primeiros religiosos a desembarcarem no Brasil estavam na armada de Cabral. Como de costume, em todas as viagens marítimas portuguesas, havia religiosos a bordo. Na armada de Cabral eram oito franciscanos e um frade, o frei Dom Henrique Soares de Coimbra. Não é à toa que temos em nosso país nomes religiosos para regiões geográficas litorâneas como: cabo de São Roque, cabo de Santo Agostinho, rio São Francisco, baía de Todos os Santos, cabo de São Tomé, ilha de São Sebastião, porto de São Vicente etc. aliás, o primeiro nome de nossa terra foi Ilha de Vera Cruz.

No dia 21 de Abril de 1500 o Brasil foi descoberto e no dia 24 de Abril de 1500, quatro dias após, foi rezada por Dom Henrique a primeira missa em solo brasileiro, porém, os primeiros missionários só desembarcaram no Brasil no ano de 1549 com o primeiro Governador do Brasil, Tomé de Souza.

A primeira tentativa de trazer uma comitiva para evangelizar os índios se deu no ano em que o Brasil foi descoberto. Não foi escrito por nenhum missionário ou clérigo da igreja católica, mas foi escrito por Pero Vaz de Caminha. A carta data de 1º de maio de 1500, porém começou a ser escrita alguns dias antes.

A carta chegou a Portugal aproximadamente dois meses após sua escrita pela nau de Gaspar de Lemos e não teve o impacto missionário esperado. Dom Manuel I não deu a atenção necessária ao pedido de Pero Vaz de Caminha e a carta foi parar nos arquivos da Torre do Tombo. Apenas quase 300 anos depois, um historiador espanhol, Juan Bautista Munõz, achou a carta que só foi publicada em 1817 pela Corografia Brasílica, de Aires de Cabral.

O Brasil esperava pelo envio de missionários para evangelizar os índios enquanto a Europa passava por uma grandiosa mudança em seu cenário religioso. Na época da descoberta do Brasil, em 1500, e a chegada dos primeiros missionários, em 1549, passaram pelo Vaticano sete papas: Alexandre VI (1492-1503); Pio III (1503); Júlio II (1503-1513); Leão X (1513-1521); Adriano VI (1522-1523); Clemente VII (1523-1534) e Paulo III (1534-1549). Sem contar as mudanças que a igreja católica sofreu com as trocas de suas autoridades máximas, a Europa também passava pela Reforma Protestante.

Enquanto a Europa passava por um turbilhão reformador, o Brasil ficava à espera de seus missionários cristãos que chegaram em 1549. Eram seis missionários da Companhia de Jesus, fundada nove anos antes, em 1540, subordinados a Inácio de Loyola (1491-1556). Os primeiros missionários protestantes chegaram ao Brasil em 1555, no Rio de Janeiro.

Os primeiros missionários, enviados por Loyola, chegaram ao Brasil na companhia de mais de mil pessoas. O chefe dos missionários era Manuel da Nóbrega, de 32 anos. Nóbrega e os outros missionários viveram primeiro na Bahia junto dos indígenas e após fundar o colégio da Bahia, Nóbrega foi para a capitania de São Vicente e, em 25 de Janeiro de 1554, fundou a aldeia e o Colégio de São Paulo.

Após a chegada de Manuel da Nóbrega, outros jesuítas notáveis também vieram para o Brasil, entre eles estão José de Anchieta, o apóstolo do Brasil; Antônio Vieira, o notável pregador; e Pedro Dias, o São Pedro Cláver do Brasil.

José de Anchieta é um dos maiores nomes na história da evangelização do Brasil. Nascido na ilha de Tenerife, nas Canárias, em 19 de Março de 1534, chegou ao Brasil em 1553, com dezenove anos e ainda noviço. Estudou na Universidade de Coimbra e ordenou-se padre em 1566, aos 32 anos.

Salvo os missionários protestantes franceses, na ocupação francesa (1557-1558), e os missionários protestantes holandeses, na ocupação holandesa (1630-1654), a evangelização do Brasil estava nas mãos dos católicos. Porém, a Bíblia de Tradução de João Ferreira de Almeida, a primeira tradução protestante em língua portuguesa, chegou primeiro do que os missionários protestantes ao Brasil.

João Ferreira de Almeida foi, talvez, o maior tradutor da Bíblia para a língua portuguesa. Nascido em 1628, em Torre de Tavares, em Portugal, Almeida cedo imigrou para os países baixos e de lá para a Indonésia. Aos 16 anos, valendo-se da versão Latina de Teodoro Beza, e das versões espanhola (Reyna Valera, 1569), francesa (Genebra, 1588) e italiana (Diodati, 1641), Almeida traduziu o Novo Testamento. Ele iniciou a tradução completa da Bíblia a partir do original hebraico e grego, porém quando morreu, em 1691, com 63 anos, faltavam o livro de Daniel e os profetas menores, ambos do Antigo Testamento. A tradução foi completada por Jacobus Akker. Apenas em 1809, 118 anos após a morte de Almeida, a primeira versão da Bíblia em Português foi impressa pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Alguns anos após, a Bíblia Almeida começou a ser enviada para Portugal e Brasil.

A Bíblia começou a chegar ao Brasil somente a partir de 1814 e eram distribuídas em navios que saíam de Lisboa e portos ingleses com destino ao Brasil. Após esse período a Bíblia Almeida não era a única a circular no Brasil. A tradução do padre Antonio Pereira de

Figueiredo também circulava no Brasil, porém era diferente da Bíblia de Almeida por conter os livros deuterocanônicos⁴ e ter sido traduzida a partir da Vulgata Latina⁵.

Os primeiros missionários protestantes a não interromperem sua missão no Brasil chegaram, apenas, 41 anos após a chegada da Bíblia de Almeida. Em 1856, um ano após a chegada de Robert Kalley, pioneiro da Igreja Congregacional, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira inaugurou um depósito permanente de Bíblias no Rio de Janeiro. A Bíblia Almeida passou por algumas revisões (Almeida Revista e Corrigida; Almeida Revista e Atualizada; Almeida Revisada-Imprensa Bíblica; e Almeida Corrigida e Revisada Fiel) e correções e ainda hoje é a mais usada pelos protestantes brasileiros. O trabalho de Almeida rendeu-lhe o título de escritor de Língua Portuguesa mais editado.

1.6 O Pentecostalismo

Na tradição judaica, a festa de Pentecostes é conhecida como a Festa das Semanas, em que era celebrado o fim da colheita da cevada e o início da colheita de trigo. Também é conhecida como Festa da Segra e Dia das primícias. A Festa das Semanas é a segunda das três grandes festas⁶ instituídas por Deus ao povo hebreu.

A palavra pentecostes vem do grego (*pentékostê*) e significa quinquagésimo. É o quinquagésimo dia após a Páscoa. No livro de Atos dos Apóstolos, capítulo dois, temos o relato desse fato que é considerado o marco fundador da Igreja Cristã Primitiva e do movimento pentecostal antigo.

¹Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. ²De repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. ³E viram línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. (Atos 2:1-3. Bíblia de Referência Thompson)

⁴ O termo "deuterocanônico" é formado pela raiz grega deuteró (segundo) e canônico (que faz parte do Cânon, isto é do conjunto de livros considerados inspirados e normativos por uma religião ou igreja). Assim, o termo é aplicado a livros e partes de livros bíblicos que só num segundo tempo foram considerados como canônicos. Os livros deuterocanônicos são: Tobias, Judite, I Macabeus, II Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruque, bem como adições dos livros de Daniel e Ester.

⁵ Tradução para o latim da Bíblia, escrita entre fins do século IV início do século V, por São Jerônimo, a pedido do Papa Dâmaso I.

⁶ ¹⁴Três vezes ao ano me celebrareis festa. ¹⁵A festa dos pães asmos guardarás; sete dias comerás pães asmos, como te ordenei, ao tempo apontado, no mês de abide, pois nele saíste do Egito. Ninguém apareça de mãos vazias perante mim. ¹⁶Guardarás a festa da segra dos primeiros frutos do teu trabalho, que houveres semeado no campo. Guardarás a festa da colheita à saída do ano, quando tiveres recolhido do campo os frutos do teu trabalho." Êxodo 23: 14-16

O movimento pentecostal moderno tem o seu surgimento no início do século XX, nos Estados Unidos da América. Mais precisamente, o movimento pentecostal surge em Topeka, Kansas. Os alunos de uma escola bíblica, fundada por Charles Parham, resolveram estudar a doutrina do Espírito Santo como revestimento de poder para fortalecer e capacitar os cristãos para testemunhar a respeito de Cristo.

Em 1905, Parham abriu uma escola bíblica em Houston, no Texas. Um pregador negro do movimento *Holiness*⁷, William J. Seymour, foi convencido sobre o batismo com o Espírito Santo e obteve a experiência do mesmo batismo. Em 1906, Seymour foi a Los Angeles para dirigir algumas reuniões no movimento *Holiness* e relatar sua nova experiência com o movimento pentecostal, porém, sua experiência foi rejeitada pelos dirigentes do movimento.

Seymour viu-se, então, obrigado a procurar um lugar para começar o seu ministério e difundir a doutrina do Batismo com o Espírito Santo. Em um lugar simples, Seymour e seus seguidores, pois já conquistara alguns adeptos para o movimento, começaram a fazer reuniões, e logo o local ficou pequeno para a quantidade de pessoas que, cada vez mais, aderiam à doutrina pentecostal de Seymour.

Entre 1906 e 1909, Seymour e seus seguidores reuniram-se em um prédio de dois pavimentos, que outrora fora uma igreja Metodista, na rua Azuza, ainda em Los Angeles. O movimento pentecostal ganhou tamanha dimensão nessa época, que brancos congregavam junto com negros, fato notável por causa da história social dos Estados Unidos na época. Até hoje, o movimento pentecostal de Seymour é conhecido pelos evangélicos pentecostais como o Grande Avivamento da Rua *Azuza*.

O Grande Avivamento da Rua Azuza foi o berço do movimento pentecostal moderno. Missionários de diferentes partes do mundo passaram por Los Angeles e de lá foram espalhando-se pelo mundo e com eles a doutrina do Batismo com o Espírito Santo.

1.6.1 O Pentecostalismo no Brasil

O Brasil também colheu frutos desse avivamento. Dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren receberam o batismo com o Espírito Santo no Grande Avivamento da Rua Azuza que aconteceu nos Estados Unidos no início do século XX.

⁷ De origem Norte Americana entre 1840 e 1850, difundido por John Wesley, o Movimento Holiness pregava a santificação para busca da perfeição cristã.

Berg, com 26 anos, e Vingren, com 31 anos, receberam uma profecia de que deveriam se deslocar para uma cidade chamada Pará, para ali fazerem a obra missionária de Deus. Eles descobriram, então, que Pará era o nome de uma cidade do Brasil, Belém do Pará, e se deslocaram para tal cidade. Em 19 de novembro de 1910, os dois desembarcaram no Brasil e, por serem batistas, logo se tornaram membros de uma Igreja Batista em Belém do Pará.

Os dois missionários vieram ao Brasil sem saberem falar o português. Para resolver esse problema, Berg trabalhava de dia como fundidor, para angariar sustento necessário, enquanto Vingren estudava português. À noite, Vingren repassava para Berg o que tinha aprendido da desconhecida língua.

Após conhecerem a Língua Portuguesa, os dois começaram a pregar a mensagem, até então, desconhecida do Pentecostalismo. Como todo paradoxo, a mensagem causou adesão e repúdio. Os dois missionários foram expulsos de sua igreja por causa da mensagem um tanto estranha, mas não saíram sozinhos. Alguns adeptos da nova mensagem também foram expulsos da igreja. Entre eles estava Celina de Albuquerque.

Celina de Albuquerque cedeu sua casa como local para reuniões ministradas por Berg e Vingren. No dia 18 de Junho de 1911, surge a segunda denominação pentecostal do Brasil, a Missão da Fé Apostólica, que mais tarde, em 1918, passou a se chamar Assembléia de Deus, hoje a maior denominação pentecostal do Brasil.

A primeira denominação pentecostal do Brasil foi a Congregação Cristã do Brasil fundada por Louis Francescon, um missionário italiano, em 1910. A Congregação Cristã do Brasil não se vale de materiais midiáticos para evangelização ou divulgação de seus cultos, o que nos impede de um estudo mais apurado dessa denominação. Louis Francescon não fez morada no Brasil, apenas vinha, de vez em quando, visitar a Igreja que havia fundado. Conta-se que em um período de 38 anos (1910-1948), Francescon visitou o Brasil por onze vezes, somando-se essas visitas, acredita-se que ficou no Brasil por cerca de dez anos.

A segunda, e hoje maior, denominação pentecostal no Brasil é a Assembléia de Deus. Como já dito antes, fundada em Belém do Pará, por Daniel Berg e Gunar Vingren, em 1911. Nenhuma denominação pentecostal experimentou tão grande crescimento como a Assembléia de Deus. Em 33 anos de história já havia se instalado em todos os estados do Brasil.

Atualmente, encontramos no Brasil um número inestimável de Igrejas Evangélicas com o nome de Assembléia de Deus. As igrejas evangélicas não têm uma formação eclesiástica e hierárquica como a Igreja Católica. Na Igreja Católica, todas as igrejas, todos os Santuários, Paróquias e Comunidades Eclesiais de Base, reportam-se a Roma e ao Papa. As

igrejas evangélicas, por sua vez, são independentes umas das outras, a não ser quando uma igreja abre filiais em outros lugares distantes da matriz.

Essa independência institucional deve-se ao fato do protestantismo brasileiro derivar de várias correntes teológicas (calvinismo, wesleyanismo, anglicanismo, luteranismo etc). Segundo Mendonça (2002)

O que chamamos “protestantismo brasileiro” na verdade são vários protestantismos. Esses protestantismos se inseriram no Brasil primeiramente como resultado do movimento imigratório iniciado no começo do século XIX, depois em decorrência da grande expansão missionária ocorrida na mesma época. Esse quadro torna-se ainda mais complexo com a eclosão do pentecostalismo, tanto clássico quanto de cura divina, e com o estabelecimento no país de um grande número de organizações protestantes desvinculadas das igrejas tradicionais. (MENDONÇA & FILHO, 2002, p.11)

Para uma melhor colocação do neopentecostalismo no quadro religioso do Brasil, utilizaremos a classificação do pentecostalismo brasileiro em três vertentes como propõe Mariano (2005). As três vertentes do pentecostalismo brasileiro são classificadas em: pentecostalismo clássico; deuterpentecostalismo e neopentecostalismo.

O pentecostalismo clássico, 1910 a 1950, tem como principais denominações pentecostais a Congregação Cristã e a Assembléia de Deus. Esse período caracteriza-se pela doutrina pregada por essas igrejas centrada nos dons de línguas; nos dons do Espírito Santo; na volta iminente de Cristo para buscar a igreja e levá-la ao Paraíso; na mensagem da cruz; pela demonstração exterior de santidade com os usos e costumes, que se referem ao modo de se vestir, ao uso de jóias, bijuterias etc.

O deuterpentecostalismo teve seu início no ano de 1950, em São Paulo, e tem como principais igrejas: Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, entre outras de menor porte. Esse período caracteriza-se, principalmente, pela doutrina centrada no dom de cura divina. A doutrina da cura divina não surgiu no Brasil. A partir dos anos 40, os Estados Unidos, a América Latina, África e Ásia, tiveram um crescimento sem precedentes do pentecostalismo.

A terceira onda e a principal para realização desse trabalho é o neopentecostalismo que será estudado no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

O NEOPENTECOSTALISMO

Como vimos anteriormente, o Pentecostalismo Brasileiro é uma convergência de diferentes protestantismos (MENDONÇA, 2002), e que é dividido em três vertentes (MARIANO, 2005). Neste capítulo, trabalharemos com a terceira vertente, o Neopentecostalismo, suas raízes, sua chegada ao Brasil, suas principais características, bem como, a Igreja Bola de Neve, fenômeno neopentecostal, e o *corpus* que será nosso objeto de análise.

Nossa descrição sobre o Neopentecostalismo é embasada no trabalho de Ricardo Mariano (2005).

2.1 Neopentecostalismo

A partir da década de 60, o protestantismo sofreu mudanças e incorporações em sua forma litúrgica que fizeram as antigas denominações parecerem igrejas completamente novas. Essas mudanças têm como produto congregações autônomas que se diferenciam, principalmente, pela formação eclesiástica. Segundo Freston (1996, p.74) “o movimento pentecostal, originalmente concebido como uma renovação das igrejas existentes, começou a solidificar-se em grupos independentes, separados por querelas doutrinárias.”

Como resultado dessa fragmentação, surge em meados da década de 70 o Neopentecostalismo que se fortalece nas décadas de 80 e 90. A primeira igreja brasileira neopentecostal, segundo Mariano (2005), é a Igreja Da Nova Vida, fundada por um missionário canadense, Walter Robert McAlister, em 1960, que deu origem as igrejas mais conhecidas do movimento neopentecostal: Universal do Reino de Deus (1977); Internacional da Graça de Deus (1980); e Cristo Vive (1986), nascidas no Rio de Janeiro.

O movimento neopentecostal traz um rompimento doutrinário com as igrejas das duas primeiras ondas do pentecostalismo, e tem como principais características: a guerra espiritual entre o bem e o mal, entre Deus e o diabo; a doutrina da prosperidade e da confissão positiva e a liberação dos estereótipos de santidade com base nos usos e costumes, além de algumas diferenças na liturgia.

A mensagem da cruz foi abandonada pelo neopentecostalismo, assim como a mensagem escatológica e a preocupação com a vida pós-morte. Todos os problemas que podemos vir a sofrer têm sua causa no diabo e a libertação se dá por meio de rituais de

exorcismos. A preocupação pelo meio exterior de santidade com os usos e costumes não existe mais e em sua liturgia encontramos ritmos musicais considerados seculares pelas igrejas das duas primeiras ondas do pentecostalismo. Segundo Mariano (2005) o movimento neopentecostal é:

responsável pelas principais transformações teológicas, axiológicas, estéticas e comportamentais por que vem passando o movimento pentecostal, e ainda, a velha “mensagem da cruz”, discurso teológico que pregava o sofrimento terreno do cristão, caiu por terra e, sem qualquer compadecimento, foi sumariamente soterrada. (MARIANO, 2005, p.09)

As igrejas neopentecostais não repudiam a ideologia do mundo capitalista e não pregam o isolamento social para obtenção de bênçãos espirituais. Ao contrário, incentivam a vida em sociedade sempre ao buscar lugares de prestígio social. Acreditam na vida pós-morte e na gratificação por uma vida terrena em santidade, porém não querem esperar a vida pós-morte para alcançarem sucesso. As igrejas neopentecostais buscam a alegria terrena ao pregar a prosperidade física e material de seus fiéis. Ainda nas palavras de Mariano (2005):

A Teologia do Domínio e a Teologia da Prosperidade, ao dedicarem-se inteiramente a este mundo e a esta vida, para resolver magicamente problemas dos fiéis, distanciam o neopentecostalismo da escatologia pentecostal clássica, pré-milenarista, baseada na eterna e resignada espera do retorno de Cristo. Escatologia, frise-se, que tendia a levar ao apoliticismo, a auto-exclusão da vida social e ao ascetismo intramundano. (MARIANO, 2005, p.44)

Segundo Mariano (2005), três são as principais características que classificam uma igreja como neopentecostal. São elas:

1. Exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seus anjos decaídos;
2. Pregação enfática da Teologia da Prosperidade;
3. Liberalização dos estereótipos usos e costumes de santidade.

2.1.1 Exacerbação da guerra espiritual.

O conflito entre bem e mal se tornou o centro do cristianismo (Russell, 1991). Esse conflito ganha ênfase no pentecostalismo que se baseia nas passagens do Novo Testamento

em que Jesus expulsa demônios e outorga a seus discípulos o poder de expulsá-los em Seu Nome.

Tornar os deuses de outras religiões em demônios é uma prática antiga no cristianismo e permeia tanto o pentecostalismo clássico como o deuteropentecostalismo, porém no neopentecostalismo esse dualismo religioso é exacerbado. A luta entre o bem e o mal não fica somente na esfera do sobrenatural, entre Deus e o diabo, entre anjos e demônios, os fieis são soldados chamados a combater as forças malignas e converter, pelo poder que lhes foi outorgado, as obras do diabo e seus seguidores.

Essa luta chega a ser tão enfática em algumas igrejas neopentecostais que os rituais de exorcismo passam pela exposição midiática de manifestações demoníacas e até consultas com ex-integrantes de outras religiões consideradas malignas para desfazer “trabalhos” feitos em prol do reino das trevas, como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus.

Outra diferença marcante entre as igrejas do pentecostalismo se dá na liturgia. Por conta da guerra entre o bem o mal, as igrejas neopentecostais têm em sua liturgia ritos que são condenados pelas igrejas das outras vertentes. Entre eles encontramos as correntes de cura e libertação como e o uso de objetos sacralizados.

Engajar-se nessa luta, que engloba fazer parte dessas correntes e uso desses objetos, traz ao fiel a idéia de fazer-se liberto das obras das trevas para obter prosperidade física e material. A exacerbação da guerra espiritual está diretamente ligada à Teologia da Prosperidade.

2.1.2 A Teologia da Prosperidade

Uma das doutrinas centrais do Pentecostalismo consistia em receber as bem-aventuranças no Reino Celeste, na vida pós-morte. O neopentecostalismo quebra esse paradigma e prega que para vestir a melhor roupa, comer a melhor comida, morar em casas belíssimas, ter um carro de luxo, nunca adoecer e gozar de plena saúde, basta decretar e tomar posse dessas bênçãos em Nome de Jesus.

Um discurso voltado a oferecer libertação, seja nessa vida ou na vida pós-morte, dos problemas financeiros e das enfermidades presentes no cotidiano gera uma adesão, principalmente, das classes mais pobres da sociedade. O pentecostalismo sempre atraiu as pessoas menos favorecidas e, diante de tal fenômeno, pregava um discurso de desvalorização do mundo, um discurso ascético e sectário. Porém, com as mudanças que aconteciam na sociedade durante o século XX, alguns líderes religiosos viram-se na necessidade de mudar

seus discursos para satisfazerem as necessidades de seus fiéis. O ascetismo e o sectarismo deram lugar à acomodação do mundo e ao processo de institucionalização das igrejas.

Surge nos Estados Unidos na década de 40 e chega ao Brasil na década de 70 a Teologia da Prosperidade que congrega em seu discurso a resolução dos problemas financeiros para os pobres e a legitimação da vida em abundância material dos ricos. Dessa forma, congrega os pobres do Pentecostalismo e os ricos que não se encaixavam na doutrina das igrejas desse movimento.

A Teologia da Prosperidade é também conhecida como Confissão da Fé Positiva tem como núcleo de sua doutrina a confissão, a declaração, daquilo que deseja em palavra de fé, ou seja, o fiel deve declarar com fé aquilo que deseja, pois baseados na criação do mundo, descrita no livro de Gênesis, Deus criou o mundo declarando palavras poderosas. Se o fiel é filho de Deus e aceita Jesus como nosso Senhor e Salvador, torna-se igual a Deus e suas palavras passam a ter poder para criar coisas em suas vidas.

Essa prosperidade financeira faz com que os adeptos dessa doutrina busquem lugares de destaque e influência na sociedade. O asceticismo e o sectarismo são deixados de lado em busca da satisfação dos desejos terrenos. O neopentecostalismo deixa de lado a esperança de salvação dos males terrenos na vida pós-morte para aderir à doutrina do mundo consumista e desfrutar de bens materiais aqui e agora.

2.1.3 Liberalização dos estereótipos usos e costumes de santidade

O estereótipo de crente de terno e a gravata, a Bíblia embaixo do braço, o coque no cabelo, a saia longa etc., não mais identificam um protestante na rua. As igrejas do pentecostalismo clássico são marcadas pelo estereótipo de usos de vestuário como sinal exterior de santidade. As igrejas do deuteropentecostalismo já se diferenciam das primeiras por afrouxarem esse estereótipo. As igrejas neopentecostais não afrouxaram esse estereótipo, elas, simplesmente, abandonaram por completo essa doutrina difundida, principalmente, no pentecostalismo clássico.

O ascetismo e o sectarismo, tão marcantes do pentecostalismo, pregava que o crente deveria negar e se abster de tudo o que fora “do mundo”. Dessa forma, venceria as tentações que tinham o objetivo de levá-los para longe de Deus e da santidade. Entre essas tentações estava o uso de roupas de acordo com as tendências ditadas pela moda. Assim, adotou-se um estereótipo como sinal de que o crente não se rendia às tentações mundanas e andava em santidade.

Esse paradigma foi quebrado pelo neopentecostalismo. Na Igreja Bola de Neve, os fiéis usam bermudas, camisetas regatas, bonés, usam tatuagem, bijuterias, *piercings* e todo tipo de roupa em consonância com o que dita a moda. A própria igreja possui uma loja em que são vendidas roupas da moda para os fiéis que se assemelham à moda praia.

O ascetismo e o sectarismo que diferenciavam e excluía o crente da sociedade deram lugar à identificação e à busca por posições de destaque.

2.2. Neopentecostalização

Segundo Mariano (2005):

Como propuseram novos ritos, crenças e práticas, relaxaram costumes e comportamentos e estabeleceram inusitadas formas de se relacionar com a sociedade. E, como se não bastasse, passaram a priorizar a vida aqui e agora, em vez de enfatizar, como insistiam antes seus irmãos de fé, o abrupto fim apocalíptico deste mundo, ao qual prontamente se seguiria a bem-aventurança dos eleitos no Paraíso celestial. (MARIANO, 2005, p.8)

A ruptura causada pelas igrejas neopentecostais faz com que elas se tornem tão diferentes das outras igrejas que não chegam a ser relacionadas, pelos leigos, às igrejas clássicas e deuteropentecostais do mesmo movimento. Porém, há um processo de “neopentecostalização” (Mariano, 2005) que fará com que as diferenças entre as igrejas pentecostais e neopentecostais se dissolvam.

Muitas igrejas que levam em suas fachadas o nome de “Assembléia de Deus” já adotaram mudanças em sua doutrina e em seus ritos. Os usos e costumes de vestuário já foram abandonados, as mulheres usam maquiagem e bijuterias, os jovens se vestem como praticantes de esportes radicais com bermudas e bonés, os ritmos musicais considerados “mundanos” já fazem parte da adoração dessas igrejas, que se voltam, cada vez mais, para alcançarem jovens.

2.3. A Igreja Bola de Neve

Qualquer um que passar pela Rua Turiaçu, no Bairro de Perdizes, em horários próximos ao início ou término dos cultos, perguntar-se-á se ali há uma casa de shows, uma “balada”, algum evento de esportes radicais ou coisa semelhante. É comum ver jovens vestidos com as roupas que deixam a caracterização de grupos bem definida. Homens que trajam bermudas, bonés e camisetas regatas; mulheres que trajam roupas da moda; jovens de diferentes idades que trajam roupas típicas de skatistas, surfistas e praticantes de esportes radicais. Terno e gravata, nem os seguranças usam.

Ao adentrarmos a igreja, encontramos pessoas sempre dispostas a ajudar e dar informações, pessoas bem solícitas, e prestativas receptivas e sempre com um sorriso no rosto, a primeira impressão é de que não estamos em uma igreja. No salão que antecede o lugar do culto, encontramos estandes de vendas das pregações dos cultos, venda da revista *Crista*. Também podemos ver uma loja de artigos da igreja, artigos esportivos para praticantes de esporte radicais, bonés, camisetas, bermudas. Se você sentir fome, se vier direto do trabalho ou da faculdade, há uma lanchonete onde você pode fazer uma refeição. Sempre com um clima muito animado de jovens que estão se divertindo.

O primeiro salão é separado do segundo por portas de vidro. No segundo salão, o ar-condicionado fica ligado e o clima de descontração transforma-se, de repente, em um clima de muito respeito e fé. A esfera que cerca a todos parece mudar, os sorrisos continuam, mas mais discretos e mais silenciosos.

2.3.1 A história da Igreja Bola de Neve

A igreja evangélica Bola de Neve, fundada pelo Apóstolo Rina, Rinaldo Luiz de Seixas Pereira, e sua esposa, Pastora Denise, tem um público alvo, um auditório, formado principalmente por jovens surfistas, *skatistas* e praticantes de esportes radicais. Em seu site principal – www.boladenvechurch.com.br – encontramos na página inicial uma jovem segurando uma prancha de surf em que podemos ler: “Changing lifes... for better”.

Em 1999, no bairro do Brás, um grande empresário de *surfware* cedeu em sua empresa um auditório, com capacidade para 130 pessoas, para reuniões e *workshops* da embrionária igreja Bola de Neve. Na hora de começar a reunião, o culto, faltava um lugar (púlpito) para apoiar a Bíblia. Uma prancha de surf, da empresa que emprestara o auditório, serviu como púlpito e se mantém até hoje, fazendo parte da identidade da igreja. Não somente a prancha faz parte da identidade da igreja e de seus fiéis, também as músicas tocadas pelo grupo de louvor da igreja têm ritmos bem propícios, como, por exemplo, o pop, o pagode, o funk, o rock e o reggae.

A igreja, hoje situada no Bairro de Perdizes, também faz divulgação pela televisão, pela internet, com diversos sites, e por uma revista chamada *Crista* – que faz referência a crista da onda do mar – e tem tiragem de 60 mil exemplares. Em crescimento sensível, já está em outros estados do Brasil e até em outros países como: Peru, Austrália, Inglaterra e Rússia. Segundo reportagem da revista *Época*, edição 271, a igreja cresceu 1.100% em seus três primeiros anos. O nome, Bola de Neve, remete-se a uma “coisa” que começa pequena e cresce até o ponto de virar uma avalanche.

A igreja ainda possui diferentes ministérios, cada um responsável por uma área de atuação: Ministério Recrie, Ministério Atacar, Ministério Bola *Music*, Ministério Bola TV, Ministério Bola Rádio, Ministério Mulheres Bola, Ministério Mergulhando na Palavra, Ministério Bolinha de Neve, Ministério Febem, Ministério de Assistência Social, Ministério Nova Vida, Ministério de *Sports* e Ministério Atalaias.

A igreja promove, com certa frequência, eventos de esportes radicais para atrair aos jovens; eventos como “A balada do Rei”, noites de *Raggae* e *Rock* com bandas evangélicas nacionais e internacionais; e até eventos relacionados à moda como desfiles. Preocupada com a situação financeira de seus fiéis, a igreja promove encontros, pelo Ministério Mergulhando na Palavra, sobre finanças, Aula de Finanças.

Estamos, evidentemente, diante de estratégias retóricas significativas, se considerarmos os índices de crescimento. Se há, como por certo há, fatores externos congregando os jovens, o discurso não pode ser vazio ou inadequado. Desvendá-lo, pois, é justificável. O ato de tomar a palavra implica escolhas. Escolhas lexicais, sintáticas e argumentativas, entre outras, para construção do discurso. Discurso que é subjetivo, que tem uma intenção e um público alvo, um auditório e um fim proposto. Discurso que louva ou censura, absolve ou condena, aconselha ou desaconselha. Discurso que leva a uma ação. Intreressa-nos, sobremaneira, essa ação retórica.

Ao nos depararmos com a escolha pelo estudo do discurso religioso, coube-nos, ainda, uma outra escolha: a escolha da denominação religiosa para coletarmos nosso *corpus*.

Nossa escolha caiu sobre a denominação protestante, por ter um crescimento sem precedentes no Brasil nos últimos anos. Segundo reportagem da Revista *Veja*, em 02/07/1997, o crescimento do número de evangélicos no Brasil tem uma taxa de três vezes maior do que o crescimento da população brasileira. Ainda segundo a mesma reportagem, no ano de 2000, 20 milhões de brasileiros eram protestantes e segundo projeções, metade da população brasileira poderia estar convertida ao protestantismo em 50 anos.

A escolha pela Igreja Bola de Neve não foi pelo acaso. Por fazer parte do círculo religioso protestante, há muito, a Igreja já nos suscitava certa curiosidade. Ao passar pela Rua Turiaçu, ao receber em nossos e-mails uma mensagem em mala-direta, ao ver na televisão ou, simplesmente, ao ouvir um comentário de alguém, a quantidade de jovens que frequenta essa igreja, sem dúvida, chama a atenção. O auditório foi um dos pontos de partida para escolha da denominação. Entender o ato retórico, que persuade esses jovens, é de suma importância para este trabalho.

Escolhida a denominação, coube-nos mais uma escolha: o discurso. A escolha caiu sobre o principal representante da Igreja Bola de Neve, o Apóstolo Rina. A primeira parte de nosso corpus não foi de difícil coleta, não foi necessário gravar um culto ministrado pelo Apóstolo Rina. A própria igreja se prontifica a gravar as pregações de seu principal representante e depois vendê-las ao interessado. As pregações podem ser adquiridas em um pequeno estande no *hall* de entrada da igreja.

Já para coletarmos a segunda parte de nosso *corpus*, obtivemos certa dificuldade. A revista *Crista*, que tem tiragem de 60 mil exemplares, “voa” das prateleiras do estande de vendas. Conseguimos, a muita perseverança, comprar dois exemplares, dos quais retiramos dois artigos assinados pelo Apóstolo Rina. O primeiro exemplar é a edição número 13, de Abril de 2008, que tem como título “*Vale tudo pela audiência? As emissoras estão em guerra*”. Desse exemplar coletamos o artigo que tem como título “Você conhece Deus?”. O segundo exemplar da revista é a edição 14, de Dezembro de 2008, que tem como título “*XAPARRAL – Conheça o skatista vencedor do X-Game Brasil*”. Desse exemplar retiramos o artigo que tem como título “*Voltar a ser criança*”. Ambos os artigos foram retirados da coluna “Fala, Pastor”.

A terceira parte de nosso *corpus* foi a que menos tivemos dificuldade de coletar. Na verdade não precisamos nem sair de casa, apenas ligar o computador e baixar nossos e-mails. A igreja faz uso de um serviço de mala-direta para enviar mensagens ao e-mail das pessoas. O

serviço tem o mesmo nome da coluna da revista: “Fala, Pastor”. Coletamos duas mensagens enviadas que tem como título: “Voe alto, muito alto” e “A sabedoria ou a tolice: qual você escolhe?”

Não foi necessário fazer a transcrição das mensagens da revista e da mala-direta, que se encontram, respectivamente, como anexo II, anexo III, anexo IV e anexo V. Para transcrição da pregação que se encontra em DVD, anexo I, não utilizamos nenhuma norma ou teoria.

Objetivamos com esse *corpus* deixar claras as estratégias de persuasão da Igreja Bola de Neve que se manifestam pelo discurso de seu principal representante.

CAPÍTULO III

RETÓRICA E ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

3.1 História da Retórica

Tarefa muito árdua é a de datar o surgimento de uma teoria já usada pelo homem desde os primórdios. O ato de tomar a palavra é muito mais complexo do que imaginamos. Tal ato comporta as três funções da mente humana: cognição, afeto e volição, pois anunciamos aquilo que aprendemos, aquilo que sabemos; escolhemos o que pronunciar e o que não pronunciar; e transmitimos nossa afetividade também no ato de tomar a palavra, principalmente quando se pretende agir sobre o outro, influenciá-lo, persuadi-lo.

Dizer que a retórica nasceu em um berço judiciário é querer justificar uma data para criação de uma teoria que era praticada há muito tempo. Dizer que a sistematização da Retórica, por parte dos sofistas, deu-se por causa do discurso judiciário, seria a forma correta de começarmos ao se falar de Retórica.

Em 480 a.C., os gregos triunfaram sobre a invasão persa. Os tiranos despojaram os cidadãos gregos e deram suas terras aos soldados persas que viveram naquela região. Com o triunfo dos gregos, surgiu a necessidade dos cidadãos despojados reivindicarem suas posses. Nessa época não havia advogados e os cidadãos defendiam, eles próprios, suas teses frente a um juizado. Dessa necessidade de defender sua tese para ter de volta sua posse, surgiu a sistematização, ou uma tentativa de sistematização, da Retórica. Era uma coletânea de preceitos que deveriam ser seguidos pelos cidadãos que recorressem à justiça. Essa coletânea foi elaborada por Córax, discípulo de Empédocles, e Tísias, discípulo de Córax. Assim, a Retórica é criadora de persuasão. Logo, a Retórica deixou os domínios da Sicília e espalhou-se por toda a Grécia chegando à Atenas.

Outro discípulo de Empédocles, Górgias, dá à Retórica uma nova utilidade. Não uma utilidade judiciária, mas uma estética e literária. Com a prosa cheia de figuras e de literariedade, ele é considerado o fundador do discurso epidíctico, que é caracterizado, nessa época, pelas orações fúnebres e os elogios públicos. Górgias foi o autor de grandes discursos gregos como Elogio Fúnebre aos Heróis Atenienses e Elogio de Helena.

Outro grande sofista e orador grego foi Protágoras (486 a.C. – 410 a.C.), mestre itinerante de filosofia e eloquência, fundador da erística em que o que vale é vencer uma discussão contraditória ao usar os piores sofismas. Em Protágoras, torna-se claro o vínculo entre a sofística e a Retórica.

Com os sofistas, o discurso deixa de ser verdadeiro ou verossímil. Tem-se, então, como força principal do discurso a eficácia. Uma eficácia sem responsabilidade, cheia de interesses próprios daquele que deseja ganhar a causa e ganhar a qualquer custo, ou seja, dominar pelo poder da palavra. Sobre os sofistas, Reboul (2005, p.09:) nos diz: “o mundo do sofista é um mundo sem verdade, um mundo sem realidade objetiva capaz de criar o consenso de todos os espíritos (...) sua aptidão para convencer pela aparência de lógica e pelo encanto do estilo.”

Apenas com Isócrates (436-338 a.C.), grande professor, mas não orador, a Retórica começa a se ver livre do domínio sofístico e passa a não carregar mais sobre si um tom tão pejorativo. Ao falar de Isócrates, Reboul (2005, p.11) diz: “moraliza a retórica ao afirmar alto e bom som que ela só é aceitável se estiver a serviço de uma causa honesta e nobre, e que não pode ser censurada, tanto quanto qualquer outra técnica, pelo mau uso que dela fazem alguns”. Não devemos, portanto, condenar a Retórica por seu uso às causas desonestas e levianas, devemos condenar, se assim nos for permitido, os homens que a usam de tal forma. A Retórica, isenta de qualquer julgamento, é amoral.

A Retórica chega até Aristóteles (384-322 a.C.) que dá mais valor ao conteúdo do que à expressão. Temos em Aristóteles o mais importante tratado sobre Retórica que chega até nós, a sistematização de toda a disciplina e arte que rondava a Grécia e era objeto de debate, pois uns a defendiam e outros a acusavam. O principal inimigo da Retórica foi Platão. Se bem que dizer que ele foi inimigo não é bem verdade, pois Platão não atacou a Retórica em si, em sua essência, mas o seu uso, o seu uso indevido e sofístico. Aristóteles defende a Retórica e a ela atribui um uso justo.

Aristóteles nasce em Estagira, em 384 a.C. Em 367 a.C., muda-se para Atenas, para freqüentar a Academia de Platão, onde permaneceu por vinte anos até a morte de seu mestre, Platão. Como não pode sucedê-lo em sua academia, Aristóteles muda-se para Assos na Ásia Menor e em 344 a.C., mudou-se para Mitilene, na ilha de Lesbos, para ser, então, tutor de Alexandre Magno, Alexandre, o Grande. Seu retorno para Atenas se deu apenas em 335 a.C. ano em que fundou o Liceu, a Escola Peripatética, marcada pelos estudos durante as caminhadas entre o mestre e seus discípulos. Após a morte de Alexandre, em 323 a.C., Aristóteles foi denunciado por ter profanado um hino aos deuses quando escrevera um hino em homenagem a Hércules, partiu, então, para Cálcis, na ilha de Eubéia, onde morreu no ano seguinte.

Entre suas obras destacaremos a Arte Retórica por ser base para todas as tendências da Nova Retórica e também desta Dissertação. A Arte Retórica (2005) de Aristóteles compõe-se

de três livros. O primeiro trabalha com o discurso (*logos*); o segundo com as paixões (*páthe*) e com o caráter (*éthos*); e o terceiro comporta o estudo da forma e do estilo. Junta-se os três livros e temos o mais valioso tratado de Retórica.

Dizer que a Retórica é amoral, causa-nos um estranhamento e certa repulsa. Porém, Aristóteles (2005) deixa-nos bem claro essa afirmação quando define a Retórica. Em sua *Arte Retórica* nos diz:

Assentemos que a Retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar persuasão. Nenhuma outra arte possui esta função, porque as demais artes têm, sobre o objeto que lhes é próprio, a possibilidade de instruir e de persuadir (...) Mas a Retórica parece ser capaz de, por assim dizer, no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir.” (ARISTÓTELES, 2005, p.33)

A Retórica não tem como objeto próprio o honesto ou o nobre, não está preocupada com a verdade ou a mentira. A Retórica preocupa-se com o que pode ser capaz de persuadir, e, para isso, trabalha com o verossímil, com aquilo que pode ser verdade. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) fazem o resgate da Dialética aristotélica para trabalhar com a teoria da argumentação e concordam com Aristóteles quando dizem que “o campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.1)

Da Grécia, a Retórica chega a Roma. O Império Romano fez inúmeras conquistas, entre elas, a Grécia. Os retores¹ gregos foram levados a Roma e começam a ensinar sua Retórica. Porém, em 161 a.C. os retores e filósofos gregos foram expulsos de Roma e em seus lugares foram colocados os professores gregos de Retórica. A Retórica era, no Império Romano, instrumento de poder.

Os mais expoentes trabalhos romanos de que temos conhecimento são: *Retórica a Herênio*, que já foi atribuída a Cícero, mas hoje se sabe que ele não é o seu autor; *Do Orador*, obra de Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.); *Instituições Oratórias*, de Marco Fabio Quintiliano (Séc. I d.C.).

Na Idade Média, a Retórica tinha seu valor agregado ao mundo pagão, porém foi assimilada ao cristianismo, principalmente, na obra de Santo Agostinho (354-430), *A*

¹ Retores, aqui, são tidos como os mestres da Retórica.

Doutrina Cristã. Porém, o uso da Retórica pela Igreja não se limitou às obras de St. Agostinho, pois ela fez a usou em seus discursos missionários que visavam alcançar novas nações. Esses fatos fazem cair por terra a tese de que o declínio da Retórica se deu por conta da Igreja.

A Idade Média ainda teve outra contribuição para os estudos da Retórica: o *trivium*. O *Trivium* era parte do currículo escolar em que eram ensinados Retórica, Gramática e Lógica, os aspectos das artes liberais pertinentes à mente, arte do pensamento – Lógica; arte de inventar e combinar símbolos – Gramática; e arte da comunicação – Retórica. Segundo Joseph (2008 p.28) “a retórica á a arte mestra do trivium, pois ela pressupõe e faz uso da gramática e da lógica; é a arte de comunicar através de símbolos as idéias relativas à realidade”.

Após a Idade Média, a Retórica chega ao período da Renascença e sofre um duro golpe. As novas ideias que surgem quebram o vínculo entre o argumentativo e o oratório, a força e o valor da Retórica. A Dialética, um dos pilares da Retórica, sofre um duro ataque por parte de Descartes, que também considera como falso tudo o que é verossímil. Mais ávido em sua crítica do que Descartes foi Locke, que fez da Retórica a arte da mentira.

Ainda nesse período, duas correntes decretam o declínio da Retórica. O positivismo, que rejeita a Retórica em nome da verdade científica; e o romantismo, que a rejeita em nome da sinceridade. Em 1885, a Retórica foi retirada do ensino francês.

A Retórica deixa de fazer parte do ensino, mas nem por isso deixa de existir. Ela ainda continuou do cotidiano daqueles que proferiram discursos, seja em qualquer instância da sociedade.

Somente por volta de 1960, a Retórica volta à cena. Não mais como criadora de discursos persuasivos, mas como ciência e disciplina para se conhecer os meios de persuasão empregados pelos oradores. Ela aproxima-se, assim, da gramática e mais ainda nos anos subseqüentes às teorias linguísticas como Pragmática, Análise do Discurso, Análise Crítica do Discurso etc., e até mesmo a outras áreas epistemológicas como a Semiótica.

Nessa época, a Retórica ainda está muito ligada à literatura. Os estudos retóricos reduziam-se apenas ao estudo das figuras de linguagem. O Grupo μ , que tem contribuições importantes para esses estudos, surge como precursor do movimento do estudo que trabalha com a Retórica totalmente desvinculada da Retórica Antiga e que a reduz ao estudo das figuras de linguagem.

Porém, na mesma época, mais precisamente em 1958, surge um trabalho que traria a Retórica ao seu lugar nos estudos lingüísticos. Chaïm Perelman e sua esposa e pesquisadora assistente, Lucie Olbrechts-Tyteca, publicam o *Traité de L'argumentation, La nouvelle rhétorique*², publicado na França. Tem-se, novamente, uma Retórica ligada aos estudos de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, que não despreza as figuras de linguagem e dá-lhes o devido lugar nos estudos retóricos como figuras retóricas. A obra de Perelman & Tyteca surge mais voltada ao lado racional, lógico, da Retórica. Busca mais a invenção das provas e traz-nos uma riquíssima contribuição quando classifica os argumentos usados em um processo argumentativo.

A obra de Perelman & Olbrechts-Tyteca não é a única a marcar a época como uma época de retomada dos estudos retóricos como teoria da argumentação. O inglês Stephen E. Toulmin publica também em 1958 a obra *The uses of argument*³, que se mantém, até hoje, conhecida o modelo de Toulmin. O modelo de Toulmin consiste em definir o discurso argumentativo composto por seis elementos. Ei-los: dado; lei de passagem; suporte; modalizador; conclusão e restrição, refutação.

Para esse trabalho, pautar-nos-emos somente nas obras de Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005). A Obra de Toulmin (2006) ficará para estudos subsequentes.

² No Brasil: *Tratado da Argumentação, a Nova Retórica*. São Paulo, Martins Fontes, 1996

³ No Brasil: *Os usos do argumento*. São Paulo, Martins Fontes, 2 ed., 2006

3.2 As divisões da Retórica

Aristóteles (2005) divide a Retórica em quatro partes:

- Invenção (do grego *heurésis*, do latim *inventio*): a busca dos argumentos, a “invenção” (no sentido de achar aquilo que está escondido e guardado) dos argumentos que serão usados no processo argumentativo;
- Disposição (do grego *taxis*, do latim *dispositio*): a organização discursiva dos argumentos, a disposição dos argumentos no processo argumentativo;
- Elocução (do grego *lexis*, do latim *elocutio*): o estilo que será empregado para apresentação dos argumentos, a redação da argumentação;
- Ação (do grego *hypocrisis*, do latim *actio*, *promuntiatio*): o ato de tomar a palavra para proferir a argumentação que foi preparada nas etapas anteriores.

Os retores romanos acrescentaram ainda, mais uma parte a esse processo retórico, a memória. Nas palavras do autor da Retórica a Herênio (2005, p.55), “Memória é a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das palavras e da disposição”, ou seja, o ato que antecede a ação e nos prepara para proferir a argumentação memorizada, e ainda, segundo Quintiliano (1944, p.78) “Mas nem poderemos dizer todas as coisas, que a matéria pede, nem cada uma em seu lugar, sem nos ajudar a Memória”.

3.2.1 Disposição

A disposição (do grego *taxis*, do latim *dispositio*) compreende a parte em que o discurso é organizado após se ter “buscado” as provas. A disposição é dividida em quatro partes: o exórdio, a narração, a confirmação e a peroração.

O exórdio consiste na parte inicial do discurso, a parte introdutória, em que o orador terá seu primeiro contato com o auditório; e sua importância é indiscutível, pois tem como objetivo deixar o auditório dócil, atento e benevolente. Dócil porque o auditório precisa encontrar na disposição de aprender e compreender, a partir de uma exposição clara e breve da tese a que se irá defender, sujeito à influência do orador. Atento porque o auditório precisa se interessar pelo assunto com algo novo ou surpreendente e não se distrair. Benevolente porque o auditório precisa estar bem disposto, simpático e favorável. No exórdio sobressaem

as provas éticas e patéticas. Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p.561) “o exórdio é a parte do discurso que visa mais especificamente atuar sobre a disposição do auditório” e, ainda, o exórdio “garante as condições prévias da argumentação”

A narração consiste na exposição dos fatos referentes à tese. Na narração o *logos* se sobressai sobre o *ethos* e o *pathos* e para ser eficaz deve ter três características: clareza, brevidade e credibilidade.

A confirmação é a parte mais longa do discurso e consiste no conjunto de provas referentes à tese em questão, seguido de uma refutação aos argumentos adversários.

A peroração consiste na parte final do discurso e pode ser dividida em três partes: amplificação; paixão, em que se busca suscitar de maneira mais enfática o *pathos* no auditório; e recapitulação, em que se resume a argumentação.

3.3 As provas retóricas

Para Aristóteles (2005) as provas usadas em um processo argumentativo podem ser divididas em provas extrínsecas e intrínsecas. As provas extrínsecas são aquelas que não dependem da Retórica, são os testemunhos, as confissões, as leis. As provas intrínsecas são aquelas que dependem da Retórica, são provas lógicas e emotivas e são: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. A tríade aristotélica da Retórica.

As provas intrínsecas são ligadas às instâncias da linguagem que visam convencer e/ou persuadir. O *ethos* e o *pathos* ligados à emoção visam persuadir e o *logos* ligado à razão visa convencer. Porém, o *logos* permeia o *ethos* e o *pathos*, pois projeta e transmite o *ethos* e suscita o *pathos*.

As provas retóricas podem ser lógicas ou psicológicas. As provas lógicas são racionais, *logos*, já as provas psicológicas ligam-se ao emotivo e são éticas, *ethos*, ou patéticas, *pathos*.

3.3.1 *Ethos*

A primeira das três grandes provas aristotélicas da Retórica é o *ethos*. Na atualidade dos estudos lingüísticos, o estudo do *ethos* tem ultrapassado os limites da argumentação e tem adentrado a outras teorias como, por exemplo, a Análise do Discurso. Em nossa pesquisa, reter-nos-emos apenas ao conceito de *ethos* desenvolvido por Aristóteles em sua Arte Retórica (2005).

Para o filósofo grego, *ethos* é a imagem de si, o caráter, a personalidade, a escolha de vida do orador, por isso a palavra ética. A imagem que o orador demonstra no momento da argumentação, não a imagem que ele possui, mas a que ele transmite no momento de sua argumentação. Para Meyer (2007, p.34), “o *ethos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que então se dispões a ouvi-lo e a segui-lo”.

O *ethos* é, para Aristóteles (2005), a “mais importante das três provas” que um discurso comporta. O orador, no momento de sua argumentação deixa transparecer uma imagem que visa à confiança do auditório, portanto o *ethos* é construído pelo auditório a partir do que o orador deixa transparecer em seu discurso. A imagem que o orador projeta de si no momento do discurso, no momento de sua argumentação, visa provocar um *pathos* em seu auditório. Esse *pathos* é a confiança. Para Aristóteles (2005, p.33), “obtem-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança”. O autor ainda nos traz três características que são fundamentais e que “são as únicas que obtêm a nossa confiança. Ei-las: a prudência (*phronesis*), a virtude (*areté*) e a benevolência (*eunoia*).” (ARISTÓTELES, 2005, p.97)

Como já dissemos anteriormente, o ato de tomar a palavra implica escolhas. Ora, para que o orador projete uma imagem de si em seu discurso, faz escolhas lingüísticas para que o auditório tenha uma participação intelectual no momento da argumentação para que a produção de sentidos não fique prejudicada e, assim, da mesma forma, a argumentação não seja vazia, sem sentido. O *ethos* se mostra, então, a partir das escolhas lingüísticas que o orador faz.

O *ethos* faz parte de um jogo de identidade e diferença. Se a identidade entre o orador e seu auditório é satisfatória, o *ethos* cumpriu sua tarefa. Se a diferença entre o orador e seu auditório é o que se sobressai, o *ethos* deixou de cumprir sua tarefa como prova de discurso persuasivo e a adesão está prejudicada, pois *aderir a um discurso é sempre, no fundo, identificar-se com seu autor*. (Plantin, 2008, p.112)

Meyer (2007), ao trabalhar com a retórica problematológica, traz-nos ainda dois aspectos importantes no estudo sobre o *ethos*. Para o autor o *ethos* é um princípio de autoridade e o ponto final do questionamento.

O princípio de autoridade liga-se diretamente ao argumento de autoridade⁴, ou seja, à autoridade daquele que fala. Para melhor entendermos, segundo Ferreira (2009, p.107) “o

⁴ O argumento de autoridade será exposto no tópico sobre a classificação do argumentos em Perelman & Olbrechts-Tyteca

reflexo evidente é que, no interior do discurso, toda potencialidade discursiva nasce de acordos relacionados ao princípio de autoridade”. Para tomar a palavra e transmitir confiança, o orador deve possuir uma autoridade que seja aceita perante o seu auditório, por isso, para Meyer (2007) o *ethos* é ponto final do questionamento. Baseado na autoridade que o *ethos* do orador transmite, o auditório encerra as principais questões como resolvidas e respondidas.

3.3.2 *Pathos*

O homem está inserido em um mundo de relações e de representações. Ora, essas relações, com o outro, e essas representações, do outro e do eu, envolvem uma lado afetivo que não pode ser dissociado do uso da linguagem. Dizer que o homem pode obter um grau zero de afetividade e um grau máximo de racionalidade é negar a existência de uma parte da natureza humana.

Essa natureza humana não pode ser negada e nem dissociada da razão que tanto faz parecer um homem virtuoso. Essa natureza afetiva é que nos faz seguir a uma ação, é um lado passional que nos leva a uma atividade. Nas palavras de Meyer “há na alma, ao lado da razão, um princípio *ativo* e um princípio *passivo*, ação e paixão se compensando, de certo modo (MEYER, 2003, p.XXI). Nossas ações são, em geral, desencadeadas pelo lado afetivo, que é natural do homem e não pode ser negado. A própria luta contra nossas paixões, torna-se um ato passional.

A afetividade condiciona, de certa maneira, nossas ações, ou melhor, nossas reações a situações que se desenvolvem na relação com o outro. Segundo Breton (2009, p.113) “mesmo quando ela é sincera e genuinamente oferecida, a afetividade permanece uma emanção característica de certo ambiente humano e de determinado universo social de valores”

Negar o lado emotivo do homem e buscar a razão pura é uma luta que o homem nunca vencerá, pois não se pode renunciar as suas paixões nem, simplesmente, escolher a quais paixões terá. O homem não é responsável por sentir suas paixões e sim por fazer-se submeter sua ação a elas. “Percebe-se assim que o homem “virtuoso” não é aquele que renunciou às suas paixões (como seria possível?), nem o que conseguiu abrandá-las ao máximo. O homem virtuoso ou “bom” é o que aprimora sua conduta de modo a medir da melhor maneira possível e em todas as circunstâncias o quanto de paixão seus atos comportam inevitavelmente” (LEBRUM, 1987, p.20)

Do grego, a palavra *pathos* significa paixão, sentimento. Mas na Retórica, não encontramos somente esse sentido, pois a calma não é uma paixão é um estado de espírito. Portanto, na Retórica, *pathos* é paixão, emoção, sentimento e estado de espírito. Segundo Breton (2009, p.113)

O sentimento é a tonalidade afetiva aplicada sobre um objeto, a qual é marcada por sua duração e homogênea em seu conteúdo senão em sua forma. (...) A emoção é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo. Ela consiste num momento provisório, originando-se de uma causa precisa onde o sentimento se cristaliza com uma intensidade particular: alegria, cólera, desejo, surpresa ou medo. (BRETON, 2009, p.113)

E ainda, segundo Lebrum

É reagindo a uma ofensa que eu sinto raiva. Sinto medo ao imaginar um perigo iminente que possa me prejudicar ou destruir. A paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é então o sinal de que eu vivo na dependência permanente do Outro. Um ser autárquico não teria paixões. (LEBRUM, 1987, p.18).

Esse lado afetivo e tido na Retórica como *ethos* e *pathos*. O *ethos* já foi estudado anteriormente, então, passaremos, agora, ao estudo do *pathos*. Para Meyer “a verdadeira questão não se situa tanto ao nível do *ethos*, da vontade ou não de seduzir e de manipular, mas no *pathos*, quer dizer, da aceitação mais ou menos consciente dessa manipulação.” (MEYER, 1998, p.50).

Para Aristóteles (2003, p.5) “As paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos, e são seguidos de tristeza e prazer, como a cólera, a piedade, o temor e todas as outras paixões análogas, assim como seus contrários.” Pois, para persuadir um auditório, o orador deve suscitar, pelo seu discurso, determinadas paixões que levarão o auditório à ação pretendida.

Persuadir é mover pela emoção, pelo sentimento. Para Aristóteles (2005, p.33) “obtem-se a persuasão nos ouvintes quando o discurso os leva a sentir uma paixão, porque os juízos que proferimos variam, consoante experimentamos aflição ou alegria, amizade ou ódio. Encontramos a mesma idéia de Aristóteles (2005) nas palavras de Lebrum (1987, p.19) “O

objetivo do orador e, mais ainda, o do poeta, não consiste apenas em convencer através de argumentos. É necessário também que ele toque a mola dos afetos, e utilize os movimentos da alma que prolongam certas emoções”.

Aristóteles (2005) lista quatorze paixões. São elas: cólera; calma; amor; ódio; temor; confiança; vergonha; impudência; favor; compaixão; indignação; inveja; emulação; e desprezo.

A cólera, acompanhada da tristeza, é o desejo de vingar-se de um desprezo, de uma afronta, de um ultraje. Ela é direcionada sempre a alguém em particular e nunca ao geral. Sente-se cólera contra um homem e não contra todos os homens. A cólera é o desejo de causar desgosto. A calma é o contrário da cólera, sua inibição e o seu apaziguamento. Conduz à virtude da temperança e da reserva.

O amor é o querer para alguém aquilo que se julga bom para ele e não para nós e também o realizar esse querer para o outro. O amor é recíproco e causa a igualdade, aproxima, associa as pessoas. O ódio é o contrário do amor e surge sem nenhuma ligação pessoal, odeia-se a classes de pessoas como, por exemplo, os negros, os homossexuais, os judeus etc. O ódio é o desejo de causar mal.

O temor é o certo desgosto ou preocupação que resultam da suposição de um mal iminente, que provoque dano ou pena. Aquele que teme, nutre uma esperança de salvação. O contrário do temor é a confiança, pois se tem a esperança de que os meios de salvação estão próximos e confiam que serão salvos.

Sentimos vergonha diante das faltas que parecem vergonhosas para nós ou para aqueles com quem nos preocupamos, como, por exemplo, os atos de covardia. O contrário da vergonha é a impudência, que nos faz praticar atos vergonhosos aos olhos de outros, mas não aos nossos.

O favor é o serviço pelo qual aquele que possui concede ao que necessita, não por conta de receber algo em troca ou de levar vantagem em algum momento, mas ao interesse daquele que necessita.

A compaixão é um pesar por algo que causou um mal destrutivo ou penoso a alguém que não merece. Sente compaixão aquele que está à mercê do mesmo mal. Ao contrário da compaixão, a indignação é um pesar pelo sucesso imerecido de alguém, como, por exemplo, aos que alcançaram uma homenagem sem terem feito por merecer.

A inveja é um pesar pelo sucesso dos nossos iguais. Um pesar que não visa ao nosso interesse, mas por causa dos nossos iguais, pois não queremos que eles tenham tal sucesso. A inveja é um pesar nocivo que deseja que o outro fique sem aquilo que conquistou.

A emulação é um pesar pelos bens comuns a todos e que podemos possuir. Pode ser confundida com a inveja, porém a emulação não visa ter o que é do outro, não quer tirar o do outro, visa possuir um bem que é comum, ou ser igual ao outro. O contrário da emulação é o desprezo, pois não queremos ser iguais ou possuir os mesmos bens de quem desprezamos.

Portanto, as paixões podem ser meios de se submeter o auditório a certos de juízos de valor para que, condicionado, possa deliberar a favor de uma tese, ou no caso do discurso religioso, prepará-lo para a futura ação. O *pathos*, que é suscitado pelo *logos*, condiciona e leva o auditório a uma ação.

3.3.3 Logos

3.3.3.1 A busca pelos argumentos

A busca pelos argumentos é o ponto inicial de todo processo argumentativo. Nessa etapa, o orador empreende-se em buscar aquilo que é passível de convencer e/ou persuadir seu auditório. A primeira pergunta de um orador na busca dos argumentos é sobre o objetivo do discurso: aconselhar, desaconselhar, elogiar, censurar, acusar ou defender, para que se defina o gênero oratório a ser utilizado.

3.3.3.2 Gêneros Oratórios

A Retórica comporta três gêneros oratórios, a saber: o deliberativo; o judiciário e o epidíctico (também conhecido como demonstrativo ou laudatório), pois ora aconselha-se ou desaconselha-se; ora defende-se ou acusa-se; ora elogia-se ou censura-se. E são três as categorias de ouvintes, de auditório, dos discursos, pois ora somos juízes; ora assembléia; ora espectadores.

Aquele que fala, o orador, utiliza-se de três gêneros para adaptar-se ao auditório e em contrapartida coloca o auditório em três diferentes disposições. Assim, como os gêneros são distintos, seus atos também o são. No judiciário defendemos ou acusamos; no deliberativo aconselhamos ou desaconselhamos; e no epidíctico louvamos ou censuramos. O impacto que esses três gêneros causam no auditório também varia, por causa da disposição em que o orador coloca o auditório. O tempo não é o mesmo, pois no judiciário tratamos dos fatos passados; no deliberativo tratamos do futuro; e no epidíctico tratamos do presente.

De início, temos, na origem da Retórica, somente os dois gêneros oratórios, o judiciário e o deliberativo, devido à chegada da democracia na Grécia. Somente mais tarde, definiu-se o gênero epidíctico como também integrante da Retórica. Esse comportava em um primeiro momento o elogio fúnebre, em que se exaltavam as qualidades do defunto, e em um segundo momento passou-se, então, ao elogio público de qualquer pessoa, seja viva ou morta e também os aspectos da vida e da sociedade.

O gênero judiciário corresponde às apresentações a um juiz em que se acusa ou se defende, sempre baseado em um fato do passado. Tem como valores o justo e o injusto.

O gênero deliberativo corresponde às apresentações a uma assembléia em que aconselha ou desaconselha, baseado no futuro e tem como valores o útil ou o nocivo.

O gênero epidíctico comporta as apresentações a um espectador em que se louva ou censura baseado no presente e tem como valores o nobre e o vil, o feio e o belo

Os discursos não são puros quanto ao uso de cada gênero oratório, podemos encontrar elementos dos três gêneros oratórios em um mesmo discurso, pois eles podem atravessar-se e conversar mutuamente. Para Aristóteles (2005)

Quando se louva ou se censura, quando se aconselha ou se desaconselha, quando se acusa ou se defende, ninguém se empenha só em demonstrar o que afirmou; mas todos se propõem, além disso, mostrar a importância, grande ou pequena do bem e do mal, do belo e do feio, do justo e do injusto (ARISTÓTELES, 2005, p.41)

Essa afirmação não é de exclusividade de Aristóteles. Os retores latinos também partilham da mesma opinião de Aristóteles. Segundo Quintiliano (1944):

Também não seguirei a opinião daqueles que restringem a matéria do gênero Laudativo ao que é honesto, do Deliberativo ao útil e do Judicial ao justo, distribuição breve sim e justa, mas falsa na sua aplicação. Porque estas coisas concorrem em cada gênero a auxiliarem-se umas às outras. Pois no louvor se trata também do justo, e do útil, nos conselhos do honesto, e raras vezes se achará causa Judicial, em que não se encontre tratada alguma destas matérias acima ditas, ao menos em alguma parte. (Quintiliano, 1944, p.105)

Para desenvolvimento deste trabalho, parece-nos importante focalizar o gênero epidíctico, pois para Perelman (2005, p.55) “por reforçar uma disposição para a ação ao

aumentar a adesão aos valores que exalta, que o discurso epidíctico é significativo e importante para a argumentação”.

Como dissemos anteriormente, o gênero epidíctico só foi incorporado à Retórica algum tempo depois dos dois outros gêneros (judiciário e deliberativo). O gênero epidíctico comportava um discurso ao qual ninguém se opunha, pois tratava de matérias não controversas e não duvidosas. Talvez, por esse motivo, o gênero epidíctico não foi valorizado no processo argumentativo e ficou muito ligado à literatura. Porém, com o advento da Nova Retórica, ele foi valorizado e sua importância pode ser comprovada nos estudos de Perelman & Tyteca (2005). Segundo os autores os discursos epidícticos constituem “uma parte central da arte de persuadir, e a incompreensão manifesta a seu respeito resulta de uma concepção errônea dos efeitos da argumentação” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p.54) e ainda, “o gênero epidíctico é central na retórica” (PERELMAN & TYTECA, 2004, p.67)

Aristóteles (2005) define os valores dos gêneros como o justo e o injusto, o útil e o nocivo, o nobre e o vil (belo e feio), mas como criar a adesão do auditório a esses valores que podem ser contestados por serem subjetivos? Eis a importância central do gênero epidíctico, pois é “por reforçar uma disposição para a ação ao aumentar a adesão aos valores que exalta, que o discurso epidíctico é significativo e importante para a argumentação” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p.55).

Os valores, que serão posteriormente usados como premissas e objeto do acordo prévio entre orador e auditório nos dois outros gêneros oratórios, são exaltados no discurso epidíctico, para, dessa forma, buscar uma adesão do auditório.

O orador do discurso religioso faz uso do gênero epidíctico para que a adesão do auditório a novos valores seja um constante em todo o processo argumentativo, preparando o auditório para uma mudança comportamental que se desencadeará no momento oportuno.

3.3.3.3 Adaptação do orador, contato dos espíritos, auditório e acordo prévio.

No Tratado da Argumentação (2005), a principal e primeira característica do discurso persuasivo é a adaptação do orador ao auditório para busca da adesão do auditório. Para Perelman & Tyteca (2005), o mínimo que devemos ter para a adesão do auditório é uma linguagem, porém, isso, por si só, não basta. O contato entre orador e auditório vai além da linguagem, pois não queremos dirigir nossa palavra a todos os seres. Há alguns que fazem sobressair o nosso desejo de comunicação, há alguns que nós queremos influenciar seus

ânimos, há alguns que desejamos que compartilhem conosco de nossas opiniões. Nossas opiniões, nossas idéias, são transmitidas pela linguagem, por meio da argumentação e para argumentar “é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.18).

A participação mental do auditório, daquele a quem se quer persuadir, é de suma importância no processo argumentativo. A palavra convencer em sua raiz etimológica pode nos explicar melhor a importância dessa participação do auditório. Convencer, do Latim “*cum*” com, “*vincere*” vencer, ou seja, vencer com, juntamente, com alguém, partilhar nossas opiniões. Ora, se é opinião, *doxa*, e não uma verdade constituída e inquestionável, *dogma*, é claro que pertence ao campo da Retórica e pressupõe uma atividade mental, intelectual, do auditório.

E o que dizer do auditório? O que é um auditório? Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p.22) o auditório é “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação”. Esse auditório, para os autores, deve ser o mais próximo possível da realidade, ou seja, o orador não deve construir seu auditório baseado em estereótipos, mas deve buscar conhecer aqueles a quem se quer convencer e/ou persuadir. O auditório pode ser definido segundo suas funções sociais (políticos, professores, advogados etc) ou por seus valores, que cercam e moldam seus discursos. Mas, cabe, segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) uma distinção dos auditórios para que a argumentação seja mais eficaz. A distinção entre auditório particular e auditório universal.

O auditório universal seria composto por todo o ser racional, toda a humanidade. E o auditório particular seria composto por um grupo especializado, como professores, freiras etc. O auditório particular pode, ainda, ser definido por sexo, idade e até mesmo valores e crenças. Aristóteles (2005) ainda nos traz uma distinção de como agir sobre os ânimos dos jovens, adultos, velhos, nobres, ricos. Ele faz, dessa forma, uma classificação de possíveis auditórios particulares.

A distinção entre persuadir e convencer é importante para que pensemos, dentro do processo argumentativo, nas provas racionais e passionais. Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p.30) “para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação”, ao contrário, “para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.30). Aquele que quer persuadir conclama a emoção, o lado passional da argumentação; aquele que quer convencer conclama a razão, o lado racional da argumentação.

Como já dissemos anteriormente a linguagem comporta, para uma argumentação eficaz, o convencer e o persuadir. O convencer, do latim, “cum + vincere”, vencer com, juntamente; o persuadir, do latim, “per + suadere”, “per” de modo completo, “suadere” aconselhar, ou seja, aconselhar de modo completo, aconselhar e não impor.

Para que os argumentos sejam aceitos pelo auditório, passada a fase de adaptação do orador e a definição do auditório, o orador deve procurar o acordo prévio com o auditório. Dessa forma, o orador faz uso do que é previamente admitido pelo auditório para embasar sua argumentação e transferir, por meio dos argumentos, a adesão inicial desse acordo à tese que será defendida. As premissas utilizadas no processo argumentativo são trabalhadas pelo orador que busca uma preparação para o raciocínio e uma utilização persuasiva dos fatos, das verdades, das presunções e dos valores. São esses os objetos do acordo prévio.

Os fatos se referem a uma realidade objetiva e designam o que é comum a vários homens e poderia ser a todos. No processo argumentativo, o fato é um fato não controverso. Para que possamos compreender no que consiste a verdade, utilizaremos um trecho da Dissertação de Mestrado de Silvio da Silva (2007)

“Verdade e mentira. Justo e injusto. Certo e errado. Legal e ilegal. Esses pares opostos pertencem ao nosso imaginário e tornam-se integrantes de nossa própria identidade. Para postular um conceito de cada um deles, seria preciso analisar a sua relação com o contexto social em que são produzidos, os integrantes da sociedade que os utilizam, verificar os fundamentos desta sociedade e, não obstante, observar como, quando e onde são utilizados. Variarão quantas vezes variarem cada um dos elementos da equação. São, portanto, indefiníveis.

Na necessidade de discuti-los, apenas alguns conceitos são passíveis de serem aceitos e, ainda assim, naquela situação posta, especificamente. Inegável, porém, é que o ato de exercer a palavra implica, sempre, uma postura discursiva criada por uma situação retórica específica (acusar ou defender, criticar ou enaltecer, condenar ou absolver, propor ou explicar, etc.) que, enfim, pretende estabelecer critérios possíveis para revelar o existir, impor uma posição que seja capaz de, pela força retórica compreendida, levar o outro a acreditar que uma crença particular sobre um evento do mundo pode transmutar-se em consenso.

Debatem-se, nesse plano de ação voltado para o outro, as contingências restritivas e amplificadoras do discurso: os mecanismos de manutenção do poder, os artifícios persuasivos e a criação de provas que, se bem articuladas e plausíveis, levam ao convencimento. Enfim, no jogo discursivo, ethos e pathos se digladiam para determinar o falso do verdadeiro, o puro do impuro, o justo do injusto, o certo do errado, o dever do direito, o útil do nocivo, o humano do desumano. Assim, pensar a existência de uma verdade não significa simplesmente opô-la ao seu inverso, a mentira; mas,

sim, estabelecer as relações que produzem os seus significados. (Silva, 2006, dissertação de mestrado, PUC-SP, p.1)

Somos condicionados a verdades que são criadas baseadas em nossa cultura, política, religião e etc. Pensar em uma verdade universal seria, talvez, buscar uma utopia para resolver os problemas que cercam nossa sociedade e, dessa forma, acabar com o discurso argumentativo, pois as verdades se constituiriam como dogmas e raciocínios fechados e sem controvérsia.

As presunções são, na maioria das vezes, admitidas de imediato como ponto de partida para argumentação e seu uso “resulta em enunciados cuja verossimilhança não deriva de um cálculo aplicado a dados de fato” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.79), pois estão vinculadas ao normal e não ao verossímil.

Os valores são o último objeto do acordo prévio que trataremos. Ao lado do fato, das verdades e das presunções, que buscam acordos universais, os valores buscam acordo de auditórios particulares. Estar de acordo com um valor é “admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação e a disposição às ações uma influência determinada (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.84). Os valores constituem-se como base de nossas ideologias e num dado momento eles intervêm em todas as argumentações. Ainda segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca quando “inseridos num sistema de crenças, que se pretende valorizar aos olhos de todos, alguns valores podem ser tratados como fatos ou verdades” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.85)

Um valor pode constituir-se como uma verdade e embasar um raciocínio apodíctico, fechado, monossêmico, ou seja, pode constituir-se como um dogma. A constituição do dogma nos fica mais evidente quando explorada a partir da retórica problematológica de Michel Meyer (1991). Para ele, a problematologia é “o estudo do questionamento” (1991, p.09), em que se busca a gênese do questionamento, a natureza do problema, da questão e da resposta. Quanto maior o grau de problematicidade que uma dada questão possui, maior será o número de respostas que tentam resolver tal questão.

Uma resposta problematológica tem isto de particular: ela separa o impensado do pensamento, coloca alternativas, e é isto a solução que ela traz. Ela não é uma resposta no sentido habitual: uma resposta *apocrítica*, como eu lhe chamo, fecha o inquérito, recalca o problemático e afasta-se dele, em vez de o pesquisar, explorar e esclarecer. Ela serve de base para uma outra questão, e assim sucessivamente. As questões

desaparecem, as respostas acumulam-se. (MEYER, 1991, p.20)

Para Meyer (2007, p.29) “o problema consiste em fazer de tal modo que não haja problema: é o gênero epidíctico”. O gênero epidíctico que congrega o discurso religioso, que busca uma comunhão em torno de valores comuns do auditório e do orador com “apelos a valores comuns, não contestados embora não formulados, e por alguém qualificado para fazê-lo” (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2005, p.59)

Há na epidíctica um lado otimista, um lado incensador, que não escapou a certos observados perspicazes. Não receando a contradição, nele o orador transforma facilmente em valores universais, quando não em verdades eternas, o que, graças à unanimidade social, adquiriu consistência. Os discursos epidícticos apelarão com mais facilidade a uma ordem universal, a uma natureza ou a uma divindade que seriam fiadoras dos valores incontestes e que são julgados incontestáveis. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.57)

O orador, ao utilizar o gênero epidíctico, busca não só a comunhão a valores comuns, mas também tem a intenção de baixar o grau de problematidade de certas questões agregando a essas uma autoridade divina. O orador faz isso por meio de seu *ethos* que se relaciona objetivamente com o *ethos* de Deus.

Para Meyer (2007, p.35) “o *ethos* é o ponto final do questionamento”. Fica claro quando pensamos nos questionamentos que cercam, senão quando constroem, o discurso religioso. As controvérsias, as polêmicas e todo tipo de questionamento cessam quando a autoridade religiosa responde a uma dada questão. Temos uma autoridade que goza de um prestígio reconhecido por uma comunidade e que faz com que as questões mais complicadas tenham um grau de problematidade baixo

A problematidade no discurso religioso tem relação com a intenção do orador que visa um grau baixo de problematidade para ter as questões como resolvidas com uma resposta que cessa o questionamento. Constrói-se, assim, o discurso apodíctico. A resposta inquestionável joga com valores universais e com a credibilidade do orador

3.4 Os argumentos

Há lugares em que encontramos os argumentos. São os *topoi*, lugares em que podemos classificar os argumentos. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) dividem os lugares em dois tipos: lugares de quantidade e lugares de qualidade.

Os lugares de quantidade constituem-se em lugares-comuns em que algo é mais valorizado do que outro baseado em seu valor quantitativo. Já os lugares de qualidade surgem quando a virtude do número é contestada. Nesse tipo de lugar o que é valorizado é o que é melhor e não maior ou em maior quantidade. É claro, que hoje, esse número de lugares pode ser ampliado e estudado.

Quando se fala em Retórica, fala-se em persuasão e convencimento, termos já definidos anteriormente, e também se fala em argumentação e argumento, mas no que consiste a argumentação? O que é uma argumentação e o que é um argumento?

Aristóteles (2005) já nos trouxe uma classificação dos argumentos: os indutivos e os dedutivos. Mas a classificação dos argumentos na Nova Retórica é bem mais ampla e complexa, isso se dá pelo fato de que para Perelman (2005) a adesão das premissas é transportada para a conclusão por meio dos argumentos.

A Nova Retórica de Perelman (2005) nos traz um vínculo muito estreito entre argumentação e auditório, pois aquela depende exclusivamente deste. Oliveira (2007) nos diz que:

Essa vinculação estabelecida por Perelman, entre argumentação e auditório, apresenta uma noção de argumentação puramente discursiva, que associa sistematicamente os elementos postos à prova do interlocutor, deixando-a livremente subordinada a uma atividade de propor teses, problematizá-las e respaldá-las pela adoção de razões, para criticá-las e refutá-las indefinidamente, visto que o procedimento argumentativo pressupõe a aplicação de técnicas discursivas que produzem ou fazem crescer a adesão dos interlocutores. (OLIVEIRA, 2007, p.268)

Sendo assim, “argumentar consiste em prover de justificativas uma idéia que se pretende incutir em outrem” (OLIVEIRA, 2007, p.268) e, mais próximo da Nova Retórica, buscar o assentimento do auditório a essa idéia. Prover de justificativas, prover de argumentos uma idéia, por isso os argumentos “consistem em meios pelos quais os indivíduos sustentam as suas idéias no intuito de captar a audiência ou assentimento do seu interlocutor para

persuadi-lo ou convencê-lo”. (OLIVEIRA, 2007, p.268). Sustentar idéias, ou melhor, meios de provar.

Para Perelman & Tyteca (2004), pertencem ao estudo da lógica os casos em que os meios de provar consistem em uma demonstração rigorosa. Já os casos em que os meios de provar não consistem em uma demonstração rigorosa pertencem à Retórica, pois “em Aristóteles, a retórica tinha precisamente como objeto o estudo dessas técnicas de argumentação não coerciva, cuja meta era estear juízos e, com isso, ganhar ou reforçar o assentimento das mentes”. (Perelman & Tyteca, 2004, p.220) E ainda: “Como a argumentação diz respeito a teses às quais auditórios variados aderem com uma intensidade variável, o estatuto dos elementos que intervêm numa argumentação não pode ser rígido, como aconteceria num sistema formal” (PERELMAN, 1993, p.67)

Todo discurso é articulado e carrega no seu interior estratégias retóricas de persuasão. Diante de tal fato, supomos que há uma interação entre os argumentos. Fica-nos, dessa forma, evidente que essa interação comporte também uma força entre os argumentos. Podemos dizer que um argumento é mais forte do que o outro? Quais seriam os argumentos mais “fortes” e quais seriam os mais “fracos”? Há uma ordem correta na utilização dos argumentos?

Essas perguntas estão completamente condicionadas ao auditório, pois “é a natureza do auditório ao qual alguns argumentos podem ser submetidos com sucesso que determina em ampla medida tanto o aspecto que assumirão as argumentações quanto o caráter, o alcance que lhes serão atribuídos” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p.33). É o auditório que condiciona a argumentação, o número de argumentos e a ordem desses argumentos no interior do discurso.

Para Perelman (2005) é de fundamental importância em uma argumentação que a adesão às premissas seja garantida e, se for o caso, deve-se reforçá-la durante a argumentação. Com isso, garante-se, a princípio, a adesão que deve ser transmitida à conclusão, porém deve-se tomar cuidado com a adaptação do argumento ao auditório, pois um argumento que não esteja de acordo com o auditório causará repulsa e ainda:

a força de um argumento depende da adesão dos auditores às premissas da argumentação, da pertinência desta, da relação de proximidade ou distância que ela pode ter com a tese defendida, das objeções que se lhe poderiam opor, da maneira como se poderiam refutar (PERELMAN, 1993, p.152)

Se o orador faz uso de argumentos distintos, mas que culminam em um mesmo objetivo, em uma mesma conclusão, o valor de cada um desses argumentos será acrescido, o

valor de cada um deles será reforçado. Tornam-se argumentos fortes quando usados em conjunto, quando usados em *convergência* (Perelman, 1993), pois “a convergência dos argumentos, quando incontestada, produz um grande efeito de persuasão” (PERELMAN, 1993, p.154) e ainda, segundo o mesmo autor, esta convergência constitui o fundamento mais sólido do raciocínio indutivo.

Ora, se uma argumentação comporta um número não definido de argumentos, podemos cair em um problema, ou um campo de estudo, que Perelman (1993, 2005) chama de amplitude da argumentação. Segundo Perelman (1993, p.157) “a amplitude da argumentação explica-se, por vezes, pela ignorância das teses admitidas pelo auditório. Não se sabendo que argumento será o mais eficaz, podem apresentar-se várias argumentações, umas vezes complementares, outras vezes incompatíveis”. O orador deve ter um cuidado redobrado quando da utilização da várias argumentações, pois se corre o risco de fazer uso de argumentos incompatíveis, irrelevantes e fracos ou o risco de tornar-se redundante.

Para Aristóteles (2005), como já dito antes, os argumentos são classificados em indutivos e dedutivos. Os argumentos indutivos são os exemplos e os dedutivos, os entimemas, que se constituem de duas premissas, uma maior, que é universal, e outra menor que é particular; e de uma conclusão. O autor ainda nos alerta para o uso do entimema aparente, em que as duas premissas não têm relação objetiva entre si e levam o auditório a uma conclusão falsa. Para o filósofo “os discursos baseados em exemplos prestam-se mais que outros para persuadir; mas os discursos baseados em entimemas impressionam mais” (ARISTÓTELES, 2005, p.34).

Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) os argumentos

apresentam-se, tanto sob forma de uma ligação que permite transferir para a conclusão a adesão concedida às premissas, como sob forma de uma dissociação que visa separar elementos que a linguagem, ou uma tradição reconhecida, tinham anteriormente ligado entre si.” (PERELMAN, 1993, p.68)

Três são os tipos de argumentos de ligação: os quase lógicos; os que se fundam na estrutura do real e os que fundamentam a estrutura do real; e um é o tipo de argumento de dissociação: a dissociação das noções. Em nossa análise, trabalharemos com alguns dos argumentos que se fundam na estrutura do real e alguns que fundamentam a estrutura do real. Não trabalharemos com os argumentos quase lógicos e a dissociação das noções.

3.4.1 Os argumentos baseados na estrutura do real

Os argumentos baseados na estrutura do real valem-se da relação estreita dos argumentos quase lógicos para estabelecer uma solidariedade entre os juízos admitidos pelo auditório e aqueles que orador deseja que sejam admitidos (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Os argumentos baseados na estrutura do real são divididos em dois tipos: as ligações de sucessão; e as ligações de coexistência.

As ligações de sucessão “unem um fenômeno a suas conseqüências ou a suas causas” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.298), enquanto as ligações de coexistência unem uma pessoa aos seus atos, uma pessoa a um grupo, uma essência a suas manifestações. Dentre as ligações de sucessão, trabalharemos com o argumento pragmático. Dentre as ligações de coexistência, trabalharemos com o argumento de autoridade.

O argumento pragmático consiste em “apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas conseqüências favoráveis ou desfavoráveis” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.303). Ou seja, a ligação entre o ato e suas conseqüências é exposta para se entender e julgar a conseqüência como favorável ou desfavorável. No argumento pragmático, o fato, ou o acontecimento, não é foco, mas sim sua conseqüência. A força do argumento pragmático consiste no acordo sobre o valor das conseqüências.

A palavra de honra, o depoimento de um especialista, a tese de um professor, uma autoridade reconhecida por membros de um grupo social tem uma autoridade perante o auditório, tem um prestígio que é respeitado. O argumento de autoridade baseia-se no prestígio da autoridade citada. A bíblia é aceita pelos cristãos como autoridade incontestável e irrevogável diante de qualquer ação julgada.

Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p.348) o argumento de autoridade

é de extrema importância e, embora sempre seja permitido, numa argumentação particular, contestar-lhe o valor, não se pode, se mais, descartá-lo como irrelevante. E ainda com efeito, quanto mais importante é a autoridade, mais indiscutível parecem suas palavras. No limite, a autoridade divina sobrepuja todos os obstáculos que a razão poderia opor-lhe (Perelman & Olbrechts-Tyteca 2005, p.351)

Segundo Ferreira (2009, p.106):

o princípio que atribui autoridade a alguém é cristalizado institucionalmente e se potencializa pela disseminação e

aceitação do discurso dominante, isto é, a noção de autoridade é baseada numa série historicamente desenvolvida de compreensões, acordos e crenças de instituições políticas, legais e sociais. Em função disso, como ocorre em todos os falares assegurados pelas macro ou microinstituições, as posições discursivas assumidas pelos integrantes do discurso religioso (hierarquizado institucionalmente) são também marcadas pela tradição e emanam de um princípio de autoridade já instaurado no interior da sociedade e no próprio discurso. (FERREIRA, 2009, p.106)

Ainda nas palavras de Ferreira (2009) "O reflexo evidente é que, no interior do discurso, toda potencialidade discursiva nasce de acordos relacionados ao princípio de autoridade". O argumento de autoridade está intimamente ligado ao *ethos*. Essa relação ficará mais clara e exposta em nossa análise, em que examinaremos não só o *ethos* do orador, mas também o *ethos* de Deus.

3.4.2 Os argumentos que fundamentam a estrutura do real

Os argumentos que fundamentam a estrutura do real fazem-no de dois modos: pelo recurso ao caso particular; ou por analogia. Em nossa pesquisa, trabalharemos com o recurso ao caso particular. Esse recurso trabalha com ligações que fundamentam o real e podem desempenhar diferentes papéis. Traçaremos esses papéis, que neste trabalho serão: o exemplo, a ilustração, o modelo e o antimodelo, por cumprirem funções importantes no discurso religioso.

A argumentação pelo exemplo "implica (...) certo desacordo acerca da regra particular que o exemplo é chamado a fundamentar" (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.399). E é, ainda, "procurar, a partir do caso particular, a lei ou a estrutura que este revela" (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1993, p.119). A argumentação pelo exemplo implica, também, um acordo prévio sobre a generalização de casos particulares.

Para Perelman & Olbrechts-Tyteca

Enquanto a argumentação pelo exemplo serve para fundar, quer uma previsão, quer uma regra, o caso particular desempenha um papel completamente diferente quando a regra já está admitida: ele serve essencialmente para ilustrar, quer dizer, para lhe dar uma certa presença na consciência (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1993, p.121).

O exemplo fundamenta a regra e a ilustração reforça a adesão a uma regra conhecida e aceita. A argumentação pela ilustração reforça essa adesão pelo caso particular. Enquanto o exemplo deve ser incontestável por fundamentar uma nova regra, a ilustração pode ser contestável, porém deve impressionar a imaginação para chamar a atenção do auditório. Quando se justifica uma regra antes de ilustrá-la, a passagem do exemplo à ilustração faz-se de maneira insensível.

Ainda o caso particular, que serve para exemplo ou ilustração, pode ser usado no processo argumentativo como modelo e antimodelo, um modelo, uma conduta a seguir e um antimodelo, um conduta a não se seguir.

O modelo, assim como o argumento de autoridade, está intimamente ligado ao *ethos*, pois “só se imitam aqueles que se admiram, que têm autoridade, prestígio social, devidos à sua competência, às suas funções ou ao extrato social a que pertencem” (PERELMAN, 1993, p.123). O modelo estimula uma ação nele inspirada, por isso, seu prestígio, sua autoridade. Enquanto o modelo causa uma identidade o antimodelo causa uma diferença, pois nos aproximamos daqueles que queremos seguir e nos afastamos daqueles que não queremos seguir.

3.5 Análise Crítica Do Discurso

Herdeira da Linguística Crítica, a Análise Crítica do Discurso não se ocupa somente da descrição lingüística, mas propõe examinar o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e ideológicas, e seu papel fundamental na transformação social, bem como a relação entre a linguagem e o poder, com uma percepção da linguagem como parte irredutível da vida social interconectada a outros elementos sociais. Segundo Fairclough (2001) o seu principal objetivo é “reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, na forma de um quadro teórico que será adequado para uso na pesquisa científica social e, especificamente, no estudo da mudança social”. (FAIRCLOUGH, 2001, p.89).

Segundo o autor, todo discurso é historicamente produzido e interpretado, todo discurso está situado no tempo e no espaço, assim, há transformações no funcionamento social da linguagem que se refletem na prática social, pois afetam as relações e as identidades sociais. Segundo Fairclough

Muitas dessas mudanças sociais não envolvem apenas a linguagem, mas são constituídas de modo significativo por mudanças nas práticas de linguagem e talvez seja uma indicação da importância crescente da linguagem na mudança social e cultural que tentativas de definir a direção da mudança cada vez mais incluam tentativas de mudar as práticas de linguagem. (FAIRCLOUGH, 2001, p.25)

Dessa forma, Fairclough (2001) desenvolve a teoria social do discurso e uma concepção de discurso tridimensional: texto; prática discursiva; prática social.

- A dimensão do texto: cuida da análise lingüística textual;
- A dimensão da prática discursiva: especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual;
- A dimensão da prática social: cuida de interesses da análise social como: circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza das práticas discursivas e os efeitos constitutivos/construtivos.

Para tanto, Fairclough (2001) se centrará na análise do discurso, em que o contexto é uma dimensão fundamental e o sujeito construído por e construindo os processos discursivos a partir de sua natureza de ator ideológico, isto é, o sujeito social é moldado pela prática discursiva, mas também é capaz de remodelar e reestruturar essa prática. O foco principal de do autor é a mudança discursiva em relação à mudança social e cultural.

O conceito de discurso adotado por Fairclough (2001) é de discurso como prática social, pois o discurso implica um modo de ação em que as pessoas agem sobre o mundo e sobre os outros, como também um modo de representação; e ainda o discurso e a estrutura social têm uma relação dialética, sendo, o discurso moldado e restringido pela estrutura social. Esse conceito de discurso envolve os seguintes elementos relacionados dialeticamente: atividade produtiva, meios de produção, relações sociais, identidades sociais, valores culturais, consciência e semioses, lembrando que todo discurso é um objeto historicamente produzido e interpretado, isto é, situado no tempo e no espaço.

Para Fairclough (2001, p.91) “o discurso é socialmente constitutivo”, pois ele contribui para a constituição das dimensões sociais e é uma prática de representação e de significação do mundo que é constituído e construído em significado. Assim, Fairclough (2001) distingui três aspectos dos efeitos construtivos do discurso: o discurso contribui para a

construção das identidades sociais e posições do sujeito para os sujeitos sociais e tipos de eu; contribui para construir a relação social entre as pessoas; e contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença.

Segundo Fairclough (2001, p.92) “A prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la”.

A identidade e a relação entre os falantes dependem da consistência e da durabilidade de padrões de fala no interior e exterior dessa relação para sua produção. O líder religioso e seus fiéis, seus papéis e sua relação dependem da consistência e da durabilidade de padrões de fala no interior e exterior dessa relação para o que o discurso possa ser produzido e a partir dele a estrutura social e assim por diante.

3.5.1 A prática social

Para Fairclough (2001), a prática social tem várias orientações (econômica, cultural, ideológica) e o discurso pode estar implicado em todas elas. Porém, o foco do trabalho do autor, consiste em o discurso como prática política e ideológica. Como prática política, o discurso estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos). Como prática ideológica, o discurso constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Ao trabalhar dessa forma, Fairclough (2001) desenvolve o conceito de discurso a partir das concepções de ideologia e hegemonia.

A ideologia é importante ferramenta na manutenção das relações de dominação. Segundo Fairclough

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p.117)

A ideologia está presente no discurso e na prática discursiva e sempre que há um contraste, uma tensão, entre dois discursos é possível que parte desse contraste seja uma luta ideológica. A ideologia constitui-se, segundo Fairclough (2001) como uma propriedade tanto

da prática social como dos eventos sócias e das estruturas sociais, pois é “subjacente às práticas linguísticas” (FAIRCLOUGH, 2001, p.118).

Portanto, a ideologia caracteriza-se por relação de dominação com base na classe, no gênero social, grupo social e assim por diante Fairclough (2001).

3.5.2 Hegemonia

Para Fairclough (2001, p.122)

“Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais. (...) Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classe subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos, para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. (FAIRCLOUGH, 2001, p.122)

Como vimos anteriormente, pode haver uma tensão entre discursos que se será, quase sempre, uma luta ideológica para se sobrepôr uma ideologia à outra. A articulação, desarticulação e rearticulação dos elementos na prática discursiva, para essa luta ideológica, são concebidas como uma luta hegemônica, em que são vistos: uma concepção dialética da relação entre estruturas (ordens do discurso concebidas como configurações de elementos mais ou menos instáveis) e eventos discursivos; e uma concepção de textos centrada na intertextualidade sobre a maneira como articulam textos e convenções prévias.

A hegemonia é constituída por uma ordem de discurso (faceta discursiva do equilíbrio contraditório e instável); e o marco delimitador da luta hegemônica é a articulação e a rearticulação dessa ordem de discurso. Além disso, para contribuir para a reprodução ou a transformação da ordem de discurso existente e das relações sociais e assimétricas existentes, temos como uma faceta da luta hegemônica a prática discursiva, a produção do discurso, a distribuição do discurso e o consumo.

Para Fairclough (2001) o conceito de hegemonia fornece ao discurso uma matriz (uma forma de analisar a prática social a qual pertence o discurso em termos de relações de poder, se essas relações de poder reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes) e um modelo (uma forma de analisar a própria prática discursiva como um modo de luta hegemônica que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens de discurso existentes).

CAPÍTULO IV

DISCURSO NEOPENTECOSTAL: EVANGELIZAÇÃO OU SEDUÇÃO?

Para uma melhor didatização de nosso trabalho, optamos por colocar em anexo a pregação que constituiu nossa análise. No corpo de nossa análise, usaremos fragmentos retirados de nosso *corpus*.

4.1 Contato entre orador e auditório e adaptação do orador ao auditório

O auditório da Igreja Bola de Neve é constituído, principalmente, por praticantes de esportes radicais. Por tratar-se de um auditório particular¹, cabe ao orador a busca pelo contato dos espíritos e sua adaptação ao auditório.

O processo de adesão envolve, também, outros recursos persuasivos de natureza não linguística. Assim, embora os elementos suprasedimentais² façam parte do contato entre orador e auditório e funcionem também como estratégia para identificação da Igreja Bola de Neve com o seu auditório, não trataremos desses elementos em nosso trabalho por não fazerem parte do processo argumentativo, que se desenvolve linguisticamente.

Os acordos verbais constituem a tônica deste trabalho e, de acordo com Perelman & Tyteca (2005) a linguagem é o primeiro ponto de contato entre orador e auditório. Os oradores da Igreja Bola de Neve fazem uso de um discurso muito acurado e voltado, muito claramente, para um segmento juvenil, composto por esportistas que apreciam a velocidade, a altura, a incerteza das ondas, o perigo, como bem demonstra o fragmento a seguir:

Antes de nós mergulharmos na profundidade da revelação da história de Jonas, coloque aí o seu **snorkel, sua máscara de mergulho, o seu pé de pato ou nadadeira**, como preferir.
(Grifo nosso)

O exemplo é nítido no caso, mas o uso do léxico não é suficiente para que o contato dos espíritos seja eficaz (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005). É também necessário que o orador demonstre alto grau de adaptação ao seu auditório e, sobretudo, demonstre apreço pela participação intelectual de seu público alvo.

¹ Como vimos no Capítulo III, o auditório particular é composto por um grupo definido de pessoas por diferentes classificações como: idade, sexo, crença, religião etc.

² Os elementos suprasedimentais são: fundos musicais, roupas usadas pelos líderes que dizem respeito a grupos definidos (sufistas, skatistas etc), o púlpito (Prancha de surf), cores da igreja etc.

Essa postura é clara quando o orador cria, não só para si, e também para a igreja e seu auditório, um recurso identitário por meio da linguagem, primeiramente ao valer-se do pronome “nós”, altamente inclusivo e, depois, por demonstrar sensível apreço pelo auditório:

Sim, Senhor, **nós** já entendemos, **nós** temos que **usar de forma inteligente os recursos naturais**. Nós não vamos mais **arrombar a camada de ozônio**, nós não vamos mais **derreter o planeta**. Sim, Senhor, vamos procurar outros meios, outras formas. O mundo ia ser diferente. (Grifo nosso)

O orador mostra-se preocupado com problemas mundiais contemporâneos como o aquecimento global e demonstra que uma solução estaria no bom uso de recursos naturais. Essa preocupação é, como se nota claramente, um ponto de contato e de adaptação ao auditório, pois conclama a participação efetiva dos praticantes de esportes radicais e jovens que pensam no futuro do planeta. Outro fator importante que se fixa no discurso está na demonstração de contemporaneidade: o orador se mostra atualizado quanto aos problemas que afligem a sociedade. Assim, ao expor recursos discursivos de natureza identitária, o orador consolida os aspectos ligados à identidade da própria igreja.

No primeiro trecho, a seguir, quando o orador pergunta ao auditório: “Que que o Léu vai contar lá na Austrália?”, faz menção a um país em que a Igreja Bola de Neve possui uma filial e a um país que é conhecido por praticantes de *surf* e outros esportes radicais como mergulho, paraquedismo, *Bunge-jump*, entre outros. O auditório presumido pelo orador deve estar mais próximo possível da realidade para que a argumentação seja eficaz. Seria improvável no contexto da igreja, mas uma imagem inadequada pode ter nefastas consequências: repulsa coletiva em razão da evidente e exacerbada persuasão oferecida pelo orador. O orador conhece seu auditório e, por isso, elabora um percurso argumentativo capaz de conquistar, com segurança, a quem pretende conquistar.

No segundo fragmento da pregação, a menção ao filme *Missão Impossível II* fica clara. Como reforço persuasivo, o orador usa os óculos da marca *Ockley*, propagada no filme e voltada, principalmente, para praticantes de esportes radicais como *surf*, *skate*, *snowboard*, esqui (tanto na neve como na água), entre outros.

Com fundo musical. Que fundinho... por que você tá tocando essa música de cabaré no fim de noite? **Faz um som do céu, aí cara**. Os convidados vão dizer: esse japonês tá caído. Quero ver vai. Com fundo musical. **Que que o Léu vai contar lá na Austrália?** (Grifo nosso)

Acho que veio um helicóptero jogou um *Ockley* e estava escrito lá: vá à Assíria, a Nínive e esse óculos vai explodir em 30 segundos. (Grifo nosso)

Ora, para Perelman (2004, p.70) “A retórica, em nosso sentido da palavra, difere da lógica pelo fato de se ocupar não com a verdade abstrata, categórica ou hipotética, mas com a adesão. Sua meta é produzir ou aumentar a adesão de um determinado auditório a certas teses”. Por não se preocupar com o verdadeiro ou o falso e sim com a adesão, é que o processo argumentativo, de que se encarrega a Retórica, é condicionado pelo auditório e, não somente esse processo, mas também o orador. A adaptação do orador ao seu auditório é uma constante e requer que o orador “dê valor à adesão alheia e que aquele que fala tenha a atenção daqueles a quem se dirige” (PERELMAN, 2004, p.70). Para que o auditório fique atento à pregação, o orador faz uso de uma estratégia retórica em que cria uma interação com o auditório. Essa interação cria um ponto de contato e faz com que o orador fique mais próximo de seu auditório e ganhe a adesão do mesmo.

A adaptação do orador e o ponto de contato com o seu auditório dão-se, no seguinte trecho, pelo uso lexical de “e-mailzinho” e “célula”. O diminutivo é caracteristicamente afetivo em português e o uso do termo e-mail no interior da pregação infiltra a idéia de modernidade e aproximação dos recursos de multimídia tão conhecidos e utilizados pelos mais jovens. Por outro lado, o uso da palavra “célula” diz respeito à forma de evangelização empregada pela Igreja Bola de Neve.

Nenhum **e-mailzinho** pra Jonas dizendo: Jonas, tem pelo menos três aqui que querem **uma célula**, vem pregar pra gente. Nada assim (Grifo nosso)

Para uma argumentação, que visa à adesão do auditório, ser eficaz, é necessário um contato entre os espíritos daqueles que proferem a argumentação e daqueles a quem a argumentação se dirige. Esse contato sugere a formação de uma comunidade intelectual para que seja possível debater, em um momento posterior, uma questão específica.

A formação dessa comunidade está condicionada a alguns elementos: deve haver uma linguagem que propicie a comunicação entre os seus integrantes; é preciso ter apreço pela adesão do auditório; é preciso, além de falar e escrever, ouvir; é preciso fazer parte do mesmo meio em que haja relações sociais entre seus membros.

As estratégias retóricas usadas pelo orador para obter o contato dos espíritos e a constituição da imagem da igreja, do *ethos* institucional, fazem parte de em um processo simultâneo de relação identitária entre os membros efetivos da comunidade religiosa.

Como vimos no capítulo teórico, o discurso epidíctico só foi inserido na tríade dos gêneros oratórios algum tempo após os outros dois gêneros. Pelo fato de seu conteúdo não ser controverso e não exigir um opositor, esse discurso comportava os elogios fúnebres, as orações, os elogios a uma cidade, uma espécie de espetáculo que visava o prazer dos espectadores. O auditório desses discursos tinha o dever de aplaudir ou não e ir embora.

Porém, com o advento da Nova Retórica, outro ponto muito importante do gênero epidíctico foi abordado. Os antigos não tinham se dado conta de que esse discurso além de exaltar qualidades, também, inoculava nas pessoas juízos de valor. Os valores que se exaltam nos discursos epidícticos servirão como premissas para o discurso deliberativo e judiciário e influenciarão o auditório na tomada de decisão para uma mudança comportamental, uma ação que se desencadeará no momento oportuno. Eis, pois, o valor do gênero epidíctico e seu lugar central na Retórica (Perelman, 2005)

Classificamos, pois, o discurso religioso como um discurso epidíctico. O orador exalta qualidades positivas e censura qualidades negativas a partir dos exemplos, das ilustrações, dos modelos e dos antimodelos, para que o auditório possa ter esses valores como premissas e como valores verdadeiros e divinizados. E, ainda, outro ponto que nos leva a classificar o discurso religioso como epidíctico, é que nesse discurso o papel do orador é central, é destacado. Segundo Perelman:

Sem dúvida, o orador é o ponto de mira e pode ser-lhe atribuída alguma glória. Porém, examinando com mais atenção, veremos que, para pronunciar o discurso epidíctico que pode conferir-lhe essa glória, o orador já deverá ter prestígio prévio, prestígio devido à sua pessoa ou à sua função. (PERELMAN, 2004, p. 68)

O *ethos* tem papel central no gênero epidíctico e no discurso religioso. Uma estratégia retórica é usada pelo orador para revestir seu *ethos* de uma autoridade, de um prestígio, incontestável. A relação objetiva entre a imagem do orador e a imagem de Deus será explorada a seguir.

4.2 *Ethos*

Como já vimos no capítulo anterior, o *ethos*, segundo Aristóteles (2005), constitui-se na mais importante das três provas retóricas. Para o autor, o *ethos* é mostrado no discurso e tem como objetivo suscitar a confiança no auditório. Para tanto, três são as principais características que fazem com que o orador obtenha essa confiança: a prudência; a virtude da honestidade; e a benevolência. O *ethos* de um líder religioso tem, ainda, outra propriedade - que será explorada quando tratarmos da análise dos argumentos - pois o *ethos* está diretamente condicionado ao argumento de autoridade.

A imagem que o orador do discurso religioso transmite comporta as três principais características, que Aristóteles (2005) considera importantes para se obter a confiança. Mas podemos verificar que, no discurso religioso, essa imagem está não só condicionada ao argumento de autoridade, como também está condicionada à crença e, nesse aspecto, relacionada objetivamente com a imagem de Deus.

O orador do discurso rememora o conhecido e reconhecido *ethos* de Deus já no exórdio, que tem a função de deixar o auditório atento, dócil e benevolente e, em seu interior, o orador realça os argumentos que suscitam o *pathos*. Note-se que o uso dos verbos que, se por um lado denunciam o “desejo” de Deus, por outro, traduzem a segurança do orador quanto à veracidade desse desejo:

Deus criou seres humanos e **Ele espera** que esses humanos guardem os seus mandamentos, escutem a sua Palavra, estejam atentos a sua voz, não por constrangimento, não por obrigação, mas por amor, diz pro seu vizinho: é por amor. **Deus não quer obediência forçada**, é por isso que **ele respeita** as suas decisões, as suas escolhas, **Ele não quer obediência forçada. Deus nunca vai obrigar** alguém a adorá-lo. Não. **Ele não procura escravos** adoradores. **Ele procura** aqueles que o adoram em Espírito e em Verdade. **Ele quer adoração** daqueles que vêm com tanta fome da tua presença, com tanta vontade de dar graças que essa adoração brota lá das entranhas, lá da alma e ela se transforma em sacrifício a Deus. Isso agrada ao Pai. **Deus não vai nunca induzir ninguém a lhe servir. Ele espera que nós façamos isso por amor.** Até lá nos últimos dias quando todo joelho se dobrar e toda língua confessar que Jesus Cristo é o Senhor. **Isso não será uma ordem:** humanidade dobre os seus joelhos. Não haverá anjos forçando pessoas a se ajoelharem, agora diga: abra a boca, Jesus é o Senhor. Não. Esse será o

reconhecimento dos homens sobre a divindade de Cristo. **Sim, Ele é o Messias, Ele é o Filho de Deus, Ele é o único mediador entre Deus e os homens, Ele é a escada que nos leva ao Pai.** Aí, todo joelho se dobra e toda a língua confessa. **Deus nos deixou essa livre escolha e espera que nós nos voltemos a Ele por amor.** Diz de novo pro seu vizinho: é por amor (Grifo nosso)

O orador assume, com convém ao pastor na visão institucional, a voz de Deus e a vontade divina com tamanha convicção que seu discurso toma um ar autoritário. Embora o *ethos* de um Deus amoroso e confiável seja exaltado a fim de infundir no auditório, a partir das escolhas linguísticas do orador, o amor e a confiança, sentimento de segurança e o compromisso humano de conformação à vontade divina, adicionalmente, a prudência, a virtude do bem e principalmente a benevolência de Deus são também expostas no exórdio. Com essa ação retórica, o apóstolo Rina pretende conseguir a adesão e a participação do auditório, pretende torná-lo atento para ouvir o que virá a seguir, dócil para aceitar a instrução, o aconselhamento, e benevolente para aceitar o que o orador tem a dizer.

Por ser representante de Deus na Terra e, portanto, por ter discurso autorizado institucionalmente, o orador do discurso religioso tem seu *ethos* relacionado objetivamente com o *ethos* de Deus. A confiança que o orador do discurso religioso suscita em seu auditório está diretamente condicionada à autoridade que lhe é atribuída pelo divino. O *ethos* do orador, reiteramos, ganha força quando se relaciona objetivamente com o *ethos* de Deus e, dessa forma, objetiva suscitar no auditório a paixão da calma:

Quantas vezes **nós** perdemos a sua bênção numa batalha de vontades, onde a **noossa** sempre vence? Está sede de domínio, de controle tem que ser identificada, ela está em **nós** e é aquela velha história da segurança que **você** tem, estando no controle versus o que será da minha vida se Deus estiver no comando. E aí, sim, começar a andar por fé. **Cê** sabe quando essa luta se trava? Essa batalha se dá? Quando os **noossos** pensamentos, os **noossos** preconceitos, o **noosso** espírito crítico **nos** leva a julgar que aquilo que Deus está **nos** pedindo é impossível de se realizar. Isso acontece quando **nós** olhamos pra situações em nossas vidas em que Deus começa a exigir mudança e **você** diz: aqui não dá, isso não acontece, isso é impossível. É quando Deus **te** diz: perdoa aquilo que **você** crê ser imperdoável. É quando Deus **te** diz: aceita o que **você** pensou ser inaceitável. É quando Deus **te** diz: ama aquele que **você** acredita não merecer mais amor. São desafios e eles encontram resistência em **noossos** corações. Diga pro seu vizinho: às vezes, **nós** dizemos não e a luta pelo controle continua. (Grifo nosso)

Vemos como é interessante o uso dos pronomes “nós” e “você”, que cria uma relação com o auditório, uma identificação entre orador e auditório. Isso contribui para adesão ao *ethos* e conseqüentemente para que o auditório se sinta calmo.

Ora, para que o orador possa aconselhar o auditório, como é o caso no trecho acima, deve, no plano retórico, demonstrar prudência, pois sabe o que deve fazer, virtude de obediente, pois é escolhido para retratar o que Deus quer e benevolente, pois busca o bem do auditório. O orador aconselha o auditório, por meio da exploração de marcas características da coloquialidade e da oralidade, a ouvir o que, aparentemente, sai da boca de Deus: “É quando Deus te diz: perdoa aquilo que você crê ser imperdoável. É quando Deus te diz: aceita o que você pensou ser inaceitável. É quando Deus te diz: ama aquele que você acredita não merecer mais amor.” Como se percebe, a imagem do líder religioso na Terra relaciona-se objetivamente com a imagem de Deus e a partir dessa estratégia retórica, o discurso ganha um tom de divinização.

Assegurada a associação com Deus, o orador pode demonstrar, pelo discurso, não ser benevolente, uma das três características apontadas por Aristóteles (2005). Apesar disso, seu discurso não deixa de ser persuasivo e seu *ethos* não deixa de cumprir seu objetivo: suscitar confiança no auditório.

Eu desistiria de Jonas. **Eu** diria: Jonas, no meu time, eu não quero mais. Que covarde, correu... da chamada. Pra ele não tem mais vez aqui não. (Grifo nosso)

No trecho acima, temos, claramente, a projeção do *ethos* de um orador confiante, resoluto. Ora, se Deus não pode deixar de ser benevolente, pois isso negaria uma das suas principais características, o orador, humano, tem o direito de mostrar-se menos divinizado e mais próximo do homem comum: capaz de se enraivecer, exaltar a coragem, negar a covardia, ser peremptório e até cruel. O lado humano e o lado divino do ser que transmite a palavra de Deus se fundem em simbiose. Com isso, o pastor permite-se o direito de, apenas no final da pregação, relembrar a adesão que já existe por conta da associação de sua imagem com a imagem de Deus.

No trecho abaixo, retirado da parte final da pregação, podemos ver como o orador mostra seu *ethos*:

Pai querido e amado, nós **rogamos** por estas vidas que estão de pé, ele se aproximaram com toda a sua fé, fazem de Ti Senhor e Salvador de suas vidas. Ah, meu Pai, há promessas pra aqueles que se achegam com temor, com tremor, com quebrantamento e sinceridade. **Perdoa pecados, Pai, lava estas vidas no sangue do cordeiro. Limpa a mente, limpa o coração, quebra os grilhões, que haja libertação** em Ti. **Arranca** essas vidas, eu **Te peço**, meu Deus, de toda influência de trevas para que eles sejam enxertados na videira. Ah, meu Senhor, na videira que é Jesus, que hoje, Tu que és a luz deste mundo, **brilhe** sobre todo homem que clama. Que eles possam sair daqui, sim, transformados, tendo em sua alma, Pai, a certeza, a convicção de que tu estás presente, de que Tua boa mão estás sobre estes, ah, Senhor, que eles sintam essa segurança e vejam em suas próprias vidas a fé nascendo, crescendo e os levando a uma nova posição, a destra de Deus em Cristo Jesus, a cima de tudo aquilo que vem tentando roubá-los de Tua Presença. **Como Teu servo e teu sacerdote, eu os abençoo, rogo pelos seus filhos e Te peço, ah, meu Deus, guarda-os, preserva-os pra Glória e honra do Teu nome, em nome de Jesus, amém e amém e aleluia. Louvado seja o nome do Senhor** (Grifo nosso)

A oração feita pelo apóstolo Rina destina-se a Deus para intercessão pelas pessoas que estão visitando a Igreja Bola de Neve pela primeira vez. Na ocasião, o apóstolo instaura o *ethos* ao demonstrar as três características aristotélicas e ao deixar sobressair a benevolência, pois intercede a Deus a respeito de seu auditório. Essa instauração se dá pela gradação dos verbos “nós rogamos”, “eu rogo” e depois pela gradação dos imperativos “perdoa”, “lava”, “limpa”, “quebra grilhões”, “guarda-os”, “preserva-os”. As características do *ethos* ficam mais claras e evidentes no final da oração: “como teu servo”, pois ele possui prudência e humildade para ser servo e obedecer a Deus; “e teu sacerdote”, pois ele possui virtude para ser sacerdote e representante de Deus na Terra; “eu os abençoo”, pois ele é benevolente e busca o bem do auditório.

No trecho acima, fica-nos claro o discurso institucional autorizado que ganha um tom autoritário e faz com que o orador dirija-se a Deus da mesma maneira que se dirige ao auditório. O uso dos verbos imperativos demonstra a estratégia retórica que faz o orador ganhar autoridade aos olhos do auditório.

O *ethos* é ainda reforçado na bênção para encerramento do culto e o discurso ganha um tom autoritário. O auditório ouve as ordens que também são dirigidas a Deus

Levanta a tua mão direita bem alto. Que o amor de Deus Pai, a Graça de Cristo Jesus, comunhão, unção e consolação do Espírito Santo da promessa e **seja sobre cada um** de nós de

agora para todo o sempre até que Ele venha. **Como servo e sacerdote do Deus vivo, eu te abençoe e libero uma palavra profética sobre a tua vida.** Esse é o tempo que o Senhor vai te fazer enfrentar a tua Nínive, pois, ali, **Ele vai te tratar ,e ali, tu serás vitorioso pra Glória e Honra do nome do Senhor Jesus.** O Senhor te abençoe e te guarde, vá na Paz do Senhor, debaixo dessa unção e Graça em nome Jesus, Amém e Amém, Aleluia, Glória a Deus. (Grifo nosso)

Como demonstrado no final da pregação, ressalta-se uma das propriedades do *ethos*: ser um fim para o questionamento (Meyer, 2009). A relação objetiva entre a imagem do orador do discurso religioso e a imagem de Deus, possibilita um discurso autorizado institucionalmente que assume um caráter de discurso autoritário e que ganha a adesão do auditório. Enfim, dócil, o auditório encerra suas questões e seus conflitos de qualquer natureza a partir da autoridade que é atribuída ao orador e é mostrada pelas escolhas linguísticas, pela confiança que suscitada no auditório e pela força discursiva alicerçada na consciência de ter construído um *ethos* digno de confiança, pleno de força espiritual, capaz de dar ordens suavizadas a Deus e Dele receber resposta positiva.

Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança. As pessoas de bem inspiram confiança mais eficazmente e mais rapidamente em todos os assuntos, de um modo geral; mas nas questões em que não há possibilidade de obter certeza e que se prestam a dúvida, essa confiança reveste particular importância. É preciso também que esse resultado seja obtido pelo discurso sem que intervenha qualquer preconceito favorável ao caráter do orador. Muito errônea é a afirmação de certos autores de artes oratórias, segundo a qual a probidade do orador em nada contribuiria para a persuasão pelo discurso. Muito pelo contrário, o caráter moral deste constitui, por assim dizer, a prova determinante por excelência. (ARISTÓTELES, 2005, p.33)

4.3 Logos

O *logos* comporta as provas que engendram o discurso, e traz as questões e as respostas, os argumentos, a parte racional da argumentação e, ao mesmo tempo, mostra o *ethos* e suscita o *pathos*. O *logos* é tudo aquilo que está em questão, ele agrada, comove e instrui, mas também convence e/ou persuade (Meyer, 2007) e o faz por meio de argumentos. Vejamos alguns desses argumentos conforme o recorte teórico de nosso trabalho.

4.3.1 O argumento pragmático.

O argumento pragmático consiste em apreciar um ato ou acontecimento segundo suas conseqüências favoráveis ou desfavoráveis (PERELMAN & TYTECA, 2005). O orador faz uso do argumento pragmático para levar o auditório à consequência de um ato favorável em relação as suas etapas de conclusão.

É Deus confrontando, é Deus mudando. **Filho, eu tenho o melhor pra tua vida, a missão é difícil, mas se você for, você vai ver a minha Glória. O que eu to te pedindo parece dolorido, mas é pro teu próprio bem. O que eu tô te pedindo parece dolorido, mas é pro teu próprio bem.** (Grifo nosso)

O orador quer persuadir o auditório de que o ato de se engajar em uma missão difícil levará a uma consequência favorável que é ver a Glória de Deus. O argumento ganha força quando o apóstolo Rina assume as palavras de Deus e as reproduz. O discurso autorizado faz com que o argumento ganhe convicção e não seja questionado, pois possui uma autoridade divina.

No próximo trecho, veremos como o argumento pragmático é usado pelo orador para se apreciar um ato ou acontecimento por sua consequência favorável e logo em seguida outro ato por sua consequência desfavorável e como esse argumento ganha convicção ao ser reproduzido, novamente, quando o orador assume a voz de Deus:

Deus fala conosco. Filho, tô vendo esse teu dedão nervoso que tá zapiando, procurando pornografia na madrugada. Ungi esse controle pra ver seus olhos começam a ser bons, pro seu corpo passar a ser luz. Filho, quero te moldar, quero te usar, do jeito que você vem vindo, você vai se arrebentar.

O primeiro ato consiste em “ungir esse controle”, ou seja, buscar a santidade, deixar de ver pornografia na internet para que o corpo possa passar a ser luz. Um ato que é apreciado por sua consequência favorável. O segundo ato é apreciado pela sua consequência desfavorável, ou seja, ver pornografia na internet, continuar na prática pecaminosa e não mudar o comportamento vai fazer “você se arrebentar”.

O argumento pragmático, em alguns casos, é complexo e a participação intelectual do auditório é de suma importância para que o processo argumentativo não perca sentido:

A entrega gera o fluxo de amor de Deus, a entrega. Enquanto você resiste, Deus não pode agir. A hora em que você entrega, esse fluxo começa a ser derramado. Ele te encontra, ele te acha. A Graça do Senhor te alcança. A Misericórdia de Deus te envolve. A alegria brota. O amor de Deus vai mudando os teus sentimentos e você vai lembrando quem é pra Deus, o quanto é importante pra Deus. E vai aprendendo que nada nesse mundo pode te tirar da presença Dele

O primeiro ato, que compreende a complexidade do argumento de autoridade, nesse trecho, consiste em entregar-se a Deus para que o fluxo do amor de Deus possa acontecer. Se isso acontecer, a Graça do Senhor te alcançará, a misericórdia te envolverá, a alegria brotará, o amor de Deus mudará os teus sentimentos. Você se lembrará do quanto é importante pra Deus e nada te tirará da presença de Deus. O ato de se entregar a Deus é apreciado por suas conseqüências favoráveis. Inúmeras conseqüências favoráveis fazem com que o ato seja apreciado. Em contrapartida, o ato de você resistir, de não se entregar, impede Deus de agir, ou seja, todas as conseqüências favoráveis do primeiro ato não se realizarão. O ato de resistir é apreciado por sua conseqüência desfavorável. E, novamente, o argumento ganha força pela convicção do orador em expressar a vontade divina.

O uso do argumento pragmático é uma constante na pregação do apóstolo Rina. Essa estratégia retórica dá-se em distintos momentos da pregação. No seguinte trecho, veremos outro ato que é apreciado por sua conseqüência favorável.

Ele precisa voltar a ser a tua esperança e você vai ver completa todas as promessas que ainda não se realizaram em tua vida. A obra que Deus iniciou é completa. Ela não pode para pela metade. **Os teus olhos verão nessa Terra tudo aquilo que Deus te prometeu acontecendo.** Você só tem que crer e fazer Dele, Dele, a tua esperança.

O ato de fazer Deus voltar a ser a esperança é apreciado por sua conseqüência favorável: ver cumpridas todas as promessas que ainda não se realizaram e tudo aquilo que Deus prometeu. Nesse trecho, o orador não assume a voz de Deus e diz que o auditório deve fazer de Deus a sua esperança e crer Nele, porém essa estratégia retórica, de ora assumir a voz de Deus e ora não, confunde o auditório e faz com que o argumento ganhe força, pois o discurso ganha um tom de divino pela relação objetiva da imagem do orador à imagem de Deus.

Quando relacionado em uma cadeia argumentativa, o argumento pragmático parece funcionar para se apreciar um ato por suas consequências sem que essas consequências estejam explícitas.

Eu vi muitos espíritos liberados pela pornografia, controlando a vida de muitos aqui. **Se renda e entregue essa área** nas mãos de Deus, porque assim, **você está insistindo em rejeitar a Sua Palavra**. Se renda nessa noite e muda os teus hábitos, **porque Deus me mostrou grandes peixes sendo** liberados pra alcançar muita gente aqui. **Se acerta hoje, se arrependa hoje e se volte** a Deus por amor, hoje. (Grifo nosso)

Nesse trecho, dois atos são apreciados: um por suas consequências desfavoráveis e outro por suas consequências favoráveis, porém as consequências favoráveis do segundo ato não estão explícitas. O ato que tem suas consequências desfavoráveis consiste em insistir em rejeitar a Palavra de Deus. Esse ato tem como consequência a liberação de grandes peixes, de problemas que alcançarão a muitos. O ato, cujas consequências estão implícitas, consiste em se render a entregar nas mãos de Deus uma área da vida que não está de acordo com o que Deus quer. Esse ato foi, também, usado em outro trecho da pregação dentro da estrutura do argumento pragmático e, dessa forma, suas consequências favoráveis não estão explícitas, elas estão na memória do auditório, por isso não são retomadas pelo orador.

O argumento pragmático, no interior do processo argumentativo formulado pelo apóstolo Rina, ganha força quando usado conjuntamente com a estratégia retórica que o orador usa ao assumir a voz de Deus e dar ao seu discurso um tom divino, incontestável e inquestionável.

4.3.2 O argumento de autoridade

O argumento de autoridade pauta-se no prestígio da autoridade citada para persuadir o auditório. Para Perelman & Tyteca (2005), há funções que autorizam a tomar a palavra, como é o caso do orador do discurso religioso.

Por ser representante de Deus, o orador goza de uma autoridade que lhe é atribuída pelo divino, pelo poder absoluto e inquestionável. E isso, possibilita-lhe trazer para o seu discurso o discurso como se tivesse saído diretamente de Deus. O orador assume a voz de Deus como uma estratégia retórica que se dá constantemente no processo argumentativo.

Eu perguntei isso a Deus: Pai, por que o Senhor já não facilitou, já não criou seus filhos com a disposição de te agradar e dizer sim pra tua vontade? Deus poderia ter criado, sim, humanos programados pro sim. Sim, Deus. E vou dizer mais: se isso tivesse acontecido, o mundo não seria o caos que tem sido (...) **mas se assim fosse, nós não seríamos seus filhos, nós seríamos robôs** e Deus não criou robôs. (Grifo nosso)

O orador diz ao auditório que fez uma pergunta a Deus e logo em seguida traz uma resposta para sua pergunta como se essa tivesse saído diretamente de Deus. Em nenhum momento ele diz que Deus deu resposta a ele, porém, a resposta de Deus fica evidente por ser o orador representante daquele a quem ele perguntou. Essa resposta, por isso, é aceita pelo auditório como um argumento de autoridade.

Essa estratégia retórica, de trazer a palavra de Deus ao seu discurso, é encontrada em dois momentos distintos. O trecho analisado acima foi retirado do exórdio. Abaixo, analisaremos um trecho retirado da parte final do discurso.

Deus está me mostrando uma mulher, que com todo o amor que diz ter a Deus, se afastou Dele o suficiente, pra em Tárzis e começar a sair com homem casado. **Deus já te deu tantos alertas, Deus já te deu tantos avisos**, você não se arrependeu, se você tem medo do teu pastor, procura a tua pastora, **mas se acerta com Deus nesta noite** (Grifo nosso)

Nesse trecho do discurso, fica mais explícita a voz de Deus. O orador deixa claro que tem uma relação, uma interação, com Deus que lhe permite assumir e reproduzir a voz do Divino, do inquestionável.

Isso já bastaria para analisarmos o argumento de autoridade no discurso religioso, porém, esse discurso tem, ainda, outra estratégia retórica que fica explícita quando utilizamos os estudos de Nascimento (2009) em que a distinção entre discurso teológico e religioso nos fica clara.

Para Nascimento (2009, p.57) “cada texto bíblico pode ser tomado como um exemplar do discurso teológico”, ou seja, o texto bíblico, assim como o discurso em que se tem como referente Deus, constituem-se como discurso teológico. E ainda nos estudos do autor, o discurso religioso constitui-se na interação com o discurso teológico.

Essa interação entre discurso religioso e teológico dá-se, como estratégia retórica, por meio do argumento de autoridade. O texto bíblico, por ser considerado inspirado por Deus,

possui um prestígio que não é negado pelo auditório religioso e, com isso, não tem o seu valor contestado.

E diante de tantas alternativas acabando nos esquecendo de buscar conhecer a Deus pelo único caminho realmente seguro, **a Bíblia** (Grifo nosso)

O texto bíblico não é inserido no discurso na parte inicial, no exórdio. Após o exórdio, em que o orador fez uma introdução sobre o tema a ser tratado, é que o texto bíblico começa a interagir com o discurso do orador e faz com que esse discurso fique embasado por uma autoridade que goza de um prestígio reconhecido.

Há um personagem bíblico que nos ajuda muito com a sua história, sua vida, sua biografia. Abra a **sua Bíblia** comigo no **livro de Jonas**, capítulo 1. É um profeta menor. Oséias, Joel, Amós, Abadias, Jonas (...) **Jonas foi um profeta de Deus, um oráculo de Deus na Terra**. No antigo testamento não havia essa liberação profética que foi inaugurada na Nova aliança. **Deus escolhia a dedo aqueles que Ele iria usar. Eles se transformavam em cornetas suas na Terra. Jonas foi um desses** (Grifo nosso)

Além de a Bíblia constituir-se como autoridade para o auditório do discurso religioso, o orador ainda traz uma segunda autoridade para embasar seu discurso. O profeta Jonas tem seu *ethos* reforçado para que lhe seja atribuído um prestígio perante o auditório. O orador deixa claro em seu discurso que Jonas era escolhido a dedo, profeta e oráculo de Deus. Isso lhe configura como uma autoridade que goza de um prestígio reconhecido.

O orador faz questão de embasar o seu discurso na autoridade da Bíblia, uma estratégia retórica utilizada em todo o decorrer de seu discurso.

Pra nós, o que é essa Nínive? É a revelação inegável da vontade de Deus. **Ela está na Bíblia**, ela foi confirmada, ela foi profetizada. (Grifo nosso)

Quando ele acha que ele ia fugir, ele entra naquele navio e **a Bíblia diz** que embarcou e dormiu (...) Só que **a Bíblia também diz** que veio uma tempestade (Grifo nosso)

Porque Deus enviou um grande peixe. Diz pro seu vizinho: é um grande peixe, não é uma baleia. Que baleia é mamífero. É por isso, que tem gente que fala: isso era impossível, a garganta da baleia é pequenininha, não dá pra passar um

humano por ela. Não dá mesmo, mas a bíblia não fala baleia.
A Bíblia fala: grande peixe. (Grifo nosso)

Para o auditório religioso, o relato bíblico da história de Jonas aparece como um fato acontecido na história do povo de Israel e fato, na argumentação segundo Perelman & Tyteca (2005), deve ser um fato não controverso. Ora, para que um fato não seja controverso, para que ele tenha um valor de verdadeiro, aquele que relata o fato deve possuir um prestígio perante seus ouvintes. É o caso da Bíblia, pois ela é tida, pelo auditório religioso, como autoridade, como inspiração de Deus e como relatos verdadeiros da história de Israel e do seu povo.

A interação entre discurso teológico e discurso religioso não se dá apenas pelo argumento de autoridade. Em nosso trabalho, optamos por trabalhar também com o exemplo, a ilustração o modelo e o antimodelo, pois, além de serem argumentos persuasivos, constituem-se como estratégias retóricas para constituição do discurso religioso.

A bíblia e a voz de Deus constituem-se em argumentos de autoridade e embasam o discurso do apóstolo Rina. A força que o discurso ganha faz com que ele seja divinizado e, portanto, inquestionável. O auditório toma, a partir dos efeitos da autoridade, o discurso para si como uma verdade absoluta.

Passemos, agora, à análise do exemplo.

4.3.3 O Exemplo

Na argumentação, o exemplo tem a finalidade de trazer ao auditório uma nova regra, que é transmitida a partir do caso particular (Perelman & Tyteca, 2005). No artigo da coluna, Fala Pastor, o orador traz o texto bíblico, que fala sobre o voo das águias e fornece uma nova regra ao auditório.

Observando o voo dos planadores, **lembrei-me das águias de que trata o capítulo 40 do Livro de Isaías e de sua comparação àqueles que põem a sua confiança em Deus.** Diz o seguinte o trecho a que me refiro, no versículo 31: **“Os que esperam no Senhor renovarão as suas forças; subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão; caminharão e não se fatigarão”.** Primeiramente, a associação da águia aos que dão crédito à Palavra e acreditam nas suas promessas, comprova uma atitude de Deus para com os seus filhos: Deus os está querendo ensinar a voar. **Depois, por causa das características do voo da águia,**

Deus os está querendo ensinar a voar mais alto e acima das situações que lhes possam parecer desfavoráveis. **A águia é uma ave peculiar. Em meio a uma tempestade, por exemplo, ao passo que as demais aves (e animais em geral) fogem e procuram abrigo, a águia vai de encontro às nuvens, utilizando a impetuosidade dos ventos para alçar um voo mais alto. A águia sobrevoa a tempestade e será o mesmo com os que “esperam” em Deus. A proeza da águia é, de fato, bastante aplicável à nossa vida.** É provável, por exemplo, que você mesmo, por vezes, encontre-se em situações de verdadeira tempestade, nas quais ao mesmo tempo em que um turbilhão de problemas o ameaçam, você geralmente se isola (para se proteger) e, limitado, não consegue enxergar uma saída. **Então, é hora de Deus lhe ensinar a voar à maneira dele.**

O exemplo da águia traz a regra de que aquele que confia no Senhor será como a águia que voa alto e passa por tempestades, problemas, sobrevoa as tempestades sem ser atingido. Essa regra faz com que se desencadeie no auditório uma ação pretendida: entregar-se nas mãos de Deus para aprender a voar a maneira Dele.

Outro exemplo que traz uma regra a ser seguida pelo auditório é a história de Jonas. Podemos observar, no fragmento abaixo, como o orador faz uso dessa história para trazer a regra de modo implícito.

Há um personagem bíblico que nos ajuda muito com a sua história, sua vida, sua biografia. Abra a sua bíblia comigo no livro de Jonas, capítulo 1. É um profeta menor. Oséias, Joel, Amós, Abadias, Jonas (...) Jonas, capítulo 1, verso 1 e 2, diz assim: Veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim (...) A palavra de Deus vem até ele e Deus diz: Jonas, dispõe-te. Eu quero te usar, você vai se mover. Eu quero te destacar pra algo, pra uma missão especial (...) **Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do Senhor** para Tárzis, e tendo descido a Jope, achou um navio que ia para Tárzis, pagou, pois, a sua passagem e embarcou nele para ir com eles para Tárzis, para longe da presença do Senhor (...) **Só que Jonas, nesse ponto, tem um encontro poderoso com o seu destino profético.** Quando ele acha que ele fugir, ele entra naquele navio e a Bíblia diz que embarcou e dormiu, dormiu achando que tudo estava resolvido. Uhhhh, me livrei. Como ficou tudo mais leve, como ficou tudo mais fácil, sem tanta disciplina, sem tantas obrigações, sem tanta responsabilidade. Uhhhh, como tá tudo mais fácil. Aqui, dormiu? **Só que a bíblia também diz que veio uma tempestade** (...) Só que ele cai na real e diz: o problema sou eu. O meu Deus tem uma chamada, me escolheu, me separou, me enviou e eu estou fugindo. E aí, ele disse: se vocês me jogarem no mar, essa tempestade some, desaparece (...) Os marinheiros que não eram bobos nem nada,

não perderam tempo: Jonas, olha quem tá ali. Na hora que ele olhou, eles empurraram ele. E a bíblia diz que a tempestade... passou (...) No capítulo 2, Jonas faz uma canção. Morrendo e cantando. Na minha angústia clamei ao Senhor e Ele me respondeu, do ventre do abismo gritei. E isso por quê? **Porque Deus enviou um grande peixe (...) Agora diga: se você resolver fugir de Deus, o grande peixe vai te achar no mar da vida. Não adianta correr. Se correr o bicho te pega. Se ficar o bicho te engole, o peixe te engole. O peixe vai te achar, o peixe achou Jonas. E o que que é esse grande peixe? É o meio pelo qual Deus nos traz de volta aos seus caminhos.** (Grifo nosso)

O orador traz a regra de que se alguém fugir da presença da Deus, o peixe grande vai achá-lo e trazê-lo, novamente, para a presença de Deus, para o caminho de Deus.

O processo argumentativo escolhido pelo orador traz, ainda, outra regra pelo modelo: cada pessoa do auditório deve entregar o absoluto controle de sua vida a Deus. A regra é de imediato imposta ao auditório no começo da pregação, no exórdio.

Amados, infelizmente, **nós** temos o péssimo, porém vivido hábito de questionar a Deus, seus caminhos, suas decisões, sua Palavra, seus conselhos. Também infelizmente, constantemente, esse questionamento assume um papel de resistência e **nos** vemos envolvidos numa luta com Deus. E numa luta pelo controle das nossas vidas. Muitos são aqueles que amam a Deus, que desejam agradá-lo, segui-lo, servi-lo, mas realmente poucos são aqueles que **conseguem entregar o absoluto controle de suas vidas a Deus**. Esta luta pelo poder, pelo controle está em nós e é algo que **nós** precisamos vencer (Grifo nosso)

O exemplo que traz essa regra em sua narrativa vem após o exórdio com a história de Jonas. Poderíamos dizer que se a regra foi imposta ao auditório no começo da pregação, a história de Jonas não se classificaria como exemplo e sim como ilustração, porém Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) nos alertam sobre a ordem dos argumentos. Para eles não existe uma ordem canônica que deve ser seguida para se apresentar os argumentos, pois essa ordem é condicionada pelo auditório. E, também, o exemplo consiste em trazer um caso particular. A história de Jonas é o caso particular que vai trazer a regra.

Na verdade, esse Jonas personifica a maneira de nós questionarmos a Deus. Ele é um, ele é um tipo, ele representa as nossas reclamações, a nossa resistência para com os desígnios de Deus. A forma de nós falarmos não ao que nós sabemos ser a vontade de Deus pra nós

4.3.4 A ilustração

Vimos que o exemplo traz, a partir do caso particular, uma regra nova, não conhecida. A ilustração é uma estratégia, um argumento retórico, para reforçar uma regra já admitida pelo auditório.

O orador traz a regra a ser seguida ainda no exórdio por meio do exemplo de Jonas. Entregar o absoluto controle de suas vidas a Deus é um regra estabelecida que deve ser reforçada na continuidade do processo argumentativo. Essa estratégia retórica é usada pelo orador para que a regra ganhe força perante o auditório.

Tem gente que vai, se esforça, **mas não consegue entregar tudo nas mãos de Deus, no meio do caminho falha, no meio do caminho pipoca**. Outro dia chegou uma cartinha do irmão que veio pra igreja, começou a buscar a Deus, aí, ele entendeu que não era a vontade de Deus que ele continuasse bebendo que nem um louco. Ele gostava de beber, ele tinha uma coleção de cachaça em casa. Ele veio num encontro, Deus falou: pára, pára de beber, entrega. Ele foi tentar. Ele tinha dez garrafas de cachaça daquelas que ele trouxe uma do interior, não sei de onde, outra de Minas, não sei do quê. Coleção de cachaça, cachaceiro. Aí, ele foi tentar jogar as dez garrafas fora. Ele escreveu num bilhetezinho, mandou pra gente, tava escrito assim: pastor, a primeira garrafa, eu abri, bebi só um copo e joguei o resto na pia, a segunda garrafa, eu abri, bebi só um copo e joguei o resto na pia, a terceira, bebi o resto e joguei o copo na pia, a quarta, bebi na pia e joguei o resto no copo, a quinta, joguei a rolha na pia e bebi a garrafa, peguei a sexta pia, bebi a garrafa e joguei o resto no copo, a sétima garrafa, eu peguei no resto e bebi a pia, peguei no copo, bebi no resto e joguei a pia na oitava garrafa, joguei a nona pia no copo, peguei na garrafa e bebi o resto, o décimo copo, peguei a garrafa no resto e me joguei na pia. **Não consegue ir até o fim. Tem até um pré-disposição, tem até uma vontade, mas não consegue se desvincular, não consegue se livrar daquilo, não consegue vencer** (Grifo nosso)

O orador traz a história de um homem que não consegue dar prosseguimento a uma regra que já admitida pelo auditório, com isso, leva o auditório à adesão de uma regra que foi imposta no começo da pregação. A ilustração ganha força quando o orador faz uso de uma história engraçada, pois ao provocar o riso, toca na mola dos afetos e o auditório fica dócil para que a adesão à regra que já é admitida seja maior.

4.3.5 O modelo

No processo argumentativo, o modelo traz ao auditório uma conduta a ser seguida. O modelo deve, ainda, gozar de um prestígio, pois segundo Perelman & Tyteca (2005) queremos imitar os que possuem autoridade ou prestígio social. Queremos imitar os honestos, os prudentes, os benevolentes, as grandes mentes. No cenário religioso, ser usado por Deus como profeta, pastor, obreiro etc., faz a pessoa gozar de um prestígio perante o auditório religioso.

O profeta Jonas goza de um prestígio social que foi afirmado pelo orador em seu discurso:

Jonas foi um **profeta de Deus, um oráculo de Deus na Terra**. No antigo testamento não havia essa liberação profética que foi inaugurada na Nova aliança. **Deus escolhia a dedo aqueles que Ele iria usar**. Eles se transformavam em **cornetas Suas na Terra. Jonas foi um desses** (Grifo nosso)

O prestígio que foi atribuído a Jonas dá-lhe a possibilidade de servir como modelo para o auditório. Jonas era escolhido a dedo por Deus, profeta de Deus, que na história de Israel, na cultura do povo israelita, goza de um prestígio muito grande. Como somos condicionados religiosamente pela tradição judaico-cristã, esse prestígio que Jonas possui também é reconhecido por nós e pelo auditório da Igreja Bola de Neve.

Com o prestígio reconhecido pelo auditório, o profeta Jonas é usado como modelo e sua conduta é imposta ao auditório como meio de alcançar a benevolência de Deus, uma das principais características do *ethos* de Deus que foi reforçada pelo orador.

E aí, Jonas tem que se arrepender pela segunda vez. E, talvez, você tenha que se arrepender pela segunda vez

O modelo tem uma relação estrita com a autoridade e, conseqüentemente, pode ser usado como uma forma do argumento de autoridade, mas fica-nos claro que o apóstolo Rina não faz uso das principais autoridades religiosas (Deus, Jesus, Espírito Santo, Pastor) para persuadir o auditório e estruturar a argumentação pelo modelo. O orador faz uso do profeta Jonas como modelo por ser homem, fraco e cheio de defeitos. Assim, causa uma identidade

muito forte entre o modelo e o auditório. Essa estratégia retórica faz com que a força persuasiva do discurso seja reforçada.

4.3.6 O antimodelo

O antimodelo é o contrário do modelo. Ele traz ao auditório uma conduta a não ser seguida. O apóstolo Rina traz ao auditório a história de Jonas não só como exemplo e modelo, mas também como antimodelo.

A Bíblia conta que ele desceu à Jope, verso 3: **Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do Senhor** para Társsis, e tendo descido a Jope, achou um navio que ia para Társsis, pagou, pois, a sua passagem e embarcou nele para ir com eles para Társsis, **para longe da presença do Senhor.** (Grifo nosso)

Como a regra estabelecida pelo exemplo era a de que se o fiel fugir de Deus o peixe grande ira pegá-lo, o orador usa a história de Jonas como antimodelo em relação à regra estabelecida. Fugir da presença de Deus é uma conduta a não ser seguida, um ato vergonhoso que suscita no auditório o desprezo por Jonas, pois o homem não quer imitar aqueles a quem não quer se igualar.

Társsis era um símbolo de escape dá chamada de Deus. Ele tinha uma chamada, ele foi convocado, havia uma palavra, uma confirmação sobre a sua vida. **O que ele pôde fugir dessa chamada, ele fugiu.** (Grifo nosso)

Jonas fez a pior escolha, ele apostou na falsa idéia de que poderia fugir de Deus (Grifo nosso)

Esse antimodelo ainda é reforçado pelo orador em outras partes de sua pregação. Uma estratégia retórica para levar o auditório a uma decisão e, futuramente, a uma ação. Não seguir a conduta de Jonas.

Como vimos anteriormente, o modelo causa uma identificação, uma aproximação entre o modelo e o auditório. O antimodelo é o contrário do modelo não só por demonstrar uma conduta a não ser seguida, mas, também, porque causa um distanciamento, uma diferença entre o antimodelo e o auditório. Estratégia retórica interessante a usada pelo apóstolo Rina ao usar Jonas como modelo e como antimodelo, pois o auditório deve seguir a boa conduta de Jonas em relação a Deus e se arrepender; e deve não seguir a má conduta de

Jonas em relação a Deus e não fugir de Deus. Boa conduta e má conduta, opostos que fazem parte do jogo persuasivo em que o orador implicitamente incute no auditório, pelo modelo e antimodelo, a luta entre bem e mal.

4.4 O *Pathos*

As paixões, o *pathos*, são representações de segundo grau (MEYER, 2003), respostas às representações que o outro faz de nós. As questões que cercam o auditório, seus desejos, seus anseios, são expressos nas paixões que ele comporta. Paixões que expressam questões e que também são respostas à representação que o auditório faz do orador. Paixões que são contrárias como o amor, que une, e o ódio, que separa.

Ao lado do *ethos*, o *pathos* constitui-se como uma prova emotiva, afetiva, e é suscitado pelo discurso, que comporta uma estratégia retórica para persuadir o auditório: o jogo das paixões.

As paixões fazem parte de um jogo de identidade e diferença. Jogo que está na mão do orador para que conduza o auditório no movimento das paixões com o objetivo de persuadi-lo, pois “as paixões são situações transitórias provocadas pelo orador” (MEYER, 2003).

Os argumentos, que analisamos anteriormente, têm dentro do processo argumentativo o objetivo de persuadir o auditório e levá-lo a uma ação que se desencadeará no momento oportuno (Perelman & Tyteca, 2005). Para Lebrum (1987), o orador deve tocar a mola dos afetos, para Meyer (2003) as paixões são um teclado que o orador deve tocar. O movimento passional que é suscitado no interior do auditório é uma constante que se dá durante todo o discurso. O exórdio prepara o auditório ao deixá-lo dócil, atento e benevolente, o *ethos* inspira confiança e o *logos* movimenta as paixões a partir da utilização dos argumentos.

O orador move as paixões e, com essa estratégia retórica, leva o auditório à ação desejada, leva o auditório à adesão a sua tese. Como vimos anteriormente, o exórdio tem o objetivo de deixar o auditório dócil, atento e benevolente e que nele se sobressaem as provas afetivas, o *ethos* e o *pathos*.

Fora a confiança que é suscitada no auditório na projeção do *ethos*, o exórdio ainda infunde no auditório outras paixões que serão de suma importância para o processo argumentativo.

Imagina os seres humanos dizendo: sim, Deus, **não é pra haver fome, não é pra haver necessitados entre nós**; sim,

Senhor, **nós vamos ajudar os carentes; sim, Pai, na nossa nação sobra, nós vamos ajudar as nações onde falta.** Não haveria fome. Se assim fosse, não haveria guerra (Grifo nosso)

Nesse trecho, o orador objetiva suscitar o favor, que consiste em conceder ao necessitado aquilo que possuímos sem querer ou esperar algo em troca. Matar a fome do faminto, ajudar os necessitados e carentes, distribuir o que sobra em nossa nação, são ações que se desencadeiam em função do favor.

As paixões nunca estão sozinhas, vêm sempre acompanhadas de outras paixões ou de sua paixão contrária.

Se assim fosse, não haveria guerra. Sim, Pai, **nós temos que amar aos próximos, independente da opinião.** Sim, Senhor, **nós temos que amar aos próximos independente da cor, independente da raça, independente dos seus pensamentos.** Sim, Pai, nós vamos... nós vamos respeitar os limites da nossa fronteira, nós vamos... não vamos desejar conquistar o mundo, nós não vamos... nós não vamos desejar nos impor sobre os nossos vizinhos. **Não haveria guerra. Não haveria nem violência** (Grifo nosso)

O discurso, nesse trecho, traz ao espírito do auditório duas paixões. A primeira, o amor, tende a ser aquela paixão em que devemos querer para o outro aquilo que é bom para ele, independentemente se gostamos ou não. É o caso em que o orador diz que devemos amar o próximo independentemente da sua opinião, sua cor, sua raça. É querer o bem do outro mesmo que sua opinião não seja igual a nossa, que não gostemos de sua cor ou de sua raça. A segunda paixão que é suscitada nesse trecho é a esperança. A esperança consiste em esperar que os meios de salvação, referentes a um mal iminente, estejam próximos. O amor é o meio de salvação pelo qual não haveria mais guerra, nem violência, pois depende de nós amarmos ao próximo.

Encontramos outras duas paixões que são provocadas ainda no exórdio.

Todas as manhãs você se devia fazer essa pergunta. Quem manda? Quem está no controle da minha vida? **Muita gente diz: eu, eu controle, eu decido, eu mando. Mas não manda nada. Porque pecou tanto que virou escravo do pecado.** Não consegue acordar sem acender um baseado, não consegue dormir uma noite sem sair pra balada, sem se entorpecer, não manda nada. **É escravo. Não tem controle nenhum da própria vida.** Quem está no controle da minha vida? **Se você crê, tem que ser Deus, porque Ele tem a verdadeira liberdade. Se você crê tem que ser Deus.** Agora, fazer de

Deus o Senhor das nossas vidas, não é nada fácil. Simples, rápido, sem dor, prático é fazer o Senhor Salvador das nossas almas. Isso, você faz por fé. Não há esforço algum, mas fazer de Deus o Senhor das nossas vidas é outra história. Não é fácil. Nós quase sempre resistimos. Isso por quê? **Porque muitas vezes nos achamos que sabemos o que é melhor. Quantas vezes você olha pro céu e diz: aqui eu sei o que é melhor pra minha vida. Cê pode nem falar, mas as suas decisões comprovam a sua resistência.** (Grifo nosso)

Esse trecho do exórdio movimentava a vergonha e a confiança. A vergonha tende a ser um pesar pelas faltas que parecem vergonhosas para nós ou para aqueles com quem nós nos importamos. A vergonha é movimentada quando o orador diz que muita gente pecou tanto que virou escravo. No movimentar das paixões no interior do discurso, o orador objetiva que o auditório sinta vergonha perante Deus por ter pecado, um ato vergonhoso para Deus e segundo, por tornar-se escravo, um ato vergonhoso para si próprio, ninguém quer ser escravo. Outro momento do mesmo trecho em que o objetivo do orador se repete é quando ele coloca em contraste as palavras com as decisões “Cê pode nem falar, mas as suas decisões comprovam a sua resistência”. Colocar as decisões do auditório em evidência para censurá-las, faz sentir a vergonha, pois prova uma contradição em falar e fazer. Ainda nesse trecho, o orador objetiva suscitar a confiança ao dizer que Deus tem a verdadeira liberdade, ou seja, Deus é meio de salvação para a escravidão.

A passagem do exórdio para a parte do discurso em que se desenvolverá a argumentação é marcada por um trecho que tende a causar no auditório o temor.

Diz pro seu vizinho: tá em tempo de fugir ainda, hein? Não aproveitou agora, **Deus vai te pegar, não vai ter jeito. Ninguém mandou vim na igreja, né?** Quando eu venho na igreja, Deus sempre me pega. (Grifo nosso)

O temor é certo desgosto ou preocupação em relação a um mal iminente (Aristóteles, 2005). Mesmo o orador tendo trabalhado o *ethos* de Deus e ter ressaltado a qualidade da benevolência, quando ele diz que “Deus vai te pegar” ele causa o temor.

O movimento passional que está em jogo no processo argumentativo é tão complexo que até mesmo certas paixões, que julgamos não serem suscitadas por um discurso religioso, aparecem. É o caso do ódio.

Tenta se concentrar nas pessoas que você acha mais difícil de amar. Pena nas pessoas que mais te incomoda na face da terra. **Pessoas a quem você não consegue amar, elas só têm**

o seu desprezo, a sua hostilidade. Põe em cena as faces das pessoas que você mais critica e mais reprova. Com os olhos da sua mente traz a memória **aqueles que você mais deprecia, aqueles que você jamais espera encontrar.**

Nesse trecho da pregação, orador infunde no auditório o ódio, que consiste no contrário do amor; e também o desprezo, que consiste em não querer ser igual a alguém. Concentrar-se nas pessoas mais difíceis de amar, ódio, e aqueles que você mais deprecia, aqueles que você jamais espera encontrar, desprezo. Essas paixões fazem parte do movimento passional que é dirigido pelo orador. O movimentar do ódio do desprezo configura-se como uma estratégia retórica altamente persuasiva, pois mostra ao auditório pontos difíceis que devem ser entregues na mão de Deus.

Essas paixões consideradas paixões negativas no cenário religioso funcionam de modo a acentuar outras paixões na confluência do movimento passional.

E quando Deus olha pra alguns hábitos, quando Deus olha pra alguns vícios e te diz: se livra disso, se livra disso, se livra disso, isso tá te impedindo de caminhar, isso tá te impedindo de fluir, isso tá te impedindo de crescer. É quando Deus observa algumas atitudes que você sabe que não estão de acordo. **É a maneira grosseira de tratar a esposa. É a resposta sempre na ponta da língua pro marido. É o desrespeito. É a explosão. É a ira. É o temperamento descontrolado.**

Ao suscitar o ódio e o desprezo, o orador prepara o auditório para sentir vergonha diante de alguns atos, sentir ódio e desprezo por alguém é vergonhoso no cenário religioso, pois pessoas que se dizem filhos de Deus não podem ter tais sentimentos, ou não deveriam. A religião tende a querer anular certas paixões do homem, porém, vemos que elas são usadas no processo argumentativo para trazerem ao espírito dos fiéis outras paixões, como a vergonha.

Tem muita gente fugindo de Deus sem sair do local. Tem muita gente fugindo de Deus sem sair nem da igreja. E como é que isso acontece? Não to em pecado. Não to fazendo nada de errado. Não está preenchendo a sua vida com coisas boas até, mas não está deixando espaço pra Deus, sem buscá-lo, sem ouvir a sua voz. Fugindo de Deus, sim. Não assumindo responsabilidades que você sabe que são suas. Não assumindo a chamada que Ele tem para a tua vida. Não assumindo o teu compromisso para com a igreja, para com a obra. Não atendendo a chamada de Deus, sempre se justificando, sempre contando uma história, tá ficando bom nisso já. Levando uma vida ativa e muitas vezes até na obra, mas sem apreensão de Deus. Muitos fugindo em muitas

direções, mas sem a bênção de Deus. Muitos fugindo em muitas direções, mas com as suas vidas cheias de pecado (...) Filho, tô vendo esse teu dedão nervoso que tá zapiando, procurando pornografia na madrugada. Ungi esse controle pra ver seus olhos começam a ser bons, pro seu corpo passar a ser luz

Nesse trecho, a vergonha, a paixão mais conclamada em todo o processo argumentativo do apóstolo Rina, é o objetivo do orador. Ter um chamado para fazer a obra e mesmo assim fugir de Deus, não dar espaço para Deus e viver em pecado, são atos vergonhosos. Fazer o auditório sentir vergonha é uma estratégia para anular o seu oposto, a impudência por pecar, por procurar pornografia na internet.

Não estou fazendo mal pra ninguém, estou fazendo mal pra mim mesmo. **Pra você e pros que estão com você.** Você não tá vendo o barco afundando. Não tá percebendo os ventos, não... **não deu pra entender que não se acertar o barco vai afundar** (...) agora não me restou mais nada, eu fui desaprovado por Deus, eu não posso mais ser usado por Ele, **Ele vai me matar, Ele vai me levar, acabou a minha história na Terra.** (Grifo nosso)

Nesse trecho, o orador procura provocar a vergonha e o temor. A primeira, por ter atos vergonhosos àqueles que queremos o bem, que estão conosco e lhe causam consequências nocivas. E a segunda, que consiste em certo pesar pelo mal iminente, pois “o barco vai afundar” e a morte está próxima.

Tá como muita gente que foge de Deus e começa a se sentir: não sou mais digno, não há nada mais em mim que possa agradar Deus, não há nada em mim que atraia a Deus, eu não consigo mais arrancar um sorriso Dele, eu me afastei, me resta morrer afogado

Acima, o discurso tende a suscitar a vergonha, por não ser mais digno e não agradar a Deus e, logo após, o auditório tem uma reação desencadeada pelo movimento passional.

Não tem mais jeito pra mim? Diz pro seu vizinho: tem. **Cê acha que Deus ia desistir de você? (Palmas e assobios)** Ser humano é bobo, né? Ser humano é bobo. **Jesus foi enviado pra cruz. Deus mandou Jesus pra morrer por nós e você acha que Ele vai desistir de você, assim, tão fácil? Hein?** (...) Os homens podem dizer: não. **Mas Deus não vai desistir de você nunca. Amém? Você custou caro. Cê vale muito. Como é que Deus vai abrir mão de você assim.**

Após o movimentar do ódio, o desprezo, a vergonha e o temor, pelo discurso, o orador objetiva suscitar, nesse trecho, a confiança, que consiste em ter esperança de que os meios de salvação estão próximos. Por causa das paixões negativas no cenário religioso, o ódio e o desprezo, o auditório tende a sentir a vergonha, que o leva ao temor, pois o ato vergonhoso que faz sentir vergonha o leva a uma consequência nociva. Ora, segundo Aristóteles (2003) aquele que sente temor nutre em si uma esperança de salvação, de que os meios de salvação para o mal iminente estejam próximos, a confiança, que é infundida no auditório como estratégia retórica para o movimento passional. Movimento que não tem fim nesse ponto. As paixões continuam se movimentando e condicionando o auditório para que a ação desejada se desencadeie no momento oportuno.

Agora diga: se você resolver fugir de Deus, **o grande peixe vai te achar no mar da vida. Não adianta correr. Se correr o bi... o peixe te pega. Se ficar o bicho te engole, o peixe te engole.** O peixe vai te achar, o peixe achou Jonas. E o que que é esse grande peixe? É o meio pelo qual Deus nos traz de volta aos seus caminhos. Diga amém: amém. E Deus sabe fazer isso bem, hein. **O grande peixe é o desespero, são os problemas batendo à porta da tua casa... toc, toc, toc. Achou que eu não ia te achar? Olha eu aqui oh, aprendi o teu endereço de cor. Chegou aqui até de olho fechado, chego pelo e-mail, uso o telefone pra te achar. Bato, uso quem eu quero. O grande peixe pode aparecer na tua porta até como um oficial de justiça. O grande peixe vem, às vezes, trazendo doença, trazendo enfermidade. O grande peixe vem, vem roubando a esperança, vem roubando a alegria, vem roubando a vontade de viver. O grande peixe vem, vem trazendo más notícias, vem te minando, vem te sugando.** Tudo, tudo o que for necessário pra fazer com que você volte a olhar pra o teu Deus como a tua esperança exclusiva. Aleluia. Tudo o que for necessário. **As portas vão se fechar, as torneiras vão secar** (Grifo nosso)

Nesse trecho, o orador movimenta no discurso o temor do desespero, dos problemas e outros males que o orador traz para o discurso metaforicamente para falar do peixe grande. Podemos ver, no final do trecho selecionado, que o orador diz que esses males fazem parte de um processo que fará Deus voltar a ser a esperança, mas mesmo quando ele fala em esperança, o que ainda provoca no auditório é o medo.

O *ethos* tem o objetivo de persuadir o auditório e de lhe causar a confiança. Vimos, que o orador relaciona objetivamente seu *ethos* ao *ethos* de Deus que é trabalhado a partir das três características: a benevolência, a prudência e a virtude.

Só que o clamor do povo subiu a Deus e o verso dez diz: viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria e não o fez. Diga: graças a Deus. **Esse é o nosso Deus. Deus de misericórdia, de Graça. Deus que se compadece, Deus que está pronto a perdoar.** (Grifo nosso)

No movimento passional, dirigido pelo orador como estratégia retórica para persuadir o auditório, o *ethos* de Deus objetiva suscitar a confiança no auditório por uma das três características: a benevolência. A confiança é conclamada, pois Deus é benevolente para perdoar. Ele é Deus que se compadece. É Deus de misericórdia. Ele é o meio de salvação a um mal iminente.

A confiança parece ser uma constante no movimento passional do discurso do apóstolo Rina, pois ela continua a ser usada como estratégia para o movimento passional em outras partes do discurso.

Talvez, a sua vida esteja, agora, num momento em que você possa dizer: eu questioneei, mas eu cedi, eu cedi e fiz o que era pra ser feito, fiz o que era pra ser feito e quebrei acara, me devolve o controle. E **Deus está te dizendo: não, você não quebrou a cara, Eu continuo no controle, você só precisa confiar.** (Grifo nosso)

Pare de fugir de Deus, Ele te ama. Ele não desistiu de você. As pessoas podem ter te rejeitado. Você pode estar carregando agora um estigma, uma marca, que te acompanha, **mas Deus continua te olhando e te chamando de meu filho.** Ah, se você cresce nos meus planos pra tua vida. e agora, está você aí, exatamente naquela linha que divide o natural do sobrenatural. A fé da incredulidade. **Há um Deus que se importa e a única coisa que você precisa fazer é crer.**

No trecho que inicia a parte final da pregação, o apóstolo Rina conduz o auditório em oração, prática comum nas igrejas evangélicas.

A partir de hoje, Pai, a minha vida está em tuas mãos. Assume o controle. Que quero viver a alegria e todos os benefícios das Tuas promessas, de Te ter no controle. Eu Te peço, perdoa os meus pecados, livra-me de todo o sentimento de culpa que me oprime e que rouba a minha paz. Livra-me, **permita que eu sinta ainda hoje a leveza espiritual daqueles que tiveram seus pecados perdoados.** Escreve o meu nome no livro da vida, me livra de tudo aquilo que tenta me destruir, porque, a partir de hoje, tu és o meu Deus e eu sou o Teu filho, em nome de Jesus. (Grifo nosso)

Nesse trecho, o orador ao conduzir o auditório em oração, desperta a emulação, que consiste em desejar um bem comum a todos. A emulação faz com que ele deseje gozar da mesma leveza espiritual de outros que tiveram seus pecados perdoados. O perdão dos pecados concede leveza espiritual, por isso ter seus pecados perdoados significa ter leveza pessoal.

Ele te encontra, ele te acha. A Graça do Senhor te alcança. A Misericórdia de Deus te envolve. A alegria brota. O amor de Deus vai mudando os teus sentimentos e você vai lembrando quem é pra Deus, o quanto é importante pra Deus. E vai aprendendo que nada nesse mundo pode te tirar da presença Dele, porque Ele te escolheu e te chama pelo nome (...) A obra que Deus iniciou é completa. Ela não pode para pela metade. Os teus olhos verão nessa Terra tudo aquilo que Deus te prometeu acontecendo. Você só tem que crer e fazer Dele, Dele, a tua esperança (...) **Se arrependa, se arrependa**, porque os propósitos de Deus na tua vida são muito mais sérios do que você pode imaginar. Não desista tão fácil, porque Ele nunca vai desistir de você. (Grifo nosso)

O orador busca provocar no auditório, no trecho acima, duas paixões. A primeira é a confiança, contínua no movimento passional como forma de não deixar que se apazigúe. A segunda é a calma. No momento em que o orador diz para o auditório se arrepender, ele busca que o auditório siga o caminho da virtude da reserva e da temperança, pois além de arrepender-se de todos os seus pecados, devem também se arrepender do ódio e do desprezo que lhe foram suscitadas no início da pregação. O contrário do ódio é a calma.

A calma é um dos objetivos do exórdio. O auditório deve se mostrar calmo no início do processo argumentativo. Em dois momentos distintos, nós temos a calma conclamada, no início e no fim.

Após a tensão passional pela qual o auditório passa entre os dois momentos distintos em que o orador conclama a calma, há ainda outras paixões nesse jogo, nessa estratégia retórica.

Eu vi muitos espíritos liberados pela pornografia, controlando a vida de muitos aqui. Se renda e entrega essa área nas mãos de Deus, porque assim, você está insistindo em rejeitar a Sua Palavra. **Se renda nessa noite e muda os teus hábitos, porque Deus me mostrou grandes peixes sendo liberados pra alcançar muita gente aqui. Se acerta hoje, se arrependa hoje e se volte a Deus por amor, hoje.** Algumas pessoas estão dizendo: **Senhor, eu aceito a minha chamada, eu não vou mais fugir de ti. E Deus manda eu te dizer que**

a tua vida vai passar por grandes transformações, elas serão rápidas, elas serão rápidas, porque Deus tem pressa com a tua vida e você precisa chegar no lugar onde Deus deseja que você esteja. (Grifo nosso)

Nesse trecho, o orador movimenta duas paixões no interior do discurso. A primeira paixão é o temor, mas já na sequência ele busca suscitar a confiança, pois traz o meio de salvação do mal iminente em relação ao temor que foi inflamado anteriormente.

Novamente, o orador conduz o auditório em oração para terminar a pregação e o culto.

Deus está me dizendo que Ele não aborta missões e que Ele não aborta chamados. Ele te chamou e você é insubstituível. Ergue a mão do teu irmão e declara comigo: se Deus é por nós, quem será contra nós? O Senhor é o meu pastor e nada me faltará. Oremos juntos. Pai nosso que estás nos Céus, santificado seja o seu nome, venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céus. O pão nosso de cada dia nos daí hoje, perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos os nossos devedores e não nos deixe cair em tentação, mas livra-nos do mal, pois teu é o Reino, o Poder e a Glória para sempre, Amém. Levanta a tua mão direita bem alto. Que o amor de Deus Pai, a Graça de Cristo Jesus, comunhão, unção e consolação do Espírito Santo da promessa e seja sobre cada um de nós de agora para todo o sempre até que Ele venha. Como servo e sacerdote do Deus vivo, eu te abençoe e libero uma palavra profética sobre a tua vida. Esse é o tempo que o Senhor vai te fazer enfrentar a tua Nínive, pois, ali, Ele vai te tratar, e ali, tu serás vitorioso pra Glória e Honra do nome do Senhor Jesus. O Senhor te abençoe e te guarde, vá na Paz do Senhor, debaixo dessa unção e Graça em nome Jesus, Amém e Amém, Aleluia, Glória a Deus.

A parte final da pregação suscita no auditório a confiança em Deus. O orador repete com o auditório dois versículos bíblicos: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”, Romanos, 8:31; e “O Senhor é o meu pastor e nada me faltará”, Salmos 23:1. Repete a oração do Pai nosso e dá a bênção apostólica. Na bênção apostólica, o apóstolo Rina mostra seu *ethos* relacionado objetivamente ao *ethos* de Deus e termina com uma palavra profética que conclama a confiança.

O movimento passional que é dirigido pelo orador, no primeiro momento movimenta no auditório o ódio, o desprezo, o medo, a vergonha e termina com a confiança. O ódio e o desprezo levam o auditório a sentir vergonha, pois é vergonhoso sentir tais paixões e querer o mal para o outro. Por conta de um mal iminente provocado pelo ódio e o desprezo dirigidos a outras pessoas, o auditório sente o temor, mas todos que sentem temor têm em si a confiança

de que os meios de salvação estão próximos. A salvação é a próxima paixão suscitada no auditório.

O medo e a confiança são ainda exaustivamente movimentadas até a parte final da pregação, que se inicia com um trecho que suscita no auditório a emulação e, logo após, a calma, que consiste no apaziguamento do ódio, a preparação para que o auditório sinta as últimas paixões, o temor e a confiança.

O temor é sentido pelo mal iminente como consequência de uma vida de luta contras as vontades de Deus e de uma vida pecaminosa. A confiança em Deus, pois é o meio de salvação do mal iminente e é conclamada como última paixão no auditório pelo uso dos versículos bíblicos e pela confirmação das três características do *ethos* do orador que é relacionado objetivamente com o *ethos* de Deus.

4.5 Ideologia e hegemonia

Como teoria de apoio à nossa análise, a Análise Crítica do Discurso, desenvolvida por Fairclough (2001), trabalha com uma análise tridimensional: dimensão do texto; dimensão da prática discursiva; e dimensão da prática social. Em nosso trabalho, de acordo com nosso recorte teórico, optamos por trabalhar com a prática social que se ocupa da ideologia e hegemonia.

O sujeito social é moldado e também é capaz de remodelar a prática discursiva com o objetivo de fazer a manutenção da ideologia e hegemonia no interior do discurso, assim, a dominação e a relação de poder serão mantidas.

Segundo Fairclough (2001) o discurso é socialmente constitutivo, pois ao mesmo tempo em que é restringido pela estrutura social, implica um modo de ação sobre as pessoas e sobre o mundo.

Como é que Deus deseja algo assim pra mim? Deus é amor, Deus é bondade, Deus é querido, Deus é misericordioso, Ele me ama, que que Ele quer comigo em Nínive? E a bíblia disse que ele se dispôs. Se dispôs a fugir de Deus. Jonas odiava os assírios, Jonas odiava Nínive. E a bíblia disse que ele se dispôs. Se dispôs a fugir de Deus. Jonas odiava os assírios, Jonas odiava Nínive. Era mais ou menos como se Deus hoje **enviasse um judeu pra pegar pro talibã**, e dissesse pra algum deles: **vai evangelizar o Bin Laden**, encontra esse cara e vai pregar o meu amor. (Grifo nosso)

Ao proferir seu discurso aos fiéis, o apóstolo Rina traz a ideologia da instituição de que o mundo deve ser evangelizado a ponto de alcançar pessoas que já professam uma crença, como o talibã ou o Bin Laden, muçulmanos. A ideologia da instituição não está só na evangelização, mas também na manutenção da relação de poder. Vemos que o apóstolo faz uso do verbo “enviasse” ao se referir a Deus, porém, o verbo se reveste de outra significação. No mesmo fragmento da pregação, o orador traz o desejo de Deus para Jonas. Assim, o verbo “enviasse” não tem a significação somente de enviar, mas de desejo de Deus. O discurso se reveste de uma autoridade divina para que a relação de poder não seja perdida durante o processo argumentativo.

No fragmento abaixo, podemos ver claramente a ideologia da igreja em sua forma de evangelização.

Uma cidade extremamente violenta, sinônimo de destruição, uma cidade dominada pelo pecado, homens que não tinham nada de Deus, nada de bom, coração não estava tendendo a buscar a Deus, nada parecido com isso. Nenhum **e-mailzinho** pra Jonas dizendo: Jonas, tem pelo menos três aqui que querem uma **célula**, vem pregar pra gente, nada assim. Nada poderia ser mais repugnante pra esse homem do que ter que abraçar uma missão assim e ir ter que pregar lá

“E-mailzinho” diz respeito a uma das formas de evangelização da Igreja, que faz uso de um sistema de mala direta pra comunicação entre seus fiéis e envio de mensagens. O uso de “célula” no interior do discurso vem representar o meio com que a igreja reúne seus fiéis nos dias em que não há culto no templo. Os fiéis se reúnem em um lugar determinado para catarem músicas religiosas e ouvirem uma pregação. Essas células são de responsabilidade da igreja e estão dentro da relação de poder, pois só são autorizadas pela direção da igreja.

Outra estratégia discursiva do orador para manutenção da ideologia e hegemonia que resultará na dominação e na relação de poder entre os sujeitos ideológicos é a divinização do discurso, que se dá principalmente pela relação objetiva do *ethos* do orador e o *ethos* de Deus.

Deus criou seres humanos e **Ele espera** que esses humanos guardem os seus mandamentos, escutem a sua Palavra, estejam atentos a sua voz, não por constrangimento, não por obrigação, mas por amor, diz pro seu vizinho: é por amor. **Deus não quer obediência forçada**, é por isso que **ele respeita** as suas decisões, as suas escolhas, **Ele não quer**

obediência forçada. Deus nunca vai obrigar alguém a adorá-lo. Não. **Ele não procura escravos** adoradores. **Ele procura** aqueles que o adoram em Espírito e em Verdade. **Ele quer adoração** daqueles que vêm com tanta fome da tua presença, com tanta vontade de dar graças que essa adoração brota lá das entranhas, lá da alma e ela se transforma em sacrifício a Deus. Isso agrada ao Pai. **Deus não vai nunca induzir ninguém a lhe servir. Ele espera que nós façamos isso por amor.** Até lá nos últimos dias quando todo joelho se dobrar e toda língua confessar que Jesus Cristo é o Senhor. **Isso não será uma ordem:** humanidade, dobrem os seus joelhos. Não haverá anjos forçando pessoas a se ajoelharem, agora diga: abra a boca, Jesus é o Senhor. Não. Esse será o reconhecimento dos homens sobre a divindade de Cristo. **Sim, Ele é o Messias, Ele é o Filho de Deus, Ele é o único mediador entre Deus e os homens, Ele é a escada que nos leva ao Pai.** Aí, todo joelho se dobra e toda a língua confessa. **Deus nos deixou essa livre escolha e espera que nós nos voltemos a Ele por amor.** Diz de novo pro seu vizinho: é por amor (Grifo nosso)

Que eles possam sair daqui, sim, transformados, tendo em sua almas, Pai, a certeza, a convicção de que tu estás presente, de que Tua boa mão estás sobre estes, ah, Senhor, que eles sintam essa segurança e vejam em suas próprias vidas a fé nascendo, crescendo e os levando a uma nova posição, a destra de Deus em Cristo Jesus, a cima de tudo aquilo que vem tentando roubá-los de Tua Presença. **Como Teu servo e teu sacerdote, eu os abençôo, rogo pelos seus filhos e Te peço, ah, meu Deus, guarda-os, preserva-os pra Glória e honra do Teu nome, em nome de Jesus, amém e a mém e aleluia. Louvado seja o nome do Senhor** (Grifo nosso)

No primeiro trecho que retiramos da pregação, o apóstolo Rina traz o *ethos* de Deus e no segundo trecho, ele traz o seu *ethos*. Essa relação objetiva entre os *ethê* faz com que o discurso se revista de uma autoridade divina. O divino não é questionado pelo auditório religioso que o toma como uma verdade absoluta. A relação de poder está mantida.

A identidade e a relação entre os falantes dependem da consistência e da durabilidade de padrões de fala no interior e exterior dessa relação para sua produção. O líder religioso e seus fiéis, seus papéis e sua relação dependem da consistência e da durabilidade de padrões de fala no interior e exterior dessa relação para o que o discurso possa ser produzido e a partir dele a estrutura social e assim por diante. A ideologia da instituição é mantida a partir das

estratégias retóricas empregadas pelo orador para manutenção da dominação e da relação de poder entre os sujeitos sóciais. Dessa forma, a hegemonia da igreja não é quebrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de tomar a palavra implica escolhas. Escolhas lexicais, sintáticas e argumentativas, entre outras, para construção do discurso, que, por natureza, é subjetivo, tem uma intenção, um auditório e um fim proposto. Discurso que louva ou censura, absolve ou condena, aconselha ou desaconselha e sempre leva a uma ação.

De modo particular, o discurso religioso visto, nesse trabalho, conforme os estudos de Nascimento (2009), é o discurso institucional, proferido por representantes autorizados e que gozam de um prestígio reconhecido pelo auditório religioso.

As formas de divulgação desse discurso não mais se voltam para um auditório particular: voltam-se, agora, a auditórios bem específicos. No caso da Igreja Bola de Neve, essa hipótese inicial, que foi ratificada por nossa análise, suscitou as perguntas que permearam esse trabalho. Os usos de uma linguagem voltada às tecnologias atuais, aos problemas relacionados ao meio ambiente, ao universo juvenil fazem ficar evidente, no interior do discurso, a estratégia retórica do orador para o contato entre si e seu auditório.

Há mesmo uma visível preocupação das igrejas com a juventude e, por isso, o comportamento discursivo da instituição, Igreja Bola de Neve, revela que a construção de sentidos objetiva a persuasão por meio de temas ligados aos interesses de adolescentes e jovens adultos contemporâneos.

Outra hipótese inicial que suscitou o tema dessa pesquisa foi a de que o discurso religioso neopentecostal é carregado de uma intenção explícita: a de levar as pessoas a uma mudança comportamental.

Nessa perspectiva, há especificidade na elaboração do ato retórico, uma vez que as estratégias retóricas realizadas pelo orador conjugam esforços muito nítidos para a consolidação do *ethos* institucional da igreja e do *ethos* do seu representante, o detentor do discurso autorizado pela instituição. O uso do léxico cria não só uma relação de proximidade entre o orador e seu auditório, não só diminui a distância, mas, também, objetiva e alcança esse objetivo ao constituir o auditório particular. Um auditório praticante de esportes radicais.

Nesse esforço para disseminar os princípios institucionais, verificamos por meio de nossa análise como o *ethos* do orador, apóstolo Rina, é constantemente relacionado objetivamente com o *ethos* de Deus. Dessa forma, o discurso proferido pelo orador se reveste do divino, tem seu grau de problematidade baixo e ganha força para conseguir a adesão e levar à persuasão.

A relação objetiva entre os *êthe* não se consolida como única estratégia retórica para a divinização do discurso. O argumento de autoridade também é uma poderosa estratégia para tal ato do orador, que traz o discurso bíblico, autoridade para o auditório religioso, e a voz de Deus diretamente para o interior do discurso.

O argumento pragmático embasa o discurso do orador ao trazer sempre as consequências favoráveis ou desfavoráveis de um ato em consonância à ideologia da igreja. Sempre na busca de levar o auditório a uma mudança comportamental, esse argumento é constante articulado para construção do ato retórico.

Também podemos observar, a partir nossa análise, o constante jogo de objetivos e valores do gênero epidíctico. O louvor do belo e a censura do feio se consolidam como outra estratégia retórica do orador para o convencer e/ou o persuadir. O exemplo, a ilustração, o modelo e antimodelo se encarregam de trazer em si esse jogo que se revela no interior da pregação religiosa.

Afirmar, categoricamente, que o uso do discurso se dá para a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação da instituição sobre o auditório nos coloca diante de uma questão delicada, pois entramos no universo da *doxa*, lugar retórico em que se excitam os mecanismos indecifráveis da fé. Nesse esforço para disseminar os princípios institucionais, o movimentar das paixões é, seguramente, uma arma muito poderosa para a consecução dos objetivos.

O movimentar das paixões, o jogo de identidade e diferença que se encontra nas paixões análogas, é uma constante que não pode ser negada, não pode ser esquecida, pois se dá em toda completude do ato retórico-discursivo. Seja no exórdio, que deixa o auditório atento, dócil e benevolente; seja na constituição do *ethos*, que suscita a confiança; seja no uso dos argumentos, que trazem a autoridade, que incutem também confiança, que trazem a censura ao feio e o louvor ao belo.

O discurso que é socialmente constitutivo, que representa a estrutura social, além de persuadir e convencer, também contribui para manutenção da ideologia e hegemonia da instituição. Para isso, constrói-se por meio de estratégias retórico-argumentativas e, sobretudo, por exploração das paixões.

Embora o discurso religioso suscite, por si só, as paixões dos mais diversos auditórios e possa se valer de estratégias externas para espalhar-se, é na língua que se estrutura e se consolida. É na língua que revela as questões de autoria, as estratégias argumentativas, os apelos interdiscursivos e a intencionalidade. Se, por sua natureza mística, centrada em princípios dogmáticos seculares, a religião estabelece natural polêmica nos auditórios, vê-la

não em sua essência divinizada, mas, sim como produto lingüístico-discursivo, cremos, pode ser um caminho, ainda que modesto, para desvendar as artimanhas da argumentação pelo uso da própria língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- AMOSSY, Ruth (Org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo:Contexto, 2005.
- _____. As modalidades argumentativas do discurso. *In: LARA, Gláucia Muniz Proença. MACHADO, Ida Lucia, EMEDIATO, Wander. Análises do Discurso Hoje*. (Org). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008
- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética* 17. ed. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- _____. *Retórica das paixões*. Trad. Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARILLI, Renato. *Retórica*, Lisboa, Presença, 1979.
- BORDELOIS, Ivonne. *Etmologia das Paixões*. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro, Odisséia Editorial, 2007.
- CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos*. 2 ed. Trad. Israel Belo de Azevedo e Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2008
- CARDOSO, Sérgio. et all. *Os sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- CICERO. *Retórica a Herênio*. Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.
- FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo, Contexto: 2010.
- FERREIRA, Luiz Antonio. *Maria vai mesmo com as outras? Ethos e paixões na canção popular*. *In: CARMELINO, Ana Cristina. PERNAMBUCO, Juscelino. FERREIRA, Luiz Antonio. (Orgs). Nos caminhos do texto. Atos de Leitura*. Franca: editora Unifran, 2007
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- HALLIDAY, Tereza Lúcia (org). *Atos Retóricos – Mensagens Estratégicas de Políticos e Igrejas*. São Paulo : Summus, 1988.
- _____. *O que é Retórica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990

- LEBRUM, Gérard. O conceito de paixão. *In: CARDOSO, Sérgio et all. Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- MACHADO, Ida Lucia. MENEZES, William. MENDES, Emília. (Orgs). *As Emoções no Discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007
- MAGALHÃES, Célia M. (Org). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Fale – UFMG, 2001
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais definição e funcionalidade. *In: DIONÍSIO, Â. et all. Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002
- MEYER, Michel. *A Retórica*. Trad. Marly N. Pires. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- _____. *O Filósofo e as paixões: esboço de uma história da natureza humana*. Trad. Sandra Fitas. Porto, Edições ASA, 1994 .
- _____. *Questões de Retórica: linguagem, razão e sedução*. Trad. Antonio Hall. Lisboa: Nova Biblioteca 70, 1998.
- _____. *Problematologia*. Trad. Sandra Fitas. Lisboa, Dom Quixote: 1991.
- MENDONÇA, A. G. & VELASQUES, F. P. *Introdução as Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- _____. *O celeste porvir. A inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995.
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador Mosca (org). *Discurso, argumentação e produção de sentido*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- _____. (Org). *Retóricas de Ontem e de Hoje*. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 2004.
- OLIVEIRA, Inácio Rodrigues de. *Jornalismo Institucional, discurso religioso e persuasão*. Uma leitura sobre os processos argumentativos no Jornal Folha Universal. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC/SP, 2000.
- PEDRO, Emilia (Org). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho, 1997.
- PERELMAN, Chaïm. *O império retórico*. Trad. Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Lisboa: Edições Asa, 1993.
- _____. *Retóricas*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ & Lucie Olbrechts-Tyteca. . *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 2. ed. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PITTA, Sueli Cardoso. “*Deus-Pai é gostosinho e Jesus é pirado*”: um estudo das estratégias persuasivas no discurso da episcopisa Sônia Hernandez, da Igreja Renascer em Cristo. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC/SP, 2003.

PLEBE, Armando. *Breve História da Retórica Antiga*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1978.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. 2. ed. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RESENDE, Viviane de Melo & RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROUANET, Sergio Paulo. Razão e Paixão. In: CARDOSO, Sérgio *et all. Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

SILVA, Silvio Luiz da, *O movimento passional na construção de uma “verdade” jurídica*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC/SP, 2006.

TRINGALI, Dante. *Introdução à Retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

Sites:

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI39039-15228,00-NA+ONDA+DE+CRISTO.html> – último acesso em 18/10/2009

<http://www.boladenevechurch.com.br/> - último acesso em 25/03/2010

http://veja.abril.com.br/020797/p_086.html - último acesso em 18/10/2009

ANEXOS

ANEXO I

Pregação do Apóstolo Rina. Culto de domingo, dia 14 de Dezembro de 2008

Amados, infelizmente, nós temos o péssimo, porém vivido hábito, de questionar a Deus, seus caminhos, suas decisões, sua palavra, seus conselhos. Também infelizmente, constantemente, esse questionamento assume um papel de resistência e nos vemos envolvidos numa luta com Deus. E numa luta pelo controle das nossas vidas. Muitos são aqueles que amam a Deus, que desejam agradá-lo, segui-lo, servi-lo, mas realmente poucos são aqueles que conseguem entregar o absoluto controle de suas vidas a Deus. Esta luta pelo poder, pelo controle está em nós e é algo que nós precisamos vencer. Na verdade, quando Deus te criou, quando Deus me criou, ele assumiu o risco e eu vou dizer: o maior risco nos dando o livre-arbítrio. Diz pro seu vizinho: se você não sabe, você tem o livre-arbítrio. Ele poderia ter criado humanos programados pra crescer. Poderia ou não? Eu perguntei isso a Deus: Pai, por que o Senhor já não facilitou, já não criou os seus filhos com a disposição de te agradecer e dizer sim pra tua vontade? Deus poderia ter criado, sim, humanos programados pro sim. Sim, Deus. E vou dizer mais: se isso tivesse acontecido, o mundo não seria o caos que tem sido e não estaria no caminho que tem estado. Imagina os seres humanos dizendo: sim, Deus, não é pra haver fome, não é pra haver necessitados entre nós; sim, Senhor, nós vamos ajudar os carentes; sim, Pai, na nossa nação sobra, nós vamos ajudar as nações onde falta. Não haveria fome. Se assim fosse, não haveria guerra. Sim, Pai, nós temos que amar aos próximos, independente da opinião. Sim, Senhor, nós temos que amar aos próximos independente da cor, independente da raça, independente dos seus pensamentos. Sim, Pai, nós vamos... nós vamos respeitar os limites da nossa fronteira, nós vamos... não vamos desejar conquistar o mundo, nós não vamos... nós não vamos desejar nos impor sobre os nossos vizinhos. Não haveria guerra. Não haveria nem violência. Sim, meu Deus, eu entendi: não é pra roubar, não é pra matar, não é pra ferir, não é pra humilhar, não é pra desprezar. Sim, Senhor, eu vou fazer isso, não vou mais prejudicar ninguém. Ia ser uma maravilha, não ia? O mundo seria outro. Não haveria degradação da natureza. Sim, Senhor, nós já entendemos, nós temos que usar de forma inteligente os recursos naturais. Nós não vamos mais arrombar a camada de ozônio, nós não vamos mais derreter o planeta. Sim, Senhor, vamos procurar outros meios, outras formas. O mundo ia ser diferente. Haveria harmonia.

Haveria um contato pleno, sem ruídos. Uma comunicação que, com certeza, iria fluir entre a criação e o Criador, não haveria o mal. A atmosfera na Terra, seria uma atmosfera de adoração, os céus se fundiriam com a terra, ninguém saberia a diferença, mas se assim fosse, nós não seríamos filhos, nós seríamos robôs e Deus não criou robôs. Deus criou seres humanos e Ele espera que esses humanos guardem os seus mandamentos, escutem a sua Palavra, estejam atentos a sua voz, não por constrangimento, não por obrigação, mas por amor, diz pro seu vizinho: é por amor. Deus não quer obediência forçada, é por isso que ele respeita as suas decisões, as suas escolhas, Ele não quer obediência forçada. Deus nunca vai obrigar alguém a adorá-lo. Não. Ele não procura escravos adoradores. Ele procuram aqueles que o adoram em Espírito e em Verdade. Ele quer adoração daqueles que vêm com tanta fome da tua presença, com tanta vontade de dar graças que essa adoração brota lá das entranhas, lá da alma e ela se transforma em sacrifício a Deus. Isso agrada ao Pai. Deus não vai nunca induzir ninguém a lhe servir. Ele espera que nós façamos isso por amor. Até lá, nos últimos dias quando todo joelho se dobrar e toda língua confessar que Jesus Cristo é o Senhor. Isso não será uma ordem: humanidade, dobrem os seus joelhos. Não haverá anjos forçando pessoas a se ajoelharem, agora diga: abra a boca Jesus é o Senhor. Não. Esse será o reconhecimento dos homens sobre a divindade de Cristo. Sim, Ele é o Messias, Ele é o Filho de Deus, Ele é o único mediador entre Deus e os homens, Ele é a escada que nos leva ao Pai. Ai, todo joelho se dobra e toda a língua confessa. Deus nos deixou essa livre escolha e espera que nós nos voltemos a Ele por amor. Diz de novo pro seu vizinho: é por amor. Agora diz assim pra ele: você pode optar em aceitar esse amor ou não. Quem que te obriga? Quem que te obriga? Você é livre. Quem que te obriga? Deus correu o risco de ver a sua própria criação O rejeitando. Deus correu o risco de ver os seus, os seres humanos criados, negando a sua existência. O mundo acreditar mais numa grande explosão do que Nele. Ele correu esse risco. Ele sabia que isso podia acontecer. Porque Ele espera que os seus filhos se sujeitem a Ele por amor. Deus, aqui está o controle da minha vida. Não quero guerrear, não quero resistir. Eu baixo a minha guarda, por amor. Controla a minha vida, o Senhor deve saber como fazer. O Senhor me criou. Ah, uma pergunta que nós temos que responder todos os dias, não é só uma vez na vida, todos os dias você tem que responder pelo menos uma pergunta pra você mesmo e essa pergunta é: quem está no controle da minha vida? Diz isso em voz alta. Mais uma vez. Comigo agora: quem está no controle da minha vida? Com fundo musical. Que fundinho... por que você tá tocando essa música de cabaré no

fim de noite? Faz um som do céu, aí cara. Os convidados vão dizer: esse japonês tá caído. Quero ver vai. Com fundo musical. Que que o Léu vai contar lá na Austrália? Quem está no controle da minha vida. Todas as manhãs você se devia fazer essa pergunta. Quem manda? Quem está no controle da minha vida? Muita gente diz: eu, eu controle, eu decido, eu mando. Mas não manda nada. Porque pecou tanto que virou escravo do pecado. Não consegue acordar sem acender um baseado, não consegue dormir uma noite sem sair pra balada, sem se entorpecer, não manda nada. É escravo. Não tem controle nenhum da própria vida. Quem está no controle da minha vida? Se você crê, tem que ser Deus, porque Ele tem a verdadeira liberdade. Se você crê, tem que ser Deus. Agora, fazer de Deus o Senhor das nossas vidas, não é nada fácil. Simples, rápido, sem dor, prático é fazer o Senhor Salvador das nossas almas. Isso, você faz por fé. Não há esforço algum, mas fazer de Deus o Senhor das nossas vidas é outra história. Não é fácil. Nós quase sempre resistimos. Isso por quê? Porque muitas vezes nos achamos que sabemos o que é melhor. Quantas vezes, você olha pro céu e diz: aqui eu sei o que é melhor pra minha vida? Cê pode nem falar, mas as suas decisões comprovam a sua resistência. Quantas vezes, nós colocamos em xeque aquilo que Deus nos diz e só recebemos aquilo que nos convém? Quantas vezes nós perdemos a sua bênção numa batalha de vontades, onde a nossa sempre vence? Está sede de domínio, de controle tem que ser identificada, ela está em nós e é aquela velha história da segurança que você tem, estando no controle versus o que será da minha vida se Deus estiver no comando. E aí, sim, começar a andar por fé. Cê sabe quando essa luta se trava? Essa batalha se dá? Quando os nossos pensamentos, os nosso preconceitos, o nosso espírito crítico nos leva a julgar que aquilo que Deus está nos pedindo é impossível de se realizar. Isso acontece quando nós olhamos pra situações em nossas vidas em que Deus começa a exigir mudança e você diz: aqui não dá, isso não acontece, isso é impossível. É quando Deus te diz: perdoa aquilo que você crê ser imperdoável. É quando Deus te diz: aceita o que você pensou ser inaceitável. É quando Deus te diz: ama aquele que você acredita não merecer mais amor. São desafios e eles encontram resistência em nossos corações. Diga pro seu vizinho: às vezes, nós dizemos não e a luta pelo controle continua. Há um personagem bíblico que nos ajuda muito com a sua história, sua vida, sua biografia. Abra a sua bíblia comigo no livro de Jonas, capítulo 1. É um profeta menor. Oséias, Joel, Amós, Abadias, Jonas. Diz pro seu vizinho: tá em tempo de fugir ainda, hein? Não aproveitou agora, Deus vai te pegar, não vai ter jeito. Ninguém mandou vim na igreja, né? Quando eu venho na igreja, Deus

sempre me pega. O povo acha: ah, quem prega, né? Quem prega, quem prega é o que apanha primeiro. Né? Apanha quando tá preparando a palavra e apanha pregando. Jonas, capítulo 1, verso 1 e 2, diz assim: Veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim. Por enquanto, até aí, amém? Jonas foi um profeta de Deus, um oráculo de Deus na Terra. No antigo testamento não havia essa liberação profética que foi inaugurada na Nova aliança. Deus escolhia a dedo aqueles que Ele iria usar. Eles se transformavam em cornetas suas na Terra. Jonas foi um desses, foi um homem que viveu em Samaria, no reinado de Jeroboão II, 782 anos antes de Cristo, até 753 anos antes de Cristo. Seu nome já diz muito, porque o nome Jonas vem duma raiz hebraica que significa pombo e já dá logo a idéia de um pombo correio levando uma mensagem de Deus pra alguém. Esse homem é designado pra uma missão. A palavra de Deus vem até ele e Deus diz: Jonas, dispõe-te. Eu quero te usar, você vai se mover. Eu quero te destacar pra algo, pra uma missão especial. Você vai à grande cidade de Nínive. Só esse pedido já era algo que toda a resistência em Jonas seria a florada, porque Nínive era a capital dos assírios, inimigos dos hebreus. Inimigos dos judeus. Deus estava dizendo: vai até Nínive. Se fosse só pra ir até Nínive, Jonas já ia querer começar a lutar com Deus. Só de te que pisar naquela terra. Que que eu vou fazer na capital, na cidade coração dos meus inimigos? Só que a palavra de Deus vai além. Deus dá uma direção e diz: vá até aquela cidade, Nínive, e clama contra ela, vá até Nínive e clama contra ela. A Síria é o Nordeste da Palestina. E Deus disse: vá, você foi designado, essa é a sua missão impossível. Acho que veio um helicóptero jogou um Ockley e estava escrito lá: vá à assíria, a Nínive e esse óculos vai explodir em 30 segundos. Jonas leu aquilo, Jonas entendeu o recado e disse: isso não pode vim de Deus. Como é que Deus deseja algo assim pra mim? Deus é amor, Deus é bondade, Deus é querido, Deus é misericordioso, Ele me ama, que que Ele quer comigo em Nínive? E a bíblia disse que ele se dispôs. Se dispôs a fugir de Deus. Jonas odiava os assírios, Jonas odiava Nínive. Era mais ou menos como se Deus hoje enviasse um judeu pra pegar pro talibã, e dissesse pra algum deles: vai evangelizar o Bin Laden, encontra esse cara e vai pregar o meu amor. Toda a resistência do mundo. Agora, essa é uma história que nos confronta em nossos alicerces, em nossas raízes, em nossas convicções. Porque Jonas viveu uma batalha de vontades. Era a vontade dele versus a vontade do Pai, versus a vontade de Deus e muitos de nós estamos hoje vivendo batalhas assim. Na verdade, esse Jonas personifica a maneira de nós questionarmos a

Deus. Ele é um, ele é um tipo, ele representa as nossas reclamações, a nossa resistência para com os desígnios de Deus. A forma de nós falarmos não ao que nós sabemos ser a vontade de Deus pra nós. Diz pro seu vizinho: ninguém mandou você vim hoje. Antes de nós mergulharmos na profundidade da revelação da história de Jonas. Coloque aí o seu snorkel, sua máscara de mergulho, o seu pé de pato ou nadadeira como preferir. Mas por um instante feche os seus olhos e com os olhos da sua mente. Tenta se concentrar nas pessoas que você acha mais difícil de amar. Pena nas pessoas que mais te incomoda na face da Terra. Pessoas a quem você não consegue amar, elas só têm o seu desprezo, a sua hostilidade. Põe em cena as faces das pessoas que você mais critica e mais reprova. Com os olhos da sua mente traz a memória aqueles que você mais deprecia, aqueles que você jamais espera encontrar. Comece a imaginar agora, situações na sua vida que revelam resistência a vontade de Deus, áreas que você vem lutando com Deus. o controle ainda é teu. Áreas em que você insiste em desobedecer. Você sabe qual é o caminho, mas você está insistindo no atalho. Traga isso ao teu coração. Deus pode te dar algumas ordens em relação a essas pessoas, Deus pode te dar algumas ordens em relação a essas áreas, você pode ser desafiado a parar de lutar pelo controle. Pode abrir seus olhos. Ufa... como é difícil olhar pro umbigo, né? A gente gosta de ver o que tem errado naquele no outro, julga um, critica aquele, mas quando a gente tem que olhar pras nossas faltas, quando a gente tem que olhar pra dentro. Há áreas em nossas vidas que nós insistimos em desobedecer. Amém? Há áreas em nossas vidas que a obediência é parcial. Há áreas em nossas vidas que a desobediência é declarada. Isso não fica em oculto, os olhos de Deus estão em todos os lugares, Ele conhece os teus sentimentos, Ele conhece o teu coração. Há áreas em que nós temos que ser confrontados, nós temos que lutar. Tem gente que vai, se esforça, mas não consegue entregar tudo nas mãos de Deus, no meio do caminho falha, no meio do caminho pipoca. Outro dia chegou uma cartinha do irmão que veio pra igreja, começou a buscar a Deus, aí, ele entendeu que não era a vontade de Deus que ele continuasse bebendo que nem um louco. Ele gostava de beber, ele tinha uma coleção de cachaça em casa. Ele veio num encontro, Deus falou: pára, pára de beber, entrega. Ele foi tentar. Ele tinha dez garrafas de cachaça daquelas que ele trouxe uma do interior, não sei de onde, outra de Minas, não sei do quê. Coleção de cachaça, cachaceiro. Aí, ele foi tentar jogar as dez garrafas fora. Ele escreveu num bilhetinho, mandou pra gente, tava escrito assim: pastor, a primeira garrafa, eu abri, bebi só um copo e joguei o resto na pia, a segunda garrafa, eu abri, bebi só um copo e joguei o resto na pia, a

terceira, bebi o resto e joguei o copo na pia, a quarta, bebi na pia e joguei o resto no copo, a quinta, joguei a rolha na pia e bebi a garrafa, peguei a sexta pia, bebi a garrafa e joguei o resto no copo, a sétima garrafa, eu peguei no resto e bebi a pia, peguei no copo, bebi no resto e joguei a pia na oitava garrafa, joguei a nona pia no copo, peguei na garrafa e bebi o resto, o décimo copo, peguei a garrafa no resto e me joguei na pia. Não consegue ir até o fim. Tem até um pré-disposição, tem até uma vontade, mas não consegue se desvincular, não consegue se livrar daquilo, não consegue vencer. Há áreas nas nossas vidas que nós temos que entregar o controle, se você crê diga: amém. O que que aconteceu com Jonas? Ele ouviu de Deus: Nínive, Nínive. E a indignação foi imediata. Deus, Nínive? Cê tá de brincadeira? O Senhor sabe o que é Nínive pra nós. Poucas coisas poderiam ser mais difíceis pra esse homem. Como é que eu vou chegar em Nínive? E quando a revelação de Deus vem à tona, quando a vontade de Deus se torna conhecida, ele pede demissão. A Bíblia conta que ele desceu à Jope, verso 3: Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do Senhor para Társis, e tendo descido a Jope, achou um navio que ia para Társis, pagou, pois, a sua passagem e embarcou nele para ir com eles para Társis, para longe da presença do Senhor. Deus, isso que o Senhor me pede é duro demais, é difícil demais, eu não posso aceitar, eu não consigo isso pra mim, não dá pra viver algo assim, chega! Eles descem a Jope. Jope era uma cidade portuária. E quando eles chegam a esse pnto, quando ele chega a esse porto, ele pega o navio. O navio pra Társis. Társis era uma cidadezinha, na verdade uma vila, no litoral da Espanha. Cidades opostas entre si. Cada uma significando algo muito especial pra Jonas. Társis tinha o seu significado, assim como Nínive. Nínive, o resumo de tudo aquilo que ele tinha aprendido a odiar. Nínive, sinônimo de derramamento de sangue. Uma cidade extremamente violenta, sinônimo de destruição, uma cidade dominada pelo pecado, homens que não tinham nada de Deus, nada de bom, coração não estava tendendo a buscar a Deus, nada parecido com isso. Nenhum e-mailzinho pra Jonas dizendo: Jonas, tem pelo menos três aqui que querem uma célula, vem pregar pra gente, nada assim. Nada poderia ser mais repugnante pra esse homem do que ter que abraçar uma missão assim e ir ter que pregar lá. Nínive era ordem de Deus, mas ao mesmo tempo era tudo aquilo que ele não estava a fim de fazer. Abrir mão de uma situação cômoda, de saber como que ia ser, daquela zona de conforto, daquela segurança, por obediência a Deus, fazer o que ele não queria fazer. Essa era Nínive, mas ele escolhe Társis. E o que que é Társis? Társis, era o lugar mais longe possível da presença de Deus. Em Társis ninguém sabe quem eu sou, ninguém

sabe o que eu represento, em Társsis ninguém me acha, em Társsis, Deus não me usa, em Társsis, os anjos vão me procurar, não vão me achar, nem meu endereço, em Társsis, eu vou ficar numa redinha, quieto, esperando essa, essa vontade maluca de Deus passar. Társsis era um símbolo de escape dá chamada de Deus. Ele tinha uma chamada, ele foi convocado, havia uma palavra, uma confirmação sobre a sua vida. O que ele pôde fugir dessa chamada, ele fugiu. Társsis era a fuga de toda a responsabilidade, de toda realidade de Deus. Ele procurou viver uma vida de mentira e Jonas achou que assim ele ia botar um fim naquela luta pelo poder. Não, Deus, agora eu controlei, eu tomei as rédeas, essa é minha decisão e eu vou ficar em Társsis. Eu escolhi rejeitar a tua vontade, eu escolhi me afastar o máximo que eu pude da tua presença, nem pensa em tentar falar comigo. Pra nós, o que que é essa Nínive? É a revelação inegável da vontade de Deus. Ela está na Bíblia, ela foi confirmada, ela foi profetizada. Deus trouxe um do outro lado do planeta pra te falar que era isso, que era aquilo, que é assim que Deus deseja. Nínive é pra muita gente aquela renúncia que precisa acontecer pra você ser santo. É aquela que você sabe que patina, que vêm patinando, que toda hora Deus vem te mostrando, vem te pedindo um conserto. Deus vem pedindo um acerto. Nínive é isso. E quanta gente prefere fugir? Társsis é isso. Társsis é fuga. Társsis é um não. Társsis é Deus eu sei, eu ouvi, eu entendi, mas a minha decisão é essa. Nínive, tudo aquilo que as nossas críticas transformaram em nosso inimigo. Não quero, não quero nem sentir cheiro, não quero nem ver de perto. Não me sinto mais bem, não tenho nada com aquilo. Nínive? Aquela exortação do Senhor que vem sendo ignorada. Nunca é com você, sempre é com o do lado, com o da frente, é com quem tinha que te vindo ao culto, mas coitado, ele faltou, nem na internet está. E aquela palavra espada que penetra, incomoda, que vai profundo, é aquele acerto que Deus vem te pedindo. Nínive é uma obediência maior. Mas eu já obedeço. É uma obediência maior. Exige mais do que você está disposto a dar. E quando Deus olha pra alguns hábitos, quando Deus olha pra alguns vícios e te diz: se livra disso, se livra disso, se livra disso, isso tá te impedindo de caminhar, isso tá te impedindo de fluir, isso tá te impedindo de crescer. É quando Deus observa algumas atitudes que você sabe que não estão de acordo. É a maneira grosseira de tratar a esposa. É a resposta sempre na ponta da língua pro marido. É o desrespeito. É a explosão. É a ira. É o temperamento descontrolado. É aquilo que Deus te mostra e te diz: muda. Não há como você dizer algo em meu nome se isso não mudar, se isso não for transformado. Nínive é uma chamada de Deus pra que nós O coloquemos em primeiro lugar. E não há como estar diferente da voz que vem e pontua

áreas de nossas vidas. Não há como. Nínive é aquela chamada, aquele... aquela chamada ministerial, pastoral, aquilo que o cara sabe que está nele, que é com ele e... e, mas não quero... e se... e não... e ô... e ahmmmm... tá fugindo pra Társis, querido? Tá achando que essa guerra acaba assim? Vou fingir que eu não escuto mais a voz de Deus, vou me esconder em Társis e ali, acabou, ali, tudo está resolvido. Cuidado! Porque Társis, primeiro acontece na alma, depois no físico. Tem muita gente fugindo de Deus sem sair do local. Tem muita gente fugindo de Deus sem sair nem da igreja. E como é que que isso acontece? Não to em pecado. Não to fazendo nada de errado. Não está preenchendo a sua vida com coisas boas até, mas não está deixando espaço pra Deus, sem buscá-lo, sem ouvir a sua voz. Fugindo de Deus, sim. Não assumindo responsabilidades que você sabe que são suas. Não assumindo a chamada que Ele tem para a tua vida. Não assumindo o teu compromisso para com a igreja, para com a obra. Não atendendo a chamada de Deus, sempre se justificando, sempre contando uma história, tá ficando bom nisso já. Levando uma vida ativa e muitas vezes até na obra, mas sem apreensão de Deus. Muitos fugindo em muitas direções, mas sem a bênção de Deus. Muitos fugindo em muitas direções, mas com as suas vidas cheias de pecado. É Deus confrontando, é Deus mudando. Filho, Eu tenho o melhor pra sua vida, a missão é difícil, mas se você for, você vai ver a minha Glória. O que eu tô te pedindo parece dolorido, mas é pro teu próprio bem. Deus fala conosco. Filho, tô vendo esse teu dedão nervoso que tá zapiando, procurando pornografia na madrugada. Ungi esse controle pra ver seus olhos começam a ser bons, pro seu corpo passar a ser luz. Filho, quero te moldar, quero te usar, do jeito que você vem vindo, você vai se arrebetar. Filho, estou te tratando. Deus vem. Agora, diz pro seu vizinho: Jonas fez a pior escolha, ele apostou na falsa idéia de que poderia fugir de Deus. Alguém aqui acredita que consegue fugir de Deus? Se eu for pro lugar mais alto da terra, ali Ele estará. Se eu me esconder no abismo mais profundo, ali Ele me encontra. Se eu procurar uma caverna, o lugar mais obscuro da terra, ali Ele está. Onde é que eu poderia me esconder de Deus. Aonde é que você poderia se esconder de Deus? Em Társis? Será que Deus não te acha, ali? Será que Deus não está olhando? Será que Deus não está vendo, não está lendo, não está discernindo. Em Társis? Jonas acreditou que sim. Coitado. Aqui eu resolvi a história. Só que Jonas, nesse ponto, tem um encontro poderoso com o seu destino profético. Quando ele acha que ele fugir, ele entra naquele navio e a Bíblia diz que embarcou e dormiu, dormiu achando que tudo estava resolvido. Uhhhh, me livrei. Como ficou tudo mais leve, como ficou tudo mais fácil, sem tanta disciplina, sem tantas

obrigações, sem tanta responsabilidade. Uhhhh, como tá tudo mais fácil. Aqui, dormiu? Só que a biblia também diz que veio uma tempestade. Vira pro teu vizinho e diz: as tempestades sempre vêm? Começou a fugir de Deus, não se engane. Você pode até pegar um navio pra Társis, mas cê não vai encontrar um mar lisinho e aplainado. O vento vai começar a soprar do Ada. Teu barquinho vai começar a chacoalhar, você pode até tentar dormir e fingir que não está percebendo, mas alguém vai vim te acordar. Sabe quem? Aqueles que estão sendo prejudicados pelas suas decisões. Os marinheiros enfrentaram aquela tormenta, o barco começou a correr o risco de afundar. Sabe o que ele fizeram? Eles lançaram sorte. Alguém nesse navio está em pecado. Alguém nesse navio está sendo amaldiçoado pelo seu Deus. E Jonas lá. Ronccccc. Resolvi minha vida. Até que alguém lembra dele. Ah, tem um aí que tá dormindo. Alguém vai lá acordar Jonas. Ei, você está dormindo? É a pergunta mais idiota que existe, né? Você tá dormindo, alguém te acorda pra perguntar se cê tá dormindo. Jonas, você está fazendo o que aí dormindo? Não tá vendo que a gente está quase afundando, estão jo... estão lançando sorte. Alguém... alguém aí está mal com o seu Deus. Você já viu família que começa a afundar porque o pai que é o cabeça começa a se afastar de Deus. Você vai ver casamento que vai pelos piores caminhos possíveis porque o marido se afastou de Deus. Cê já viu pai que vai parar em hospital porque o filho se afastou de Deus. Não estou fazendo mal pra ninguém, estou fazendo mal pra mim mesmo. Pra você e pros que estão com você. Você não tá vendo o barco afundando. Não tá percebendo os ventos, não... não deu pra entender que não se acertar o barco vai afundar. Dormiu. Só que ele cai na real e diz: o problema sou eu. O meu Deus tem uma chamada, me escolheu, me separou, me enviou e eu estou fugindo. E aí, ele disse: se vocês me jogarem no mar, essa tempestade some, desaparece. Só que aí, ele trilhou um caminho achando: agora não me restou mais nada, eu fui desaprovado por Deus, eu não posso mais ser usado por Ele, Ele vai me matar, Ele vai me levar, acabou a minha história na Terra. Tá como muita gente que foge de Deus e começa a se sentir: não sou mais digno, não há nada mais em mim que possa agradar Deus, não há nada em mim que atraia a Deus, eu não consigo mais arrancar um sorriso Dele, eu me afastei, me resta morrer afogado. Me joguem no mar. Os marinheiros que não eram bobos nem nada, não perderam tempo: Jonas, olha quem tá ali. Na hora que ele olhou, eles empurraram ele. E a biblia diz que a tempestade... passou. O capítulo 2, do livro de Jonas conta como ele achou que a sua vida ia ter um fim. Agora diz pro seu vizinho: Deus transforma os fins em recomeços. Há uma história

de que num buteco, estava lá, exposta uma bolacha e um salgadinho. E o salgadinho era um daqueles salgadinhos ruins, malvados, daqueles salgadinhos oleosos, que ganham apelidos tipo: Jesus me chama. Comeu, morreu. E aí, ele olhava pra bolacha e a bolacha era toda bonitinha. E a bolacha acordava todas as manhãs e começava a cantar: eu sou uma bolacha, eu sou uma bolacha, eu sou uma bolacha. Um dia, o salgadinho se irritou e disse: eu vou matar essa bolacha, eu vou dá um fim nela, pegou um resolver... coxinha oleosa desgramada... pegou um resolver, na hora que a bolacha acordou toda contente: eu sou uma bolacha. O salgadinho mirou e pá... bem no meio e falou morreu, resolvi é o fim. No outro dia, na hora em que ele acorda, tá uma musiquinha cantando assim: eu sou uma rosquinha, eu sou uma rosquinha, eu sou uma rosquinha. Pior história do ano essa. Rssss... Diz pro seu vizinho: ele achou que você morreu? Cê é só uma rosquinha. Não tem mais jeito pra mim? Diz pro seu vizinho: tem. Cê acha que Deus ia desistir de você? Ser humano é bobo, né? Ser humano é bobo. Jesus foi enviado pra cruz. Deus mandou Jesus pra morrer por nós e você acha que Ele vai desistir de você, assim, tão fácil? Hein? Os homens podem desistir de você. Eu desistiria de Jonas. Eu diria: Jonas, no meu time, eu não quero mais. Que covarde, correu... da chamada, pra ele não tem mais vez aqui não. Os homens podem dizer: não. Mas Deus não vai desistir de você nunca. Amém? Você custou caro. Cê vale muito. Como é que Deus vai abrir mão de você assim. No capítulo 2, Jonas faz uma canção. Morrendo e cantando. Na minha angústia clamei ao Senhor e Ele me respondeu, do ventre do abismo gritei. E isso por quê? Porque Deus enviou um grande peixe. Diz pro seu vizinho: é um grande peixe, não é uma baleia. Que baleia é mamífero. É por isso, que tem gente que fala: isso era impossível, a garganta da baleia é pequenininha, não dá pra passar um humano por ela. Não dá mesmo, mas a bíblia não fala baleia. A Bíblia fala: grande peixe. Jonas tava lá, enrolado nas algas, prestes a morrer, dizendo: Deus agora acabou. O grande peixe vem e uau... Sabe quantos dias ele fica na barriga desse peixe? Três dias na barriga de um peixe, três dias. Aí, ele fala: acabou. Quando diz: falecia dentro de mim a minha alma e o Senhor lembrou-se mim, subia a minha oração. Aí, ele começou a entender. Agora diga: se você resolver fugir de Deus, o grande peixe vai te achar no mar da vida. Não adianta correr. Se correr o bi... o peixe te pega. Se ficar o bicho te engole, o peixe te engole. O peixe vai te achar, o peixe achou Jonas. E o que que é esse grande peixe? É o meio pelo qual Deus nos traz de volta aos seus caminhos. Diga amém: amém. E Deus sabe fazer isso bem, hein. O grande peixe é o desespero, são os problemas batendo à porta da tua casa... toc, toc,

toc. Achou que eu não ia te achar? Olha eu aqui oh, aprendi o teu endereço de cor. Chegou aqui até de olho fechado, chego pelo e-mail, uso o telefone pra te achar. Bato, uso quem eu quero. O grande peixe pode aparecer na tua porta até como um oficial de justiça. O grande peixe vem, às vezes, trazendo doença, trazendo enfermidade. O grande peixe vem, vem roubando a esperança, vem roubando a alegria, vem roubando a vontade de viver. O grande peixe vem, vem trazendo más notícias, vem te minando, vem te sugando. Tudo, tudo o que for necessário pra fazer com que você volte a olhar pra o teu Deus como a tua esperança exclusiva. Aleluia. Tudo o que for necessário. As portas vão se fechar, as torneiras vão secar. Nada te alcança. Até o ponto que você olha pro teu Deus e diga: tá bom, meu Pai, eu paro de fugir, aqui estou eu, toma o controle. É um som alarmante. Deus te deixa ficar um tempo ali, na barriga do peixe. É um tempo de meditação. Aquele... aquela época em que tem ficar você e Deus e ninguém mais. É aquele som que te faz questionar o propósito e a prioridade da sua vida. Deus deixa. Aí o que que acontece? Jonas fala: tudo bem, Pai, depois do que eu vivi, seja o que deus quiser, eu vou pra Nínive. Eu aceito o desafio, piso naquela terra. E o capítulo três, verso quatro, diz: Começou Jonas a percorrer a cidade caminho de um dia, e pregava, e dizia: ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida. Se encheu de ira. Quase morri mesmo, agora vou pras cabeças, vou falar tudo o que Deus quiser. Vejo Jonas caminhando por Nínive, um dia ele atravessou a cidade a pé. Trinta e nove dias e essa cidade vai ser arrebatada seus pecadores. Aí veio com gosto, né? São meus inimigos. Cês vão vê agora. Trinta e oito dias e não vai sobra um aqui, o fogo vai te queimar inteiro. Trinta e sete dias e vai ter um enchente aqui, não vai sobrar nem vaca pra contar história. Trinta e cinco, trinta dias, quinze dias, lógico que do dez pra baixo ele começou a lambar o peito, nove dias, oito dias, aí que o juízo..., cinco dias e o juízo de Deus vem. No dia, acho que o bicho nem dormiu. É hoje, é hoje. Vem Deus, arrebatando esse lugar. Amados, sabe o que aconteceu? Ele começou a pregar e o povo começou a ficar com medo de Deus. E o povo começou a se arrepender. Diz assim o verso cinco: Os ninivitas creram em Deus, e proclamaram um jejum. Eles começaram a jejuar e vestiram-se de panos de saco, desde o maior, até o menor. Chegou esta notícia ao rei de Nínive; ele levantou-se do seu trono, tirou de si as vestes reais, cobriu-se de pano de saco e assentou-se sobre cinza. Até o rei disse: o quê? Rasgou a roupa vestiu-se de saco, boto a cara no pó, fez jejum, ficou lá chorando. Verso sete: E fez-se proclamar e divulgar em Nínive: Por mandado do rei e seus grandes, nem homens, nem animais, nem bois, nem ovelhas provem coisa alguma, nem os levem ao pasto, nem

bebam água. A vaca ouviu Jonas pregando falou: até eu vou fazer jejum. Até os animais jejuaram. Quem sabe se voltará Deus, e se arrependerá, e se apartará do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos? Jonas lá, agora vai. Só que o clamor do povo subiu a Deus e o verso dez diz: viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria e não o fez. Diga: graças a Deus. Esse é o nosso Deus. Deus de misericórdia, de Graça. Deus que se compadece, Deus que está pronto a perdoar. Só que aí, o que acontece com o nosso personagem? Ele assume o controle de novo. Ele começa, de novo, a lutar com Deus pelo controle. O quê? O quê? O Senhor me faz passar essa vergonha. Fiquei quarenta dias aqui pregando pra ser envergonhado. A tua palavra não é com a minha boca. Isso não é possível, eu quero morrer. Se retirou, foi pro monte, desejou a morte. Chega, Deus brincou comigo, não é possível. E começou a brigar com Deus, porque Deus não marchou no ritmo dele. Já viu gente assim? Deus, eu fiz a sua vontade, eu obedeci, me doeu, me custou, mas eu matei a minha carne, eu crucifiquei o meu ego, eu me sujeitei, eu obedeci e deu tudo errado, eu preguei, eu entendi a chamada, eu fui, eu fiz, mas, e aí? Não teve resultado nenhum. Ninguém se converteu, não houve nada, não houve mudança nenhuma. Como é que eu vou acreditar no que o Senhor está dizendo? Não quero mais brincar. Deus, eu fiz, eu me sacrifiquei, eu obedeci. Eu fiz tudo como a cartilha manda, não tem resultado nenhum. Não estou vendo nada. Onde está a promessa? Onde está o cumprimento? Onde está aquilo que o Senhor disse que faria se eu cumprisse a minha parte na aliança. Jonas começa a lutar pelo controle de novo. Ah, eu te deixei no controle esse tempo, mas não deu certo, me devolve, eu vou fazer do meu jeito agora. Desejou morrer. O Senhor não fez, o Senhor não fez o que eu esperei que ia fazer. Já viu gente assim, que quer dar ordem pra Deus? Deus no meu tempo, no meu ritmo, vai, levanta, pula, derrama, abençoa, não bate o pé com muita força pra não ter terremoto, mas vai deus, faz tua parte, faz tua obra. Você acha que Deus vai se mover pelo seu estalar de dedo? Os planos de Deus vão além, são maiores. Uma plantinha começou a crescer atrás de Jonas. De forma sobrenatural, ela começou a crescer rápido, fez uma sombrinha pra ele. Ele se apaixonou pela plantinha. Ah, que plantinha linda, que gostosa, olha aqui, ela me dá uma sombrinha. Aí, Deus vem no outro dia, ele acorda e Deus matou a plantinha. E ele vai reclamar com Deus. Olha aí, Deus, como o seu coração não é bom, o Senhor matou uma plantinha. Olha que coisa, como o Senhor tira essa plantinha. O que que ela te fez de mal? E Deus diz o quê: Jonas, você tá com de uma plantinha e não tá pensando nas multidões que iam morrer

se não tivessem se arrependido? E aí, Jonas tem que se arrepender pela segunda vez. E, talvez, você tenha que se arrepender pela segunda vez. Talvez, a sua vida esteja, agora, num momento em que você possa dizer: eu questionei, mas eu cedi, eu cedi e fiz o que era pra ser feito, fiz o que era pra ser feito e quebrei a cara, me devolve o controle. E Deus está te dizendo: não, você não quebrou a cara, Eu continuo no controle, você só precisa confiar. A Nínive trouxe salvação pra uma cidade, a escolha Nínive salvou todo um povo, fez Jonas cescer. Ele aprendeu tudo sobre a misericórdia de Deus. A Társis, que que aconteceria com Jonas em Társis? Fala pra mim. Deus fez isso por amor a Jonas. Porque Deus podia levantar outro profeta e enviar pra Nínive do mesmo jeito. Ele fez isso pra curar Jonas, mas imagina Jonas em Társis, seu ministério paralisado, ele espiritualmente estagnado. E ali em Társis só imaginando: como é que teria sido se eu fosse a Nínive? O que teria mudado na minha vida se tivesse obedecido a Deus? Você pode até insistir em ficar na sua Társis, mas a sua vida vai perder o sentido. Você vai acordar com um buraco desse tamanho na alma e não vai ter nada nessa Terra que consiga te suprir. Porque se você tem uma chamada e foge dela, tua vida perdeu o valor. E pior que você sabe disso. Por que há quanto tempo esse coração não se alegra? Há quanto tempo você não sorri de verdade? Há quanto tempo você não sabe o que é alegria? Há quanto tempo você não sente aquela paz maravilhosa que te acompanhava quando você andava com Deus? Quando você fazia o que Deus te pedia. Jonas fez o que tinha que ser feito, mesmo errando. Deus deu uma nova oportunidade. Agora e você? Qual vai ser a sua decisão? Curva a tua cabeça e fecha os teus olhos. Vamos orar. Tem que haver entrega, tem que haver entrega. Ninguém conseguiu vencer uma luta contra Deus. O pior lugar pra se estar é num ringue com Deus. Por que tanta resistência? Tem gente que resiste tanto que até Deus se surpreende. É como se Deus perguntasse: o que que eu fiz pra você? O que que eu fiz pra você fugir tanto de mim? Você pode até comprar uma casa em Társis e dizer: ali, eu fico. Mas, aí, você não vai saber o que é ter Deus controlando a tua vida. Agora, por mais difícil que pareça, escolha a tua Nínive. Porque ela vai trazer razão pra tua existência, alegria e satisfação de ser usado por Deus, restauração pra todas as áreas da tua vida, um tempo de alegria, de comunhão com o teu criador. Se o mundo não pode viver essa harmonia, pelo menos eu e minha casa viveremos. Se o mundo tem que ser transformado, ele vai começar na minha vida, ele vai começar no meu lar. Jonas fez a decisão dele. Você também precisa fazer a sua. Pare de fugir de Deus, Ele te ama. Ele não desistiu de você. As pessoas podem ter te rejeitado. Você pode estar carregando

agora um estigma, uma marca, que te acompanha, mas Deus continua te olhando e te chamando de meu filho. Ah, se você cresce nos meus planos pra tua vida. e agora, está você aí, exatamente naquela linha que divide o natural do sobrenatural. A fé da incredulidade. Há um Deus que se importa e a única coisa que você precisa fazer é crer. Por isso, gostaria muito de fazer uma oração, principalmente, pelas pessoas que estão vindo pela primeira vez a esta casa. Se no teu interior você está dizendo: Pai, eu escolho a obediência, eu não quero mais fugir, eu não quero mais fugir, porque para quanto mais longe eu for, mais vazio eu fico, mais dor eu sinto, menos paz eu tenho. Eu não quero mais fugir, eu não quero... mais atravessar um período de seca na minha vida, que quero a Tua presença. Eu quero Te transformar não só em meu Salvador, mas em meu Senhor. Eu me sujeito a Ti. Se você é essa pessoa, ainda que esteja nos visitando, no lugar onde você estiver levanta a tua mão direita, bem alto, bem alto. Quero fazer uma oração por você. Deus, eu não vou mais fugir, aqui está a minha verdade, por pior que ela pareça, mas é a minha verdade. Que quero uma experiência contigo, eu Te quero no controle da minha vida. Se você levantou a mão, fique de pé, eu quero orar por você. Mesmo que você não tenha levantado a sua mão, se você quer receber essa oração, fique de pé no seu lugar, eu vou orar pela sua vida. Graças a Deus. A Igreja fica em espírito de oração. No lugar onde você está, fecha os teus olhos. Reconheça a voz Desses que vem te chamando já a tanto tempo. Usou pessoas, usou outros meios, mas falou. Falou agora, falou hoje, não dá pra negar. Se volte a Ele por amor, não por necessidade, não por falta de opção, mas se volte a Ele por amor, reconhecendo que Ele é Deus e você homem, que Ele está nos céus e você na Terra, que você precisa Dele. E faça uma oração simples, mas sincera e verdadeira, com os teus lábios declare assim: Jesus Cristo, eu creio em Tua santidade, em Tua divindade, em Teu poder e nessa noite, eu quero fazer de Ti, o meu Salvador e o meu Senhor. A partir de hoje, eu quero declarar com os meus lábios, crendo de todo o meu coração, tu és a minha esperança, a minha rocha, o meu socorro, em ti, eu encontro abrigo. A partir de hoje, Pai, a minha vida está em tuas mãos. Assume o controle. Que quero viver a alegria e todos os benefícios das Tuas promessas, de Te ter no controle. Eu Te peço, perdoa os meus pecados, livra-me de todo o sentimento de culpa que me oprime e que rouba a minha paz. Livra-me, permita que eu sinta ainda hoje a leveza espiritual daqueles que tiveram seus pecados perdoados. Escreve o meu nome no livro da vida, me livra de tudo aquilo que tenta me destruir, porque, a partir de hoje, tu és o meu Deus e eu sou o Teu filho, em nome de Jesus. Continua de pé. Pai querido e amado, nós

rogamos por estas vidas que estão de pé, ele se aproximaram com toda a sua fé, fazem de Ti Senhor e Salvador de suas vidas. Ah, meu Pai, há promessas pra aqueles que se achegam com temor, com tremor, com quebrantamento e sinceridade. Perdoa pecados, Pai, lava estas vidas no sangue do cordeiro. Limpa a mente, limpa o coração, quebra os grilhões, que haja libertação em Ti. Arranca essas vidas, eu Te peço, meu Deus, de toda influência de trevas para que eles sejam enxertados na videira. Ah, meu Senhor, na videira que é Jesus, que hoje, Tu que és a luz deste mundo, brilhe sobre todo homem que clama. Que ele possam sair daqui, sim, transformados, tendo em sua almas, Pai, a certeza, a convicção de que tu estás presente, de que Tua boa mão estás sobre estes, ah, Senhor, que eles sintam essa segurança e vejam em suas próprias vidas a fé nascendo, crescendo e os levando a uma nova posição, a destra de Deus em Cristo Jesus, a cima de tudo aquilo que vem tentando roubá-los de Tua Presença. Como Teu servo e teu sacerdote, eu os abençôo, rogo pelos seus filhos e Te peço, ah, meu Deus, guarda-os, preserva-os pra Glória e honra do Teu nome, em nome de Jesus, amém e amém e aleluia. Louvado seja o nome do Senhor, louvado seja o nome do Senhor, louvado seja o nome do Senhor. Ah, Graças a Deus, Glória a Deus, Aleluia. Podem se assentar. Vocês que deram os seus nomes, você fez uma oração e eu creio que foi de coração senão nem de pé você teria ficado. A igreja exige pra te dar toda a condição de se achegar, de crescer, de conhecer, de se aprofundar no conhecimento de Deus. Não saia dessa casa hoje sem deixar o seu nome, um e-mail, qualquer contato pra que nos possamos abençoar a tua vida, te ajudar, te dar suporte, pra que, em breve, você possa estar andando com Deus com as suas próprias pernas, tendo a sua história com Ele, as suas experiências com Ele. Sejam bem vindos. Mais uma salva de palmas a Jesus por essas vidas. Aleluia. Louvado seja o nome do Senhor. Aleluia. Eu preciso fazer uma segunda oração. Feche os teus olhos. A entrega gera o fluxo de amor de Deus, a entrega. Enquanto você resiste, Deus não pode agir. A hora em que você entrega, esse fluxo começa a ser derramado. Ele te encontra, ele te acha. A Graça do Senhor te alcança. A Misericórdia de Deus te envolve. A alegria brota. O amor de Deus vai mudando os teus sentimentos e você vai lembrando quem é pra Deus, o quanto é importante pra Deus. E vai aprendendo que nada nesse mundo pode te tirar da presença Dele, porque Ele te escolheu e te chama pelo nome. Por isso, com os teus olhos fechados. Há gente aqui que precisa se arrepender pela primeira vez. Pai, o Senhor me pediu isso tantas vezes, mas eu insisti. Eu continuei pecando, eu continuei errando, eu sabia que era contra a Tua vontade, mas eu fui, eu fui. O Senhor me

exortou. O Senhor usou a bíblia, usou o altar, usou o Pastor, usou o profeta, mas eu fiz, voluntariamente, aquilo que eu sabia que não era a Tua vontade. Pai, eu venho fugindo da minha chamada, eu sei que tu tens algo comigo nessa Terra, mas cada que passa, isso me dá mais medo, mais calafrio, menos vontade de cumprir a sua chamada eu tenho. Alguma coisa precisa acontecer. Pai, eu fugi tanto de Ti. Társis é tão longe de Nínive, que aqui onde eu estou não sinto mais o Teu amor. O que sinto? É que o Senhor me rejeitou. Ficou tudo tão difícil, não há mar. Esse é o grande peixe que te encontrou pra te trazer aos pés daquele que te chamou. Ele precisa voltar a ser a tua esperança e você vai ver completa todas as promessas que ainda não se realizaram em tua vida. A obra que Deus iniciou é completa. Ela não pode para pela metade. Os teus olhos verão nessa Terra tudo aquilo que Deus te prometeu acontecendo. Você só tem que crer e fazer Dele, Dele, a tua esperança. Agora, tem gente falando: Deus, eu cri, eu fiz, eu abri mão de tudo, eu fiz o que o Senhor pediu, eu preguei, eu fui pra Nínive, era muito mais fácil ficar em Társis, tava tudo tão mais confortável, mas eu fui pra Nínive, fiz o que o Senhor mandou e nada saiu do jeito que eu imaginei. Se arrependa, se arrependa, porque os propósitos de Deus na tua vida são muito mais sérios do que você pode imaginar. Não desista tão fácil, porque Ele nunca vai desistir de você. Se esse é você, se coloca de pé. Eu quero orar pela tua vida. Se essa é você, se coloca de pé, eu quero orar pela tua vida. Está na hora de você ter um encontro com o teu destino profético. Começa a adorar como aquele que volta. Dentro do peixe grande, você teve tanto tempo pra pensar na tua vida e você chegou a uma conclusão: sem Deus não dá. Então, clama. Faz desta música a tua oração, canta com a alma. Se volta por amor ao teu Deus. Chega, chega de fugir. A entrega gera o fluxo do amor de Deus. Por amor a ti, Deus insiste. Se renda. Deus está me mostrando uma mulher, que com todo o amor que diz ter a Deus, se afastou Dele o suficiente, pra em Társis e começar a sair com homem casado. Deus já te deu tantos alertas, Deus já te deu tantos avisos, você não se arrependeu, se você tem medo do teu pastor, procura a tua pastora, mas se acerta com Deus nesta noite, antes que esse peixe grande te encontre, porque Deus está me mostrando um acidente, se acerta com Deus nesta noite, que não haja mais um minuto de pecado oculto na tua vida. Continua adorando. Eu vi muitos espíritos liberados pela pornografia, controlando a vida de muitos aqui. Se renda e entrega essa área nas mãos de Deus, porque assim, você está insistindo em rejeitar a Sua Palavra. Se renda nessa noite e muda os teus hábitos, porque Deus me mostrou grandes peixes sendo liberados pra alcançar muita gente aqui. Se acerta hoje, se arrependa hoje e se volte a Deus por

amor, hoje. Algumas pessoas estão dizendo: Senhor, eu aceito a minha chamada, eu não vou mais fugir de ti. E Deus manda eu te dizer que a tua vida vai passar por grandes transformações, elas serão rápidas, elas serão rápidas, porque Deus tem pressa com a tua vida e você precisa chegar no lugar onde Deus deseja que você esteja. Declara. Vamos todos nos colocar de pé, dê as mãos pra quem está ao teu lado, dê as mãos, levanta a mão da pessoa que está ao teu lado, declare. Pra acabar, Te louvarei. Deus está me dizendo que Ele não aborta missões e que Ele não aborta chamados. Ele te chamou e você é insubstituível. Ergue a mão do teu irmão e declara comigo: se Deus é por nós, quem será contra nós? O Senhor é o meu pastor e nada me faltará. Oremos juntos. Pai nosso que estás nos Céus, santificado seja o seu nome, venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céus. O pão nosso de cada dia nos daí hoje, perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos os nossos devedores e não nos deixe cair em tentação, mas livra-nos do mal, pois teu é o Reino, o Poder e a Glória para sempre, Amém. Levanta a tua mão direita bem alto. Que o amor de Deus Pai, a Graça de Cristo Jesus, comunhão, unção e consolação do Espírito Santo da promessa e seja sobre cada um de nós de agora para todo o sempre até que Ele venha. Como servo e sacerdote do Deus vivo, eu te abençôo e libero uma palavra profética sobre a tua vida. Esse é o tempo que o Senhor vai te fazer enfrentar a tua Nínive, pois, ali, Ele vai te tratar ,e ali, tu serás vitorioso pra Glória e Honra do nome do Senhor Jesus. O Senhor te abençoe e te guarde, vá na Paz do Senhor, debaixo dessa unção e Graça em nome Jesus, Amém e Amém, Aleluia, Glória a Deus.



Voe alto, muito alto!

Observando o voo dos planadores, lembrei-me das águias de que trata o capítulo 40 do Livro de Isaías e de sua comparação àqueles que põem a sua confiança em Deus. Diz o seguinte o trecho a que me refiro, no versículo 31: “Os que esperam no Senhor renovarão as suas forças; subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão; caminharão e não se fatigarão”.

Primeiramente, a associação da águia aos que dão crédito à Palavra e acreditam nas suas promessas, comprova uma atitude de Deus para com os seus filhos: Deus os está querendo ensinar a voar. Depois, por causa das características do voo da águia, Deus os está querendo ensinar a voar mais alto e acima das situações que lhes possam parecer desfavoráveis.

A águia é uma ave peculiar. Em meio a uma tempestade, por exemplo, ao passo que as demais aves (e animais em geral) fogem e procuram abrigo, a águia vai de encontro às nuvens, utilizando a impetuosidade dos ventos para alçar um voo mais alto. A águia sobrevoa a tempestade e será o mesmo com os que “esperam” em Deus.

A proeza da águia é, de fato, bastante aplicável à nossa vida. É provável, por exemplo, que você mesmo, por vezes, encontre-se em situações de verdadeira tempestade, nas quais ao mesmo tempo em que um turbilhão de problemas o ameaçam, você geralmente se isola (para se proteger) e, limitado, não consegue enxergar uma saída. Então, é hora de Deus lhe ensinar a voar à maneira dele.

Isso não significa dizer que em todos os casos você terá situações melhores. O momento do voo alto da águia é aquele em que sentimos o cuidado de Deus e ouvimos a sua voz, falando brandamente no nosso coração, acalmando-nos e convidando-nos a subir até Ele, ter um momento de descanso, apenas pairando sobre as circunstâncias que nos afligem e enxergando as coisas de modo panorâmico e distanciado. O voo alto é, assim,

a compreensão da sua própria condição, dos princípios espirituais que a regem e da força que tem a sua fé quando depositada em Jesus Cristo. É uma experiência nobre.

Esse tipo de vida certamente traz paz, mesmo no meio da tempestade. Você aprende a não perder a alegria e a motivação e, por mais intensos os ventos da adversidade, a utilizá-los como meio de subida a um nível mais alto em Deus. Então, não perca tempo. Confie na Palavra do Senhor, comece a enxergar as coisas pela ótica daquele que está acima de todas as coisas, enfrente as tribulações e aproveite-as para voar muito, muito mais alto.

Deus o abençoe,

Ap. Rina

Receba também o Fala Pastor diariamente em seu celular.

Envie a palavra "falapastor" para 49820 e receba palavras que irão te edificar.

Serviço disponível para operadora Tim, Claro, Vivo, Oi e Brasil telecom.

Custo da mensagem recebida: R\$ 0,31 + impostos.

Duvidas envie gratuitamente a palavra "info + sua duvida" para 49820.

Igreja Evangélica Bola de Neve

Rua Turiassu, 734 Perdizes / São Paulo - SP

Cultos: Domingo 10h, 16h (tradução em Libras) e 19h / Quinta-feira 20h e Sábado 20h

Para saber os horários de cultos na sua cidade acesse o site: www.boladeneve.com

Para parar de receber nossos e-mails: [Clique aqui](#)



A sabedoria ou a tolice: qual você escolhe?

O texto que gostaria de abordar hoje encontra-se no capítulo 14 do Livro de Provérbios. Nesse capítulo, o versículo 8 diz o seguinte: “A sabedoria do prudente é entender o seu caminho, mas a estultícia dos tolos é enganar”.

Eis uma passagem de grande valor. Nela, de maneira muito objetiva e até mesmo incisiva, a Bíblia declara que a sabedoria, a essência do saber, está em conhecermos os nossos caminhos; e, contrariamente, a desgraça e a estultícia, em promovermos o engano. Assim, o sábio e o tolo são contrastados por meio de suas escolhas.

De fato, há nesta terra sábios e tolos. Os últimos são bastante conhecidos. Os tolos são aqueles que desejam se dar bem a qualquer custo e, portanto, não medem esforços para conseguir os seus objetivos: são pessoas que enganam, ludibriam, usurpam. Os tolos mentem e de tal forma, que acreditam em suas próprias mentiras.

O retorno para os tolos também é sabido: a tristeza, o vazio, a decepção e, na maioria dos casos, a perda do bom nome e do respeito familiar e social. Uma vez que a “lei da semeadura” é sempre cumprida — e que atributos como a mentira e a falsidade não levam a lugar algum —, mesmo que demore, o engano fatalmente vem cobrar o seu preço.

Certamente não passa o mesmo aos sábios. Se os sábios buscam conhecer o seu caminho, sábios são aqueles que procuram compreender esta vida, a história de sua passagem por aqui e, conseqüentemente, o seu ponto de partida, os propósitos de sua existência e o lugar onde desejam chegar.

Os sábios tampouco estão sozinhos. Eles contam com a direção de Deus, que os criou e sabe tudo sobre eles e que, como fonte inesgotável de amor, pode conferir-lhes tudo de que necessitam e orientá-los para viver com inteligência, intrepidez e ousadia, e tendo paz e honra com todos. A sabedoria não está nos estudos ou nos diplomas

universitários, mas no conhecimento das razões espirituais e do sentido da sua vida.

Por isso, se você anda vivendo como tolo, mude de lado sem demora. Empenhe-se em descobrir e conhecer o seu caminho e aquele que é, Ele próprio, “o caminho, a verdade e a vida”. Apegue-se com fé às Suas palavras e tenha acesso irrestrito ao coração de Deus, onde se encontra a verdadeira sabedoria.

No amor do Pai,

Ap. Rina

Receba também o Fala Pastor diariamente em seu celular.
Envie a palavra "falapastor" para 49820 e receba palavras que irão te edificar.
Serviço disponível para operadora Tim, Claro, Vivo, Oi e Brasil telecom.
Custo da mensagem recebida: R\$ 0,31 + impostos.
Duvidas envie gratuitamente a palavra "info + sua duvida" para 49820.

Igreja Evangélica Bola de Neve
Rua Turiassu, 734 Perdizes / São Paulo - SP
Cultos: Domingo 10h, 16h (tradução em Libras) e 19h / Quinta-feira 20h e Sábado 20h
Para saber os horários de cultos na sua cidade acesse o site: www.boladeneve.com

Para parar de receber nossos e-mails: [Clique aqui](#)

Fala Pastor

VOLTAR A SER CRIANÇA

Quem não tem vontade de voltar a ser criança?

Em Mateus 18:1-4, Jesus fala as características de crianças que devemos ter, pois não há outra forma de entrar no céu. E o assunto é sério, porque Ele não queria que seus servos demonstrassem infantildade ou irresponsabilidade. O texto nos desafia e o Espírito Santo sugere que algumas características devem ser geradas dentro de nós:

1- Saber o significado da palavra dependência:

Dependência é diferente de baixa auto-estima. A pessoa sabe que pode fazer, mas sabe também que precisa estar de mãos dadas com Deus. Em I Reis 3:7, Salomão, no início de sua carreira, sabia que não tinha habilidade, não se envergava sozinho e não tinha outro caminho a não ser estar com Deus para capacitá-lo, dirigi-lo. Por isso, foi o mais sábio e mais rico, ele era como criança e declarou a dependência de Deus! Se pararmos para analisar nossa vida, Quem está no controle?

2- Confiança:

Se disser para uma criança "pula que eu te seguro", ela pula, confia. Deus vive nos dizendo que somos abençoados, ungidos e amados, que nada faltará, que Ele nos suprirá, que conhece nossas necessidades. Como criança, acredite, pois se Ele promete vai cumprir! O Salmo 37:5 diz para confiar. Criança sabe pedir e receber! O que é de Deus é bom, mas precisamos querer o que vem d'Ele. Às vezes deixamos de sonhar, pedir e clamar, por acreditar que Deus não tem coisas boas para nós, mas Ele tem. Tem gente que acredita que o diabo dá (o que não tem) e Deus não. Achamos que Deus se esquece do que promete, mas Ele é o dono do ouro e da prata, é galardoador dos que o buscam. Tudo pode Deus nos dar e o Salmo 34:10 diz que bem nenhum nos faltará. Quando Deus abençoa, você pode escolher.

3- Sinceridade:

Nossa sinceridade deve ser como a de uma criança, que não magoa e trabalha com a verdade, porque o diabo é o pai da mentira. O pior é o auto-engano, quando sabemos que estamos mal e dizemos que está tudo bem. Nada do que nós passamos diminui o tamanho do amor de Deus por nós. Por isso, confesse seu pecado para Deus. Seja sincero em tudo. Relacionamentos que não falam a verdade, não têm nada com Deus.

4- Inocência (ausência de culpa):

É necessário estar em paz com todos inclusive com Deus. Quando há inocência a culpa é anulada. Todos os pecados estão justificados. Caiu, levantal.

5- Pureza (ausência de malícia):

Em Provérbios 30:12 vemos que pureza não é se "achar santo", é não ter mais malícia. I Timóteo 5:22 diz "conserva-te a ti mesmo puro, não participe dos pecados alheios". Nossos pensamentos são declarados e ouvidos nos céus como em megafones pelos anjos. Seja puro como uma criança!

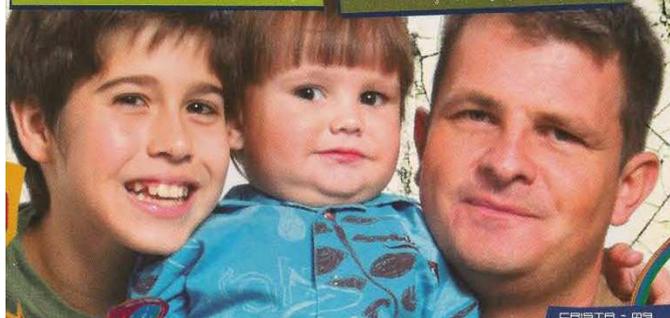
6- Facilidade de vencer a tristeza:

É pouco encontrada em nós, mas a criança vence muito fácil, quando um simples agradinho acaba com o choro. O Salmo 30:5 diz que o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã!

Às vezes, temos motivos genuínos para chorar, mas Deus vem e enxuga nossas lágrimas. É necessário acreditar nas promessas. Vença a tristeza como uma criança!

É preciso voltar a ser como criança!

Deus abençoe! Pr. Rina



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)